

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DE LITERATURA  
ESPECIALIDADE: LITERATURA BRASILEIRA  
LINHA DE PESQUISA: LITERATURA, IMAGINÁRIO E HISTÓRIA**

**VOSMECÊ ASSIM FICA CEGO:  
O PERSONAGEM-LEITOR NOS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS**

**RODRIGO DE AVELAR BREUNIG  
ORIENTADOR: PROF. DR. LUÍS AUGUSTO FISCHER**

Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE**

**2006**

*A Adria e Eltor Breunig,  
por tudo.*

## **AGRADECIMENTO**

A Luís Augusto Fischer, que, em suas aulas sobre os contos de Machado de Assis, disse que este trabalho deveria ser levado adiante e que sempre é bom ter uma pergunta definida em mente.

*Cecília corre as páginas com verdadeira ânsia,  
os olhos voam de uma ponta da linha à outra;  
não lê; devora;  
faltam só duas folhas, falta uma,  
falta uma lauda, faltam dez linhas, cinco, uma...  
acabou.*

(MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *O anjo das donzelas*)

## RESUMO

Este estudo levanta, registra, põe em contexto e organiza em estatísticas todas as principais passagens em que, em todos os 207 contos conhecidos que Machado de Assis publicou, os personagens desses contos lêem livros ou têm hábitos de leitura de livros referidos. O objetivo dos levantamentos propostos neste trabalho é demonstrar a recorrência insólita e expressiva, ainda não pesquisada na fortuna crítica do autor, com que esses personagens, aqui chamados *personagens-leitores* – os personagens que o enredo do conto identifica como leitores de livros – aparecem, manifestam-se em vários sentidos e ganham espaço considerável nas narrativas curtas de Machado. Depois de delinear um panorama histórico sobre as condições de circulação de livros e sobre os hábitos de leitura de livros no Rio de Janeiro em que Machado de Assis viveu – a partir dos papéis condutores exercidos por leitores, pelos livros, pelos autores, pelos tradutores e pelos editores do Brasil da segunda metade do século XIX –, este estudo resenha objetivamente, reproduzindo trechos e observando a função do personagem-leitor em cada narrativa, 123 contos de Machado em que personagens lêem livros ou aparecem como leitores de livros. O inventário realizado neste trabalho identifica e classifica livros e autores lidos, origem idiomática das literaturas lidas, leituras não-literárias, modos de leitura, padrões de modos de leitura em diferentes contos, o livro como objeto, idade e posição social do leitor, quantidade de personagens-leitores e de contos com personagens-leitores, leituras masculinas e leituras femininas, livros e autores e romances mais lidos, títulos de romances, conteúdos de romances, data de publicação do conto, época em que se passa a história narrada no conto, periódico ou coletânea em que o conto foi publicado, preços de livros lidos, leituras não-identificáveis e leituras identificáveis por assunto ou título ou autor, quantidade de contos em que é lido autor ou título ou literatura ou tipo de livro, e opiniões e pensamentos de personagens a respeito de leituras e de hábitos de leitura de livros.

## ABSTRACT

This study surveys, registers, contextualizes and organizes in statistics all the main passages in which, of all 207 known short stories published by Machado de Assis, the stories' characters appear reading books or have their book-reading habits referred. The surveys proposed in this work intend to show the extraordinary and expressive frequency, not yet examined in the studies about the author's works, in which these characters, here called *reader-characters* – the characters that the short story's plot identifies as readers of books –, appear, manifest themselves and receive considerable space in Machado's short narratives. After outlining a historical panorama about the conditions at which occur the circulation of books and about book-reading habits in the city where Machado lived, Rio de Janeiro – considering the leading roles practiced by readers, books, authors, translators and editors in the second half of the 19th century, in Brazil –, this study examines objectively, in reviews, 123 Machado's short stories that have reader-characters or references to characters that read books. The inventory brought about in this study identifies and classifies books and authors read, idiomatic origin of literatures read, non-literary readings, reading manners, patterns of reading manners in different short stories, the book as an object, age and social situation of the reader, amount of reader-characters and of short stories with reader-characters, female and masculine readings, most read books and authors and novels, novels' titles, novels' subjects, short story's first publication date, period of history in which takes place the story's plot, periodical or anthology that published the story, prices of books read, non-specified readings and readings specified by subject or author or title, amount of stories in which is read some author or title or literature or type of book, and characters' opinions and thoughts on readings and on book-reading habits.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1 LIVROS E LEITORES NO RIO DE JANEIRO OITOCENTISTA</b> .....	18
1.1 Livros juntam pó em estabelecimentos paupérrimos .....	18
1.2 Rio de Janeiro, o mundo dos livros .....	19
1.3 Plancher ajuda o Brasil a ser francês .....	21
1.4 Paula Brito e as mulheres .....	22
1.5 O rés-do-chão, lugar do estilo de telegrama .....	23
1.6 Platéia: ilusão total ou coisa existente? .....	25
1.7 Livros juntam pó em bibliotecas .....	28
1.8 O Garnier, os livros populares, os livros muito lindos e os livros baratos .....	29
1.9 Francisco Alves e os livros de venda garantida .....	35
1.10 Irmãos Laemmert, mercadores de livros e água-de-colônia .....	36
1.11 Chuva de folhetos .....	38
1.12 Traduções infundáveis .....	39
1.13 Dificuldades, direitos e o livro mais estimado .....	42
<b>2 CENTO E VINTE E TRÊS CONTOS</b> .....	45
2.1 O país das Quimeras .....	45
2.2 Frei Simão .....	46
2.3 Virginius .....	46
2.4 O anjo das donzelas .....	48
2.5 Casada e viúva .....	50
2.6 Questão de vaidade .....	50

2.7 Confissões de uma viúva moça .....	52
2.8 Linha reta e linha curva .....	53
2.9 O oráculo .....	54
2.10 O pai .....	54
2.11 Felicidade pelo casamento .....	55
2.12 Astúcias de marido .....	56
2.13 Fernando e Fernanda .....	57
2.14 Possível e impossível .....	58
2.15 Francisca .....	59
2.16 Onda .....	60
2.17 O último dia de um poeta .....	62
2.18 História de uma lágrima .....	62
2.19 Não é mel para a boca do asno .....	63
2.20 A mulher de preto .....	64
2.21 O segredo de Augusta .....	66
2.22 Luís Soares .....	67
2.23 O anjo Rafael .....	68
2.24 Miss Dollar .....	70
2.25 A vida eterna .....	73
2.26 O capitão Mendonça .....	74
2.27 Aurora sem dia .....	74
2.28 Mariana .....	78
2.29 Ayres e Vergueiro .....	78
2.30 Almas agradecidas .....	79
2.31 O caminho de Damasco .....	79
2.32 Ruy de Leão .....	80
2.33 Quem não quer ser lobo... ..	81
2.34 Uma loureira .....	81
2.35 A parasita azul .....	82
2.36 Uma águia sem asas .....	82
2.37 Qual dos dois? .....	84
2.38 Tempo de crise .....	84
2.39 O relógio de ouro .....	85
2.40 Decadência de dois grandes homens .....	85



2.41 Um homem superior .....	86
2.42 Nem uma nem outra .....	86
2.43 Ponto de vista .....	87
2.44 Os óculos de Pedro Antão .....	88
2.45 Muitos anos depois .....	88
2.46 Valério .....	89
2.47 Antes que cases... ..	91
2.48 A última receita .....	91
2.49 Um esqueleto .....	92
2.50 A chinela turca .....	93
2.51 O sainete .....	93
2.52 História de uma fita azul .....	94
2.53 To be or not to be .....	94
2.54 Encher tempo .....	94
2.55 O passado, passado .....	95
2.56 Uma visita de Alcibíades .....	96
2.57 Sem olhos .....	97
2.58 Silvestre .....	98
2.59 Um ambicioso .....	100
2.60 O machete .....	100
2.61 A herança .....	101
2.62 Antes da missa .....	101
2.63 Um cão de lata ao rabo .....	102
2.64 Dívida extinta .....	103
2.65 A chave .....	104
2.66 A mulher pálida .....	104
2.67 O alienista .....	105
2.68 Teoria do medalhão .....	107
2.69 D. Benedita .....	108
2.70 O anel de Polícrates .....	108
2.71 A Sereníssima República .....	109
2.72 O espelho .....	110
2.73 Verba testamentária .....	110
2.74 O programa .....	111

2.75 A igreja do Diabo .....	112
2.76 Papéis velhos .....	113
2.77 Conto alexandrino .....	113
2.78 Troca de datas .....	114
2.79 Singular ocorrência .....	115
2.80 Galeria póstuma .....	115
2.81 Capítulo dos chapéus .....	115
2.82 Anedota pecuniária .....	117
2.83 Médico é remédio .....	117
2.84 Cantiga velha .....	118
2.85 A segunda vida .....	118
2.86 Manuscrito de um sacristão .....	119
2.87 Ex cathedra .....	119
2.88 O enfermeiro .....	121
2.89 Evolução .....	121
2.90 Vinte anos! Vinte anos! .....	122
2.91 Conto de escola .....	123
2.92 A cartomante .....	123
2.93 Só! .....	124
2.94 Casa Velha .....	125
2.95 O dicionário .....	127
2.96 Viagem à roda de mim mesmo .....	129
2.97 Uns braços .....	129
2.98 O cônego ou metafísica do estilo .....	130
2.99 Curta história .....	131
2.100 Um dístico .....	131
2.101 A desejada das gentes .....	132
2.102 Pobre cardeal! .....	133
2.103 Antes a rocha Tarpéia .....	133
2.104 Identidade .....	134
2.105 Sales .....	135
2.106 Como se inventaram os almanaques .....	135
2.107 O caso Barreto .....	137
2.108 Um sonho e outro sonho .....	137

2.109 Uma partida .....	139
2.110 Vênus! Divina Vênus! .....	139
2.111 Um quarto de século .....	141
2.112 Missa do galo .....	142
2.113 A inglesinha Barcelos .....	143
2.114 A cena do cemitério .....	144
2.115 Um erradio .....	144
2.116 Orai por ele! .....	145
2.117 Idéias de canário .....	146
2.118 Uma noite .....	146
2.119 Uma por outra .....	146
2.120 Maria Cora .....	147
2.121 Pílades e Orestes .....	148
2.122 Um capitão de voluntários .....	149
2.123 Umas férias .....	149
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	151
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	164
<b>ANEXO</b> .....	169

## INTRODUÇÃO

Os personagens dos contos de Machado de Assis lêem livros o tempo todo. Eles lêem livros edificantes e livros corruptores. Lêem uma página de lição e uma gota de veneno. Não dormem antes de saber quem casou e quem morreu. Lêem sonhando. Vivem o que os heróis dos romances vivem. Sentem o que os heróis dos romances sentem. Entendem, muitas vezes, que o amor é o amor que existe nos livros. Percebem, de vez em quando, que a *vida real* está *fora* dos livros. Conhecem versos de cor. Enviam cartas dentro de livros. Folheiam livros ao acaso. Compram e emprestam livros. Compram livros por encomenda, ou de um belchior de livros, ou de alguém que vende livros debaixo de um passadiço, compram livros andando por algibebe e correndo por livrarias. Compram livros que acabaram de chegar da Europa. Adquirem romances parisienses às dúzias. Lêem livros encadernados em Paris e livros de capa de couro escuro e lavrado. Lêem rasgando as folhas com uma faca de marfim. Lêem livros grossos e folhetos finos. Lêem velhos tomos ensebados.

Os personagens dos contos de Machado lêem reclinados sobre um sofá, ou estendidos num divã, ou deitados na cama, ou diante de uma escrivaninha, ou de pé. Lêem no escuro e no claro, com a luz do dia e com luz de vela ou de um candeeiro de querosene. Lêem trancados no quarto. Lêem para matar o tempo. Lêem para chamar o sono. Lêem até cansar de ler. Lêem pela satisfação dos sentidos. Lêem para fazer uma digestão literária, porque ler depois de jantar é excelente. Ou nunca lêem depois do jantar, porque ler depois de jantar perturba a digestão. Lêem e transportam-se ao tempo da obra. Lêem os grandes nomes literários da época. Lêem em francês. Conversam sobre livros. Citam banalidades de romances para puxar assunto. Lêem em voz alta para os outros. Lêem para ensinar e para saber mais coisas sobre o mundo. Enterram a cara nos livros. Mergulham no meio de uma chusma de livros. Enlouquecem de tanto ler e adoecem de tanto ler. Lêem tanto que a cabeça lhes pende um pouco para a fren-

te. Lêem mais de um livro por vez. Lêem um mesmo livro várias vezes, cinco vezes, ou sete vezes, ou onze vezes, ou mais de vinte vezes. Lêem romances todos os dias. Lêem o dia inteiro. Lêem livros sobre música e sobre pintura, sobre a vida psíquica dos animais, sobre a anatomia dos olhos e sobre as razões físicas e metafísicas do amor. Lêem às carreiras, como quem vai salvar o pai da força. Ou lêem devagar, enfiando os olhos entre as sílabas e entre as letras. Marcam a página com um lenço, com uma conta do alfaiate, com uma tira de papel rubricada. Lêem bebendo café e fumando charutos. Lêem chorando. Lêem para encontrar consolo. Quando estão realmente aflitos, tentam ler e não conseguem ler nada.

De 1858 a 1907, Machado de Assis publicou 207 contos, ou 207 narrativas de forma breve ou quase breve, 207 narrativas que podem ser classificadas como contos. Em 131 desses contos há personagens lendo livros ou referências a hábitos de leitura de personagens que lêem livros. Temos, portanto, *personagens-leitores*, personagens que a narrativa revela como *leitores de livros*, em 63% dos contos de Machado de Assis.

Uma pergunta: existe, nos contos de Machado, alguma coisa tão freqüente quanto a leitura de livros por parte de personagens? Existe. Naturalmente há outras ações individuais recorrentes – ligadas aos costumes da sociedade – no mundo desses personagens. Entre essas ações recorrentes, porém, não há nada tão pessoal e definidor, e que receba tanto espaço de texto nas histórias protagonizadas por eles, quanto a leitura de livros. A leitura de um livro, especialmente nos contos de Machado de Assis, é única em seu vínculo com a inteligência construída de um personagem, com o interior elaborado de uma consciência ficcional.

Vejamos: personagens viajam ou chegam de viagem em 35% dos contos de Machado; em 36% dos contos há referências a música nas ações dos personagens; personagens vão ao teatro, falam de teatro ou são identificados como freqüentadores de teatro em 40% dos contos; personagens lêem jornais e revistas ou se referem à imprensa em 40% dos contos; personagens lêem, escrevem, mandam ou recebem cartas em 58% dos contos; e personagens andam pelas ruas do Rio de Janeiro em 62% dos contos. A quantidade de contos de Machado de Assis em que há personagens que lêem livros só é superada, consideradas as *ações recorrentes* dos personagens, pelo número de histórias em que há casamentos ou refeições: em 72% dos contos de Machado personagens casam-se ou falam sobre casamento; e em 72% dos contos personagens meramente almoçam, ou jantam, ou comem ou bebem qualquer coisa.

Nos contos de Machado de Assis, os verbos “ler” e “reler”, em todas as conjugações e sentidos, aparecem 874 vezes. Não estão longe, por exemplo, do copioso “amar”, que, no mesmo critério de contagem, aparece 1.109 vezes. E estão muito longe, por exemplo, do verbo “dançar”, que aparece 119 vezes em todas as conjugações. A palavra “leitura”, no singular e no plural, aparece 86 vezes nos 207 contos.

Quando não estão lendo livros, cartas e jornais, os personagens dos contos de Machado estão lendo algo nos olhos, na alma ou no coração de alguma pessoa. Personagens lêem algo no rosto de alguém, especificamente no rosto, em 17 ocasiões ao longo dos contos.

A palavra “livro”, no singular e no plural, aparece 409 vezes nos contos de Machado de Assis. A palavra “teatro(s)” aparece 246 vezes; a palavra “piano”, 125 vezes; e a palavra “música(s)”, 104 vezes. A palavra “romance(s)” aparece 177 vezes, e em apenas 10% dessas vezes o romance em questão é um caso amoroso.

Bem, este trabalho é um exercício de observação. Seu propósito é identificar todos os momentos em que, nos contos de Machado de Assis, personagens lêem livros ou têm algum hábito de leitura aludido, e, com isso, comprovar que a profusão de texto dedicada ao ato da leitura de livros por personagens ou a hábitos de leitura desses personagens, nesses contos, é algo fora do comum, significativo e digno de uma atenção especial.

Por que os contos? Por vários motivos. Porque o confronto de características determinadas de duas centenas de narrativas permite que se extraia desse conjunto padrões e dados numéricos comparativos. Porque em duas centenas de contos podem muito bem existir uns mil personagens diferentes. Porque não é comum que os estudos que abordem os contos de Machado de Assis considerem a totalidade desses contos. Porque Machado publicou contos ao longo de 50 anos, ao longo das cinco décadas em que o chamado *negócio do livro* e a chamada *vida literária* firmaram raízes no Brasil. Porque nos contos de Machado informações para uma história da leitura no Rio de Janeiro oitocentista, e no Brasil oitocentista, estão em toda parte. Porque 95% dos contos de Machado tiveram sua primeira publicação na imprensa, e porque um conto, mesmo que não tenha sido planejado para publicação na imprensa, é – em geral, claro – uma criação mais *imediata* do que uma novela ou um romance: o tempo entre a concepção e a publicação de um conto na maioria das vezes está mais perto, por assim dizer, da época em que ele foi escrito do que um romance; em geral, mesmo que conte uma lenda da

carochinha ou algo do tempo da Regência, um conto, pela proximidade média entre o momento em que começa a ser escrito e o momento em que é lido por seu primeiro leitor, está mais próximo do *tempo da vida real*, e mais próximo, se o conto pretende em algum grau apreender a realidade, dos *costumes reais* e dos *livros reais* da *vida real*. Porque um conto, por definição e por dimensão, é quase sempre uma história constituída apenas por elementos que precipitam a história, por fragmentos que, em geral, são indispensáveis ao autor e *determinadores* de uma *proposta criadora* do autor. Finalmente, porque este trabalho, tomando os contos como ponto de largada, pretende ser a base de uma futura tese de doutorado, de um estudo que examine o personagem-leitor em toda a obra ficcional de Machado de Assis.

Em 1975, o bibliotecário inglês Laurence Hallewell defendeu na Universidade de Essex, na Inglaterra, a tese de doutorado *Uma história da indústria editorial brasileira, com referência particular à publicação de obras literárias*. Em 2005, vinte anos depois de sua primeira publicação em português, a versão em livro dessa tese inestimável, *O livro no Brasil*<sup>1</sup>, a primeira e mais completa visão histórica do desenvolvimento das editoras comerciais no Brasil, uma história de um país inteiro a partir de seus autores, publicadores e leitores, ganhou uma segunda edição, revista, atualizada e ampliada. No prefácio do livro, Hallewell diz que tentar conhecer uma nação apenas pelos livros que ela produz seria mais ou menos o mesmo que tentar julgar uma pessoa por sua caligrafia. No entanto, diz Hallewell, poucas coisas envolvem tantos aspectos da vida de um país quanto sua publicação regular de livros, já que, em maior e menor medida, qualquer livro que venhamos a ler existe como expressão de valores culturais e ideológicos, existe dentro de um movimento industrial, e só existe se houver uma combinação adequada de condições geográficas, econômicas, educacionais, sociais e políticas. O “todo” do mundo dos livros, escreve Hallewell nesse prefácio, “proporciona uma excelente medida do grau de dependência ou independência do país, tanto do ponto de vista espiritual como do material”. *O livro no Brasil* vai servir de guia luminoso para as primeiras páginas deste trabalho.

O site *Machado de Assis: todos os contos* ([www.uol.com.br/machadodeassis](http://www.uol.com.br/machadodeassis)), criado e aprimorado entre 1998 e 2002 pelo jornalista Cláudio Weber Abramo, é, embora contenha muitas falhas, a *única* fonte que dispõe todos os contos de Machado e a *única* fonte onde esses contos podem ser lidos ao mesmo tempo – em ordem alfabética, em ordem cronológica de

---

<sup>1</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2005.

primeira publicação (com alguns contos situados em anos errados) e na ordem das sete coletâneas de contos lançadas por Machado em vida. O site reúne 217 contos, dez deles atribuídos a Machado pelo pesquisador Raymundo Magalhães Júnior. Não há consenso quanto à autoria desses dez contos. Este trabalho adota como universo de observação o site *Todos os contos* e as 207 narrativas reunidas nele cuja autoria é consensualmente atribuída a Machado de Assis.

Dois capítulos formam este trabalho. O primeiro capítulo sugere um quadro histórico amplo composto pelos livros e pelos leitores do Rio de Janeiro em que Machado viveu, um quadro amplo que, panoramicamente, através da exibição de alguns dos dados apurados nos levantamentos realizados para este trabalho, permita enxergar o quanto a circulação dos livros e os hábitos de leitura de livros na época ganham repercussão e deixam indícios na presença do personagem-leitor nos contos de Machado de Assis.

O segundo capítulo, o centro deste trabalho, resenha 123 dos 131 contos de Machado de Assis que mostram personagens lendo livros ou alusões a hábitos de leitura de personagens que lêem livros. As resenhas, uma para cada conto, reproduzem todos os principais trechos em que o personagem-leitor se manifesta nos contos e situam objetivamente cada trecho no contexto geral do conto. Os contos resenhados estão distribuídos aqui em ordem cronológica de primeira publicação, e têm referências ao ano de primeira publicação (ou ao ano do início da publicação seriada do conto), aos jornais e revistas e almanaques em que ordinariamente Machado os publicou e às coletâneas de contos em que eventualmente Machado os publicou (quando não pertencem a essas coletâneas, são referidos aqui como contos *avulsos*). Todos os trechos de contos reproduzidos tanto nesse capítulo central como em todo este trabalho são extraídos do site *Todos os contos*, que, quanto aos contos alterados por Machado para publicação em coletâneas, oferece as versões finais desses contos.

Dos 131 contos de Machado nos quais há personagens-leitores, oito, embora estejam incluídos no cômputo geral dos levantamentos deste trabalho, ficam de fora das resenhas do capítulo central por apresentarem menções superficiais à relação entre personagens e livros. São os seguintes oito contos: *Um dia de entrudo*, em que o personagem Batista, numa conversa sobre “fenômenos extravagantes” do “órgão visual”, explica a duas senhoras, favorecido pelo fato de ter “lido uns livros de ciência”, como é “a organização do nervo óptico”; *O caso da viúva*, em que Rochinha apenas abre “um livro de desenhos”; *Último capítulo*, em que Matias determina em seu testamento que o montante que venha a ser obtido com a venda de suas



roupas, de seu casebre e de seus “poucos livros” seja empregado “em sapatos e botas novas, que se distribuirão por um modo indicado”; *Trina e una*, em que Severiano espera o tempo passar “lendo, andando, mordendo o bigode”; *A idéia do Ezequiel Maia*, em que lemos que um personagem gosta “de ler romances e de ir ao teatro”; *Adão e Eva*, em que um personagem diz a outro que ele, o outro, naturalmente deve conhecer “outros livros” além da “Escritura”; *Um incêndio*, em que o personagem B..., oficial da marinha inglesa, ganha emprestados no hospital inglês do Rio de Janeiro “o *Times*, e livros de história e de religião”; e *Pobre Finoca!*, em que Finoca diz a uma amiga “Você lê muita coisa...”, e a amiga diz “Eu leio tudo”.

## 1 LIVROS E LEITORES NO RIO DE JANEIRO OITOCENTISTA

Este capítulo propõe um quadro histórico do *mundo dos livros* do Rio de Janeiro em que Machado de Assis viveu. Alguns dos números averiguados nos levantamentos realizados para este trabalho são exibidos aqui para que o personagem-leitor dos contos de Machado possa ser enxergado nesse quadro histórico.

### 1.1 Livros juntam pó em estabelecimentos paupérrimos

A Bíblia, o livro mais lido pelos personagens dos contos de Machado de Assis, não foi lida em português, no Brasil, antes da década de 1850. E Machado de Assis começou a publicar contos regularmente em 1864.

Antes da década de 1850, a importação de livros superava desmedidamente a procura por livros no Rio de Janeiro. Nas primeiras décadas do século, no que quer que fosse o comércio livreiro da cidade, os livros ficavam nas prateleiras por meses a fio, e a toda hora tinham de ser vendidos em leilão público. O que havia à venda eram edições portuguesas de obras de medicina e de religião.

Como destaca Laurence Hallewell em *O livro no Brasil*<sup>2</sup>, entre essas edições religiosas não estava a Bíblia em vernáculo. No fim do século XVIII, já não valia mais, em Portugal, a *proibição* do Rei Henrique – o Cardeal Infante D. Henrique havia proibido a Bíblia em verná-

---

<sup>2</sup> HALLEWELL, Laurence. *Op. cit.*

culo dois séculos antes. O Novo e, depois, o Velho Testamento surgiram pela primeira vez em português, então, nas décadas de 1770 e 1780, numa tradução do padre Antônio Pereira de Figueiredo – cujo *Novo método de gramática latina*, de 1752, aparece num conto de Machado de Assis ambientado na década de 1860: em *Um erradio*, publicado em 1894, um personagem ensina latim à esposa usando “a gramática do Padre Pereira”.

Mas era proibido exportar a Bíblia do padre Pereira para o Brasil. Na década de 1850, o missionário metodista norte-americano James Cooley Fletcher importou uma versão da Bíblia da Sociedade Bíblica de Londres (uma versão em português de 1821), e foi só aí que os brasileiros puderam ler as Escrituras em língua portuguesa – embora, como nota Hallewell, mesmo então “alguns bispos tenham deblaterado contra essa leitura”.

Depois da chegada da corte portuguesa ao Brasil, o Rio de Janeiro mudou muito de aspecto e cresceu para vários lados em função dos empreendimentos públicos de D. João VI. Aos poucos, mas progressivamente, aumentou o número de livrarias, que, segundo dados apresentados em *O livro no Brasil*, passaram de duas em 1808 para cinco em 1809, depois para sete em 1812 e, posteriormente, para doze em 1816. Esses dados sobre o número de livrarias no Rio de Janeiro do início do século não são categóricos: de acordo com Hallewell, visitantes que estiveram no Rio deixaram escritos afirmando que, no fim da década de 1810, havia apenas quatro livrarias na cidade. Doze ou meia dúzia que fossem, muitas dessas livrarias, diz Hallewell, “eram estabelecimentos paupérrimos”. Para comparar: em 1826, Buenos Aires tinha cinco livrarias; em todo o Chile não existiu uma única livraria antes de 1840; em Paris, já na década de 1820 havia 480 livrarias.

## **1.2 Rio de Janeiro, o mundo dos livros**

Nos anos 1820, após o fim do monopólio da Impressão Régia (inaugurada em 1808 pelo governo real) e de sua censura prévia na publicação de livros, e após um aumento da leitura em geral, provocado, como assinala Hallewell, “pelo furioso interesse por política que acompanhou as lutas pela independência do Brasil”, o número de livrarias no Rio de Janeiro começou a subir com mais vigor e logo se estabilizou. Mas o comércio de livros só se expande mesmo no reinado de D. Pedro II; é só a partir de então que um habitante do Rio pode *percor-*

*rer livrarias* atrás de um livro – no conto *D. Benedita*, publicado por Machado de Assis em 1882 e ambientado no fim da década de 1860, a protagonista percorre “nada menos de três livrarias”, num fim de tarde, atrás de um romance que “chegara da Europa na véspera”.

O *mundo dos livros*, no Brasil oitocentista, o mundo onde as pessoas escrevem, traduzem, publicam e compram livros, é o mundo do Rio de Janeiro. De todos os contos de Machado de Assis, se não incluirmos na conta as 17 narrativas, desse total, que têm pouca ou nenhuma ligação com lugares reais – narrativas fabulares, em que se diz “era uma vez um faraó”, em que o universo é um jardim de rosas, em que estamos no fim dos tempos, ou na Verona de Romeu e Julieta, ou diante de “um pedaço do evangelho do Diabo” –, apenas duas histórias desenrolam-se inteiramente fora do Rio de Janeiro, e ainda assim uma delas se passa em Petrópolis: *Linha reta e linha curva*, publicada em 1865, é a que se passa em Petrópolis, e não de fato *inteiramente*, porque nos últimos dois parágrafos os personagens estão no Rio; a outra, *Adão e Eva*, de 1885, passa-se na Bahia, “pelos anos de mil setecentos e tantos”. Nessa conta, pode-se dizer, portanto, que o Rio de Janeiro é cenário de 99% dos contos de Machado de Assis. E o Rio de Janeiro em que Machado viveu é o vórtice do comércio de livros de todo o Brasil. O advento da navegação a vapor, indica Laurence Hallewell, foi decisivo para o “triunfo final” do Rio.

Nessa época de navios a vela<sup>3</sup> o comércio de livros era uma atividade autônoma em cada parte do Império. Cada centro importante tinha seus próprios vínculos comerciais diretos com a Europa, de onde provinha a maior parte de seu material de leitura, e cada um deles esforçava-se para suprir suas demais necessidades com seus próprios recursos. Somente com o início de relações comerciais certas e fáceis com o Rio de Janeiro, proporcionadas pela navegação a vapor (e, em grau muito menor, pelas ferrovias após 1852), é que a produção local de livros começou a desaparecer em consequência da competição da capital. O triunfo final do Rio de Janeiro, apesar dos custos mais elevados da mão-de-obra, deve ser atribuído a seu *status* de capital. Isso foi ainda mais significativo durante o Império, com sua corte e sua administração relativamente centralizada, do que viria a ser sob a futura república federal. A *corte* (nome pelo qual o Rio imperial era conhecido de modo geral) atraía a nata do talento literário e intelectual do país; os produtos de suas editoras gozavam de um prestígio nacional que inexistia em quaisquer outros centros. [...] Em muitos casos, a demanda nas províncias era tão pequena que, antes de tudo, tornava duvidosa a viabilidade das edições locais [...]. É possível também que os franceses, que dominavam o comércio de livros na capital imperial, tenham sido mais empreendedores e bem-sucedidos do que os conservadores livreiros portugueses, que controlavam grande parte desse comércio nas províncias.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Antes da primeira viagem regular a vapor no Brasil, ocorrida em 1851.

<sup>4</sup> HALLEWELL, Laurence. *Op. cit.*, p. 126.

### 1.3 Plancher ajuda o Brasil a ser francês

O editor francês Pierre François Plancher chegou ao Rio de Janeiro no início de 1824, em questão de três meses recebeu de D. Pedro I o título de Impressor Imperial e em 1826 publicou a primeira novela brasileira, *Statira e Zoroastes*, de Lucas José de Alvarenga. Plancher chegou ao Rio dezesseis anos depois de feitas das primeiras experiências com impressão no Brasil. As primeiras impressões vinham sendo feitas por artesãos portugueses, com equipamento inglês. Porém, como afirma Hallewell, bastou a chegada de um “competente profissional francês das artes gráficas” para que elas “fossem remodeladas *à la française*”.

Desde os fins do século XVIII, o Brasil queria cada vez mais ser um país francês. A literatura brasileira queria ser francesa. Os leitores brasileiros queriam ler literatura francesa. Nos 207 contos de Machado de Assis, não há nada que os personagens leiam tanto quanto literatura francesa: de todas as leituras de livros que, nesses contos, podem ser identificadas por assunto, autor ou título, a maior parte é literatura francesa; 16% de tudo que os personagens dos contos de Machado lêem é literatura francesa; se levarmos em conta apenas as leituras *literárias* (romances, novelas, drama, poesia), 30% do que eles lêem é literatura francesa.

A teoria e a prática políticas [no Brasil] eram dominadas por influências francesas; a arte estava sendo confiada deliberadamente a professores franceses [...]; a literatura brasileira era quase inteiramente inspirada na francesa; mesmo os costumes sociais extremamente conservadores do país estavam sendo lentamente transformados pela admissão generalizada de que a França era a única nação civilizada no mundo ocidental.<sup>5</sup>

[...]

Mesmo que não houvesse tal receptividade à influência francesa, o impacto da chegada de Plancher sobre a vida cultural do Brasil recém-independente seria formidável: um importante editor do centro livreiro da Europa [...] subitamente se estabelece com as mais recentes técnicas de impressão e os mais modernos métodos comerciais no pequeno Rio com apenas uma dúzia de livrarias e meia dúzia de tipografias.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> “No fervor de seu nacionalismo recém-descoberto”, escreverá Hallewell 50 páginas adiante, “o Brasil passou a responsabilizar a herança portuguesa pelo atraso nacional e [...] a identificar tudo o que era francês como moderno e progressista”.

<sup>6</sup> HALLEWELL, Laurence. *Op. cit.*, p. 146.

## 1.4 Paula Brito e as mulheres

Por volta de 1840, a loja de Francisco de Paula Brito, localizada na praça Constituição<sup>7</sup> e assim situada fora da área mais elegante e valorizada da cidade – a área da rua do Ouvidor e de suas livrarias francesas –, era o ponto de encontro literário mais proeminente do Rio de Janeiro – uma “façanha notável”, pondera Hallewell, “porque seu proprietário era um mestiço, autodidata de origem muito humilde”. Paula Brito, sucessor de Plancher como principal editor brasileiro, tornara-se o livreiro preferido da elite intelectual do Rio de Janeiro. Em *Quem conta um conto...*, história publicada por Machado em 1873 e transcorrida “coisa de sete anos” antes, Luís da Costa, um personagem que tem por vocação “o gosto de dar notícias”, lá pelas tantas diz que deu uma notícia “hoje na loja do Paula Brito”. Em *Singular ocorrência*, de 1883, Andrade vê Marocas pela primeira vez, por volta de 1860, “à porta da loja Paula Brito”.

Paula Brito – que, lembra Hallewell, deu emprego “ao jovem Machado, que começou como revisor de provas e deu início à sua carreira literária como colaborador de *A Marmota Fluminense*<sup>8</sup>” – foi um editor atento ao incipiente mercado leitor feminino. Nos contos de Machado, 24% dos personagens-leitores são mulheres, e 87% das leituras identificáveis dessas mulheres são leituras literárias.

Muita coisa havia mudado no Brasil no intervalo entre a Independência e a maioridade de D. Pedro II. [O historiador] João Camilo de Oliveira Torres chegou a nos dizer que esse período testemunhou progressos sociais mais importantes do que qualquer outra coisa ocorrida nos cem anos seguintes. O maior deles, no que diz respeito à publicação de livros, foi a valorização da condição da mulher, criando um público leitor feminino suficientemente numeroso para alterar o equilíbrio do mercado. Até então, o Brasil tinha seguido os costumes impostos pelos mouros a Portugal durante a Idade Média. As senhoras raramente saíam de casa, a não ser para ir à missa, e tinham como únicas ocupações a confecção de renda, o preparo de doces e os mexericos com as escravas da casa. Apenas na década de 1820 – e muito mais tarde nas províncias –, o analfabetismo feminino deixou de ser encarado como um sinal de nobreza: esse traço era tido como uma contribuição essencial à moralidade, pois evitava os amores secretos por correspondência!

[...]

O volume de publicações de Paula Brito dirigidas às mulheres, a começar pelo primeiro lançamento, em 1832, *A Mulher do Simplicio, ou a Fluminense Exaltada*, torna evidente que esse editor estava consciente da existência desse novo público leitor. *A Mulher do Simplicio* foi a primeira revista feminina do país e foi impressa por seu velho amigo e mestre, Plancher. Subsistiu

<sup>7</sup> Hoje praça Tiradentes.

<sup>8</sup> Revista feminina de Paula Brito.

até 1846, mas sua sucessora, *A Marmota*, durou, com algumas mudanças secundárias de título, de 1849 até 1864, três anos após sua morte. Antonio Candido destaca<sup>9</sup>, com razão, a importância destas e de outras revistas na ampliação do mercado, fazendo com que os autores se habituassem a escrever para as mulheres ou para o público familiar.<sup>10</sup>

## 1.5 O rés-do-chão, lugar do estilo de telegrama

No conto *Confissões de uma viúva moça*, de 1865, a protagonista escreve a uma amiga: “As minhas cartas irão de oito em oito dias, de maneira que a narrativa pode fazer-te o efeito de um folhetim de periódico semanal”. Em *Quem não quer ser lobo...*, publicado em 1872 e ambientado em 1863, um personagem toma uma decisão importante ao ler “o título de um capítulo de folhetim que um dos jornais estava publicando”. Poucos anos depois da popularização do romance-folhetim na França, a leitura de ficções em série se disseminou no Brasil a partir da década de 1840.

Em *Folhetim: uma história*<sup>11</sup>, livro reimpresso pela editora Companhia das Letras em janeiro de 2006, dez anos depois de seu lançamento, Marlyse Meyer cita a data inaugural da ficção em folhetim: 5 de agosto de 1836, quando o clássico *Lazarillo de Tormes* começou a ser publicado em fatias na imprensa francesa.

De início, ou seja, começos do século XIX, *le feuilleton* designa um lugar preciso do jornal: o *rez-de-chaussée* – rés-do-chão, rodapé –, geralmente o da primeira página. Tinha uma finalidade precisa: era um espaço vazio destinado ao entretenimento. E pode-se já antecipar, dizendo que tudo o que haverá de constituir a matéria e o modo da crônica à brasileira já é, desde a origem, a vocação primeira desse espaço geográfico do jornal, deliberadamente frívolo, oferecido como chamariz aos leitores afugentados pela modorra cinza a que obrigava a forte censura napoleônica. (“Se eu soltasse as rédeas à imprensa”, explicava Bonaparte ao célebre Fouché, seu chefe de polícia, “não ficaria três meses no poder”.) Quem sabe se traçar a crônica do folhetim não é um pouco fazer o folhetim da crônica!<sup>12</sup>

<sup>9</sup> No ensaio “O escritor e o público”.

<sup>10</sup> HALLEWELL, Laurence. *Op. cit.*, p. 160.

<sup>11</sup> MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>12</sup> MEYER, Marlyse. *Op. cit.*, p. 57.

O primeiro tradutor de folhetins no Brasil foi, na década de 1840, o professor, jornalista e deputado Justiniano José da Rocha. Justiniano traduziu folhetins famosos como *Mistérios de Paris*, de Eugène Sue, e *O conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas, e traduzia tão rápido<sup>13</sup> que o *Jornal do Comércio* conseguia publicar as histórias quase ao mesmo tempo em que elas saíam na imprensa de Paris.

Nos anos 1870, segundo *O livro no Brasil*, até um escritor desconhecido poderia ganhar por mês cerca de 70\$000, setenta mil-réis, pela tradução de folhetins do francês, e um autor consagrado ganhava 200\$000 por mês para produzir originais brasileiros. Duzentos mil-réis era o equivalente a seis salários de um professor de escola rural, e era suficiente, diz Hallewell, “para que Aluizio Azevedo vivesse, nessa ocasião, exclusivamente de seus escritos”.

Alexandre Dumas – lido ou citado por personagens em quatro contos de Machado de Assis – e Eugène Sue, esses autores traduzidos em velocidade por Justiniano José da Rocha, foram essenciais no assentamento e na propagação do romance folhetinesco.

Em *Viagem à roda de mim mesmo*, conto publicado por Machado em 1885, ambientado em 1864, um personagem pega “casualmente nos *Três Mosqueteiros*” e lê “cinco ou seis capítulos” que lhe fazem bem e lhe abarrotam “de idéias petulantes”. Em *Missa do galo*, de 1894, a edição de *Os três mosqueteiros* que Nogueira lê numa noite de Natal “pelos anos de 1861 ou 1862” – e que o deixa “completamente ébrio de Dumas” – é uma “velha tradução”, ele crê, “do *Jornal do Commercio*”.

Alexandre Dumas, na esteira de Walter Scott [lido nos contos *O anjo Rafael* e *Capítulo dos chapéus*], com as artimanhas do excelente dramaturgo que é, cavouca segredos de alcova e mexericos de outros tempos, ressuscita espadachins e suas bravatas, ministros, rainhas, lançando o caudal do folhetim histórico, aquele que para muitos de nós fez as vezes da verdadeira História. Que outra informação temos nós, em geral, sobre Ana d’Áustria ou Richelieu senão aquela que nos fornecem *Os três mosqueteiros*, até hoje um dos livros de maior vendagem universal? Até na China... E ainda que não tenhamos lido Byron [leitura de personagens nos contos *Aurora sem dia* e *Dívida extinta*], podemos imaginar o herói byroniano sob as roupagens e os esplendores orientais do conde de Monte Cristo, o grande vingador.<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Ditando alternadamente, conta Laurence Hallewell, “a dois amanuenses – que se sentavam nos extremos opostos da sala enquanto ele andava, a passos largos, entre um e outro – [Justiniano] terminou *Mystères de Paris* em um mês e *Monte Cristo* em dois meses e meio!”.

<sup>14</sup> MEYER, Marlyse. *Op. cit.*, p. 67-68.



Um folhetinista de sucesso na década de 1860 era o francês Pierre Aléxis Ponson du Terrail. No conto *O anjo Rafael*, publicado por Machado em 1869, temos um rapaz “educado com o estilo de telegrama dos livros de Ponson du Terrail”. Em outras palavras, um “estilo de telegrama” é um “grude que amarra o leitor”:

Nada melhor, com efeito, para definir o indiscutível grude que amarra o leitor ao romance mais conhecido de Ponson du Terrail [*Os dramas de Paris*, reunião das aventuras do personagem Rocambole] do que a tautologia nascida da própria cadeia semântica originada do nome – de início mera alcunha do herói-título: é rocambolesco.<sup>15</sup>

### 1.6 Platéia: ilusão total ou coisa existente?

O primeiro recenseamento geral do Império, em 1872, revelou um país praticamente sem leitores: 84,3% da população brasileira não sabia nem ler nem escrever. Em *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*<sup>16</sup>, tese de doutorado lançada em livro em 2004, Hélio de Seixas Guimarães, investigando a fundo quem foram os leitores que primeiro leram Machado e investigando a fundo a obsessão com que os narradores machadianos se dirigem a leitores imaginários, defende que a fase madura de Machado, a fase das obras publicadas depois de 1880, é uma reação à descoberta de que os leitores no Brasil não existem (“nos romances da segunda fase”, escreve Hélio Guimarães, “os narradores passam a impressão cada vez mais aguda de que a platéia é ilusão”).

Hélio de Seixas Guimarães confronta as parcelas populacionais do público leitor na Europa e nos Estados Unidos, extraordinárias se comparadas à do Brasil: em 1878, 70% da população da Inglaterra era alfabetizada e 77% dos franceses sabiam ler; nos Estados Unidos, em meados do século XIX, 90% da população branca era alfabetizada e escritores viviam exclusivamente de direitos autorais, e apenas na década de 1850, também nos Estados Unidos, 32 obras registraram vendagem igual ou superior a 225 mil exemplares. Hélio Guimarães refere uma observação, citada por Hallewell em *O livro no Brasil*, da viajante norte-americana

<sup>15</sup> MEYER, Marlyse. *Op. cit.*, p. 87.

<sup>16</sup> GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Edusp, 2004.

Elizabeth Agassiz: ela registrou, no relato *Viagem ao Brasil 1865-1866*, que “nada impressiona tanto o estrangeiro como essa ausência de livros nas casas brasileiras”.

No Brasil dessa segunda metade de século, sinaliza Hélio Guimarães, as leituras em voz alta, para auditórios domésticos, “atingiam numeroso público ouvinte certamente a ser considerado entre os destinatários dos romances”. No conto *Nem uma nem outra*, publicado por Machado de Assis em 1873 e passado em 1860, uma personagem simula um ataque de nervos para interromper uma aborrecida leitura pública do namorado romancista, o qual, diz ela, “aparece cá em casa com uns rolos de papel e lê aquilo tudo na sala”. No conto *Encher tempo*, publicado em 1876 e ambientado trinta anos antes, um rapaz lê “em voz alta uma novela” e a mãe interrompe a leitura aqui e ali “com reflexões substanciais de moral e disciplina”.

O desejo de adquirir objetos valiosos, o desejo por *livros* valiosos, era, assim como o hábito das declamações em família e entre conhecidos, decorrência de um absorvimento crescente, no Brasil, dos costumes da elite européia. Mesmo assim, se a população brasileira alfabetizada já era um número pequeno, o público leitor de livros era uma fração desse número.

Segundo dados utilizados por Hélio Guimarães, dados do censo de 1872 e do segundo recenseamento, de 1890: em todo o século XIX os alfabetizados jamais chegaram a 30% da população brasileira; o perfil do leitor e a quantidade proporcional de leitores são índices que não mudaram muito no Brasil oitocentista, ao contrário dos casos de França, Inglaterra e Estados Unidos, nos quais o leitorado explodiu junto com a emergência do romance; em 1872, 18,6% da população livre e 15,7% da população total (incluídos os escravos) sabia ler, e só 16,9% dos quase dois milhões de meninos e meninas em idade escolar (de seis a quinze anos) freqüentavam escolas; em 1890, a porcentagem de alfabetizados caiu, e 85,2% da população total foi registrada como analfabeta. E: segundo o censo de 1872, de uma população total de quase dez milhões de habitantes, doze mil brasileiros freqüentavam a educação secundária e oito mil brasileiros eram bacharéis, o que, diz Hélio de Seixas Guimarães, “significa que o número de pessoas efetivamente capazes de ler e escrever era certamente muito menor”.

Por outro lado, Rio de Janeiro da época, o Rio de Janeiro em que viveu Machado de Assis, era uma *cidade de exceção* no Brasil. Era uma cidade de leitores. Era ao menos uma cidade de leitores possíveis. No meio de todos os personagens de todos os contos de Machado há

apenas um adulto declaradamente analfabeto: Marocas, em *Singular ocorrência*, não sabe ler, e aprende a ler com o amante.

O Rio de Janeiro *leitor* de então é examinado pela antropóloga Alessandra El Far em *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*<sup>17</sup>, um livro sobre livros populares. No fim do Oitocentos, como ressalta a antropóloga, o índice de analfabetismo do Rio de Janeiro era o menor do país. Quase metade da população carioca era oficialmente capaz de ler. Em 1890, o número de habitantes do Rio, 522 mil, tinha quase dobrado em vinte anos. Como 57,9% dos homens e 43,8% das mulheres foram registrados como alfabetizados nesse segundo recenseamento, na capital moravam 270 mil pessoas oficialmente capazes de ler e escrever. Em 1906, ano em que Machado lançou *Relíquias de casa velha*, o número de leitores possíveis na cidade chegaria a 400 mil.

Portugal, nesse período, era uma nação com índices de analfabetismo semelhantes aos do Brasil, o que não obstruiu o desenvolvimento de uma indústria de livros exuberante nos centros urbanos de Lisboa e do Porto (e o livro como negócio, no Brasil, progrediu muito devido à abrangência da relação comercial com Portugal).

Ainda segundo números apresentados por Alessandra El Far: em 1890, 79,2% da população portuguesa (cinco milhões de pessoas que viviam majoritariamente no campo e afastadas da rede de ensino básico) não sabia ler, e ao longo de todo o século XIX o índice de analfabetismo em Portugal não se alterou muito. Na capital do país e na cidade do Porto, porém, o número de pessoas capazes de ler e escrever era bem maior, como no caso do Rio de Janeiro em relação ao Brasil, e em proporções semelhantes ao caso da população carioca: em 1890, 47,56% dos habitantes de Lisboa não eram escolarizados, e o mesmo acontecia com 54,05% dos habitantes do Porto.

---

<sup>17</sup> EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

## 1.7 Livros juntam pó em bibliotecas

O Rio de Janeiro era uma cidade de leitores possíveis. E de bibliotecas pouco frequentadas. Em apenas um conto de Machado de Assis um personagem faz uso de uma biblioteca pública: em *Sem olhos*, de 1876, Damasceno, por volta da década de 1850, é um “velho médico” que costuma ler de pé e que sai de casa “apenas para ir comer a uma casa de pasto da vizinhança ou ler duas horas na biblioteca pública”.

Em *O carro n. 13*, de 1868, um personagem diz: “Indo daqui para Botafogo, não há motivo nenhum que me impeça de entrar no Passeio Público ou na Biblioteca Nacional...”. Em *A segunda vida*, de 1884, o “lunático” José Maria diz ter doado vinte mil contos de réis à Biblioteca Nacional.

Nos outros contos, além da Biblioteca de Alexandria no *Conto alexandrino* e da biblioteca do rei de um país imaginário em *O dicionário*, só aparecem bibliotecas pessoais: a “biblioteca das mais escolhidas” de Magalhães, em *Felicidade pelo casamento*; a biblioteca que esconde uma fortuna atrás de uma fileira falsa de livros em *O anjo Rafael*; a biblioteca de estantes cristãs, pagãs e profanas do padre Flávio em *Muitos anos depois*; a biblioteca de Simão Bacamarte em *O alienista*, “a mais rica biblioteca dos domínios ultramarinos de Sua Majestade”; e a biblioteca “vasta” e promíscua em “coisas religiosas e incrédulas” de *Casa Velha*.

Em *A formação da leitura no Brasil*, Marisa Lajolo e Regina Zilbermann chamam atenção para o fato de que, durante o século XIX, o acervo da Biblioteca Nacional – fundada em 1810 por D. João –, dispendo de dezenas de milhares de obras clássicas, é pouco consultado e pouco atualizado:

Alguns sublinharam a pouca atualidade das obras disponíveis, como John Luccock<sup>18</sup>, para quem a Biblioteca Real continua “poucas obras apropriadas ao estado do progresso atual da ciência, ou do gosto moderno”. Outros visitantes, igualmente ilustres, avalizam conclusões similares, ao registrar, ao lado da excelência da biblioteca e da qualidade de seus serviços, a falta de novidade do acervo.  
[...]

<sup>18</sup> Comerciante inglês que viveu no Rio entre 1808 e 1818.

[...] deplora-se a ausência de freqüentadores, circunstância que confirma a observação de John Luccock, relativa à rarefação do livro na sociedade brasileira, o que acompanha a geral falta de interesse por obras impressas, mesmo quando se trata de raridades ou de importantes clássicos [...].<sup>19</sup>

### 1.8. O Garnier, os livros populares, os livros muito lindos e os livros baratos

No conto *A vida eterna*, publicado por Machado de Assis em 1870, um personagem sugere a outro: “escreve [o teu sonho], que eu o mando ao Garnier”. Em *O caminho de Damasco*, de 1871, “perto da Rua da Quitanda, entre a livraria Garnier e o escritório do *Jornal do Commercio*, três moços elegantemente vestidos trocavam algumas últimas palavras”. Em *Qual dos dois?*, de 1872, um personagem tem horizontes que não passam “da casa do Bernardo [a loja onde eram vendidos os melhores charutos da cidade] ou da livraria Garnier”. Em *Tempo de crise*, de 1873, um personagem diz que “a casa do [cabeleireiro] Desmarais ou do Garnier, são verdadeiras estações telegráficas [quando se quer saber de notícias]”.

*O Garnier* é Baptiste Louis Garnier, o mais importante editor brasileiro do século XIX. Nos contos de Machado, todas as menções a ele aparecem em contos publicados no *Jornal das Famílias*, editado por Baptiste. Em seu livro de “pesquisas e interpretações” *Ao redor de Machado de Assis*<sup>20</sup>, no capítulo “O que liam os personagens de Machado de Assis”, Raymundo Magalhães Júnior pergunta se não seria possível que Machado, publicando para Garnier no *Jornal das Famílias*, citasse de propósito em suas histórias, por encomenda ou favor, na “intenção de servir aos seus editores”, livros lançados por Garnier, e responde que “é provável que sim”.

Garnier se transferiu para o Rio de Janeiro em 1844, atraído, como outros livreiros franceses, pelo ambiente caloroso e próspero e receptivo à cultura francesa, e teve seu primeiro endereço fixo na rua do Ouvidor. A rua do Ouvidor, a propósito, é de longe o local do Rio de Janeiro mencionado mais vezes nos contos de Machado, pelos personagens e pela narrativa: citada 117 vezes ao todo em todos os contos, para um personagem ela é “apenas um beco

<sup>19</sup> LAJOLO, M.; ZILBERMANN, R. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996, p. 176-180.

<sup>20</sup> MAGALHÃES JÚNIOR, Raymundo. *Ao redor de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

muito comprido e muito iluminado”; para outro, fora do voltarete só há prazer “na rua do Ouvidor”; para outro, “se a Rua do Ouvidor não existisse, [...] era preciso inventá-la”; e para outro “a Rua do Ouvidor resume o Rio de Janeiro”, porque “a certas horas do dia”, segundo ele, “pode a fúria celeste destruir a cidade; se conservar a Rua do Ouvidor, conserva Noé, a família e o mais”.

As primeiras publicações de Baptiste Louis Garnier foram impressas por firmas cariocas, como a da viúva de Paula Brito. Mas Garnier logo preferiu fazer a maioria de suas publicações em tipografias de Paris, especialmente, como salienta Laurence Hallewell, depois de 1851, quando as rotas regulares de navios a vapor no Atlântico Sul passaram a garantir uma boa margem de segurança para os prazos de entrega.

Em 1859, Garnier começou a publicar a *Revista Popular*, uma publicação quinzenal ilustrada. Em 1862, com as viagens regulares de navio cada vez *mais regulares*, ele passou a produzir essa publicação em Paris – sustentando na capital francesa um leitor permanente de provas em português –, sob o nome *Jornal das Famílias*.

No caso dos livros, a encadernação francesa era uma das maiores volúpias materiais do século. No conto *Um homem superior*, publicado por Machado de Assis em 1873, o personagem Clemente Soares, desempregado, não aparenta o “aspecto miserável” de sua algibeira vazia: “metido em um chambre”, lê “um volume encadernado em Paris”.

O apelo esnobe por tudo que era francês foi outro fator importante [na preferência de Garnier pela impressão em Paris], especialmente no caso dos livros mais caros, aos quais se somava o atrativo adicional de uma encadernação francesa. Um exemplo é sua edição, em 1865, da *Vulgata*, por Antônio Pereira de Figueiredo, ilustrada com trinta cópias de velhos mestres gravadas em aço e impressa em dois volumes. A expressão “nitidamente impressa e suntuosamente encadernada em Pariz” aparecia constantemente nos anúncios publicitários da época.

No entanto, a razão fundamental da preferência pela impressão europeia era de natureza econômica. Mesmo pagando o custo do frete transatlântico [...], o produto europeu era mais barato, além de sua melhor qualidade, tanto técnica quanto esteticamente, em relação ao feito no Rio de Janeiro. Até então, a impressão de livros tinha sido um aproveitamento útil das horas ociosas das tipografias dos jornais. No entanto, por volta da década de 1850, o desenvolvimento técnico suscitou uma clara separação entre os processos de impressão de jornais e aqueles usados para livros. [...] Depois desse divórcio, somente as oficinas tipográficas do Hemisfério Norte podiam contar com um

fluxo suficiente de trabalho de impressão de livros para garantir a utilização máxima de seu equipamento.<sup>21</sup>

Nas décadas de 1870 e 1880, a vantagem econômica de imprimir livros na Europa era, como registra Hallewell, ainda maior do que antes, mas B. L. Garnier passa a imprimir seus livros no Rio de Janeiro.

Machado de Assis, o principal e mais célebre escritor da Casa Garnier, era um tipógrafo experimentado, e acompanhava pessoalmente, com a maior satisfação, a impressão de suas obras. Como muitos romances publicados por Garnier eram reimpressões de folhetins publicados em revistas e jornais, diz Hallewell, era preciso, volta e meia, fazer uma nova composição. Foi o que ocorreu com o volume de contos de Machado *Histórias da meia-noite*, cujas histórias apareceram em números do *Jornal das Famílias* impressos em Paris e, em seguida, em 1873, para o livro, foram recompostas e reimpressas no Rio de Janeiro pela Tipografia Franco-Americana.

Mas era possível conservar a composição para imprimir o livro. Hallewell acrescenta que “só poderíamos supor que, à medida que B. L. Garnier foi envelhecendo, inclinou-se a preferir a conveniência [imprimir no Rio] à economia, e não há indícios de que isso tenha ocorrido”.

Foi a partir da metade da década de 1860, quando B. L. Garnier começou a publicar obras de ficção – no momento em que Machado de Assis começou a publicar contos –, que a produção de romances brasileiros em livro se tornou considerável. No fim das contas, Garnier publicou em vida 655 obras de autores brasileiros, uma a cada duas semanas durante trinta anos.

Seu interesse [de Garnier] pode ter sido despertado por uma nova moda entre os compradores brasileiros de livros: a posse de coleções de seus autores favoritos. Isso poderia explicar sua predileção por edições uniformes das “obras” de um autor. Embora raramente arriscasse publicar um primeiro livro de um autor, ninguém editou, nesse período, mais livros brasileiros de ficção do que B. L. Garnier, e praticamente não houve um romancista brasileiro de importância que não acabasse tendo a maioria de suas obras publicadas por ele.<sup>22</sup>

<sup>21</sup> HALLEWELL, Laurence. *Op. cit.*, p. 200-201.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 212.

Entre os romancistas brasileiros de prestígio publicados por Garnier, o mais popular era Joaquim Manuel de Macedo: seu *A Moreninha* alcançou o fenômeno de ter duas edições em anos consecutivos – em 1844 e 1845. *A Moreninha* é leitura – de mulheres – em dois contos de Machado: em *Capítulo dos chapéus*, Mariana, que não lê “senão os mesmos livros”, leu *A Moreninha* sete vezes; em *Missa do galo*, Conceição, que gosta “muito de romances”, mas lê “pouco, por falta de tempo”, pergunta a Nogueira se ele “já leu a *Moreninha*”.

Para chegar à segunda edição, um livro tinha de ser realmente *muito popular*. Os livros geralmente tinham edições de no máximo mil exemplares. Chegar à segunda edição, aponta Hélio de Seixas Guimarães em *Os leitores de Machado de Assis*, podia levar dez, vinte, trinta anos.

A respeito de *Memórias de um sargento de milícias*, que teve três edições esgotadas num período de mais de vinte anos, Hélio Guimarães transcreve um texto de 1876 de um redator da *Imprensa Industrial*; o redator escreve sobre a terceira edição do livro de Manuel Antônio de Almeida: “Em um país como o nosso onde poucos lêem e ainda menos compram livros é a mais evidente prova do quanto esse belo romance é conhecido e apreciado”.

“A longa ligação de Garnier com Machado de Assis”, comenta Hallewell, “é uma prova de que esse editor era capaz de reconhecer um real talento literário num escritor que não fazia qualquer esforço para conquistar popularidade fácil”. A ligação foi vantajosa financeiramente tanto para Garnier quanto para Machado. O primeiro livro de poesias de Machado, *Crisálidas*, de 1864, pelo qual ele recebeu 150 réis por exemplar mais 43 exemplares grátis, vendeu oitocentos exemplares em um ano. E todas as obras posteriores de Machado tiveram edições de no mínimo mil exemplares. Para se ter uma idéia, romances franceses, mesmo romances de Alexandre Dumas, às vezes não vendiam nem quinhentos exemplares.

Pela publicação de *Helena*, um romance vendido a dois mil-réis o exemplar, em 1876, Machado recebeu seiscentos mil-réis e manteve os direitos autorais por exemplar; já era um livro de vendas garantidas. Mas um livro teria de vender bem mais de mil exemplares para enriquecer um escritor.



Em *A vida literária no Brasil: 1900*<sup>23</sup>, Brito Broca mencionou que a publicação de contos em jornais, da década de 1880 em diante, rendia “relativamente” “muito mais” dinheiro a Machado do que a publicação de romances: em 1896, a terceira edição de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e a segunda edição de *Quincas Borba* renderam a Machado, em negociação com a Garnier, 250 mil-réis cada; em 1899, Machado vendeu à Garnier a propriedade “inteira e perfeita da obra literária”, todos os direitos, relativos a quinze livros, por oito contos de réis; nas décadas de 1880 e 1890, a *Gazeta de Notícias*, onde Machado publicou 54 contos, costumava pagar cinquenta mil-réis por um conto dele.

Garnier, informa Hallewell, foi o responsável pela introdução dos preços de capa fixos. Os livros que vendiam muito bem raramente vendiam mais de seiscentos ou oitocentos exemplares num ano, e Garnier achava que a grande maioria dos livros não teria mais de trezentos compradores por ano.

No conto *Aurora sem dia*, de 1870, Luís Tinoco, jovem poeta na década de 1860, fascinado pela “idéia de imprimir um livro”, passa por lojas sonhando “ver no mostrador um prospecto assim concebido”: “**GOIVOS E CAMÉLIAS** POR LUÍS TINOCO *Um volume de 200 páginas... 2\$000 rs*”.

Em *Valério*, de 1874, um folheto recém-lançado, numa manhã de 1861, resplandece nas vitraças da rua do Ouvidor: “alguns exemplares, ainda virgens, solicitavam os dois mil-réis dos passantes”.

No conto *Antes da missa*, de 1878, duas damas conversam sobre o preço de um livro de missa importado; o livro é considerado por elas “muito lindo” e “barato”, mas seu preço, cinquenta francos, pagaria uns três livros brasileiros “caros” da época.

No conto *A mulher pálida*, de 1881, uns volumes de poesia escritos pelo estudante Máximo – “Devaneio”, “Suspiro ao luar” e “outros pecados de igual peso” – podem ser encontrados a preço de banana: custam seiscentos réis em brochura e trezentos réis sem o frontispício.

---

<sup>23</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil: 1900*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

Em *Uma por outra*, conto publicado em 1893 e que se passa três décadas antes, Josino diz que comprou um romance “por um cruzado”, uma moedinha de prata de baixo valor, “não sei em que belchior de livros”.

E em *Pílades e Orestes*, publicado em 1903, a toda hora Quintanilha compra para o amigo Gonçalves “um livro novo, ou somente caro”, e ainda diz: “Então gastar com letras e ciências é botar fora? É boa!”.

No século XIX, o público brasileiro pagava um tanto mais caro pelos livros do que os leitores da Europa e dos Estados Unidos. No catálogo de 1865 da Livraria Acadêmica, de São Paulo, tomado como exemplo por Hélio de Seixas Guimarães em *Os leitores de Machado de Assis*, os livros da seção “Poesias, teatro, poetas nacionais e estrangeiros”, com obras de autores como Alexandre Dumas e Walter Scott, custavam entre quinhentos réis e cinco mil réis, o que equivalia a valores próximos, respectivamente, a 27 centavos de dólar e US\$ 2,75. Hélio Guimarães compara os preços brasileiros com os norte-americanos: já em 1840, nos Estados Unidos, livros pequenos ou comuns, de edição barata, eram vendidos a seis centavos de dólar, e livros maiores e de edição mais elaborada eram vendidos a 37 centavos de dólar.

De outro lado, existiam as coleções populares. Em 1873, B. L. Garnier lançou os vinte volumes de sua *Biblioteca da Algibeira* – formada por obras mais baratas, destinadas a “qualquer bolso que não seja do colete” –, e a prática se difundiu.

Alessandra El Far cita, em *Páginas de sensação*, um anúncio comercial de 1875 dos editores Félix Ferreira & Cia.: “Biblioteca para todos: publicação de romances, contos, poesias, história e ciência popular em volumes de 250 e trezentas páginas. Quatro volumes por trimestre 5\$000. Para qualquer ponto do Império.”

Em 1878, o editor do jornal *O Besouro* procura alardear que as pessoas aumentariam suas “economias” comprando a Biblioteca Econômica do jornal, uma coleção com traduções de romances de autores celebrados. “Quase na virada do século”, acrescenta Alessandra El Far, a editora Laemmert, “em parceria com a livraria portuguesa de A. M. Pereira, lançava sua Coleção Econômica e aproveitava a ocasião para avisar seus leitores: ‘Não vale hoje a desculpa de que não se pode ler porque o livro é caro!’”.

Alessandra El Far compara os preços dos livros populares na década de 1880 com outros custos e com salários da época no Rio de Janeiro: na década de 1880, um livro em brochura custava de cem réis a mil ou dois mil-réis, dependendo do tamanho, do requinte da edição e do gênero do livro; no mesmo período, uma dúzia de retratos saía por cinco mil-réis, um jantar barato na rua do Ouvidor custava de mil a três mil-réis e os preços dos chapéus à venda na rua Uruguaiana variavam entre três mil-réis e dezesseis mil-réis; em 1888, um ferreiro recebia 3\$333 por um dia de serviço, e um trabalhador sem qualquer especialização ganhava em torno de 1\$400; e os salários de serventes, contínuos e amanuenses do funcionalismo municipal iam a sessenta mil-réis e até a cem mil-réis.

Baptiste Louis Garnier também marcou seu tempo pelo que editou de poesia, embora os poetas não dependessem tanto de editores. “Na verdade, no Brasil de meados do século XIX (assim como na Roma antiga!)”, observa Laurence Hallewell, “os poetas tornavam-se conhecidos mais freqüentemente através dos recitais públicos do que da leitura”.

Para poesia e para prosa, B. L. Garnier empregou continuamente redatores-revisores especialmente qualificados para preparar a publicação de autores clássicos da literatura brasileira. O mais apreciado desses revisores era Joaquim Norberto, que a partir da década de 1860 organizou edições de autores antigos mais ou menos de dois em dois anos. E a primeira dessas edições foi a 32ª edição de *Marília de Dirceu* – que foi, como aponta Laurence Hallewell, o primeiro best-seller brasileiro. Sobre essa edição, Hallewell cita um catálogo do livreiro Garraux, da Livraria Acadêmica de São Paulo, que tem um texto elogioso de dezoito linhas (“numa lista em geral neutra”, diz Hallewell); o texto do catálogo afirma que “talvez não havia no Brasil livro mais popular”. Nos contos de Machado de Assis, Tomás Antônio Gonzaga é citado por personagens em *O espelho* e *O programa*; em *Linha reta e linha curva*, Azevedo lê *Marília de Dirceu* para a esposa aos poucos: “As coisas boas não se gozam de uma assentada”, ele diz sobre a leitura do livro, e acrescenta, “Guardemos um pouco para a noite”.

### **1.9 Francisco Alves e os livros de venda garantida**

Com seus “compendios para a instrução publica”, Garnier foi ainda o principal editor brasileiro de livros escolares – até o aparecimento de Francisco Alves. Francisco Alves se

tornou, a partir do fim do século, na República, na prosperidade do comércio de café e no tempo de um salto à frente sem precedentes na educação brasileira, o primeiro editor, no Brasil, a se dedicar majoritariamente aos livros didáticos.

Os primeiros livros escolares brasileiros, relata Hallewell, foram publicados pela Imprensa Régia, num período em que as guerras napoleônicas interromperam os suprimentos que vinham da Europa. Depois desse período, quando os livros escolares voltaram a ser importados, “durante muitos anos”, diz Hallewell, “pouca coisa ouvimos de livros escolares brasileiros”. Não havia, nas primeiras décadas do Oitocentos, demanda suficiente para que alguma editora brasileira se pusesse a publicar livros para escolas. E os “métodos primitivos” das escolas, acrescenta Hallewell, “dispensavam inteiramente o uso de livros”.

A partir da década de 1880, Francisco Alves, que assumira a editora de seu tio Nicolau Antônio Alves (já especializada em “livros colegiaes e acadêmicos”), dedicou-se prioritariamente aos livros didáticos e ainda passou a produzir material para a escola primária e a melhorar o conteúdo dos livros. Os livros didáticos, por essa época, já tinham venda garantida por demanda; produzidos exclusivamente para os currículos escolares brasileiros, não tinham concorrência estrangeira.

Nos contos de Machado de Assis, as principais referências a livros escolares aparecem em três contos, os três publicados depois de 1880 e ambientados décadas antes: em *Verba testamentária*, na década de 1790, Nicolau maltrata os colegas mais adiantados nos estudos, arranca-lhes os livros e joga esses livros “nas praias ou no mangue”; em *Conto de escola*, alunos lêem o livro escolar temendo a palmatória; em *Umás férias*, o garoto José Martins quer “deitar à fogueira” seu livro escolar.

### **1.10 Irmãos Laemmert, mercadores de livros e água-de-colônia**

Os irmãos Eduard e Heinrich Laemmert, alemães que haviam chegado à capital do Brasil respectivamente em 1827 e 1835 (e que passaram a se chamar Eduardo e Henrique), prosperaram a partir de uma sociedade chamada “E. & H. Laemmert, mercadores de livros e música”, administrando a Livraria Universal. A Universal podia ser vista, em 1878, na rua do

Ouvidor, pelas vidraças de sua maior concorrente, a B. L. Garnier, bem à frente, do outro lado da rua – a Garnier tinha sua loja um pouco mais abaixo na rua antes de 1878. No conto *Valério*, publicado por Machado em 1874, as “vidraças do Garnier e do Laemmert” da rua do Ouvidor exibem “alguns exemplares” num dia do ano de 1861, embora a Universal “do Laemmert”, inicialmente instalada na rua da Quitanda, só tenha se mudado para a rua do Ouvidor em 1868.

A firma dos Laemmert tornou-se a principal editora brasileira entre 1893, ano em que B. L. Garnier morreu, e a virada do século – na virada do século Hyppolyte Garnier, irmão de Baptiste Louis, decidiu revitalizar a filial da família no Rio de Janeiro.

No conto *Evolução*, publicado em 1884, no gabinete de estudos do futuro deputado Benedito, um gabinete “um pouco trivial” na opinião do personagem que narra o conto, há, em cima de uma “fina” secretária de ébano, um “Almanaque de Laemmert” “casualmente aberto”.

O êxito com as vendas de livros lhes permitiu [aos irmãos Laemmert], em meados da década de 1840, deixar de lado as músicas, embora tenham continuado, por algum tempo, com outras linhas secundárias, especialmente água-de-colônia e água de soda! Em pouco tempo começaram a editar e, em 1839, iniciaram a publicação de sua *Folhinha* anual, uma miscelânea literária organizada por Eduardo, que contribuiu com muito material de sua própria autoria. A principal linha editorial era constituída por guias de bolso e outras publicações semelhantes, produzidas rapidamente para atender à demanda do mercado. Isso os levou, em cinco anos, a publicar a primeira edição do *Almanack Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Provincia do Rio de Janeiro*. Ainda que não tenha sido a primeira de tais publicações – guias semelhantes da cidade haviam existido desde o final do século anterior – esse *Almanack Laemmert* em breve superou todos os concorrentes, sobretudo por ser muito mais completo. Após uns poucos anos, foi ampliado de forma a abranger informações sobre todo o império, até que, em 1875, cada edição anual estendia-se a cerca de 1.700 páginas.<sup>24</sup>

A Garnier, consagrada à literatura e aos autores franceses de livros de ciência popular, e a Laemmert, especialista em livros históricos (4% de todas as leituras identificáveis, feitas por personagens, dos contos de Machado são leituras de livros de história) e científicos (13% dessas leituras identificáveis nos contos de Machado são leituras de livros científicos – livros de ciências, de medicina, de matemáticas, manuais, livros didáticos), a Garnier à frente e a Laemmert a seguir, preponderaram amplamente nas edições brasileiras do fim do século XIX:

<sup>24</sup> HALLEWELL, Laurence. *Op. cit.*, p. 234.

[...] a Laemmert jamais desafiou seriamente o domínio da Garnier no campo da literatura. Mesmo quando a morte de Baptiste Louis deixou este mercado desguarnecido, a Laemmert não fez grandes esforços para explorá-lo, embora tenha editado o novo livro de Machado de Assis, *Várias Histórias* (1896)<sup>25</sup>, e alcançado o maior êxito literário desse mesmo ano, com *Flor de Sangue*, de Valentim Magalhães.

A principal editora brasileira no campo da literatura, na década de 1890, foi de fato a Livraria Moderna, de Domingos Magalhães e Cia. [...] No final da década, [Domingos Magalhães e Cia.] perderam um predomínio de curta duração para uma Garnier revitalizada e a independência para a Francisco Alves, que começava sua expansão.<sup>26</sup>

### 1.11 Chuva de folhetos

No conto *Miss Dollar*, Mendonça enche “o gabinete com folhetos publicados de parte a parte” ou mergulha “no meio de uma chusma de livros e folhetos”. No conto *Aurora sem dia*, um personagem saca “do bolso um maço de jornais e um folheto”. Em *Como se inventaram os almanaques*, uma “chuva de folhetos” cai do céu.

Esses folhetos são livros pequenos, de até cinquenta páginas. Muitos são narrativas de façanhas de cavalaria, são aventuras longínquas no tempo e no espaço, como o *Carlos Magno* de que Anacleto lê “duas ou três páginas” no conto *Dívida extinta*, como a *Princesa Magalona* e outros folhetos “comprados a tostão” que Inácio lê em *Uns braços*.

Em *Páginas de sensação*, Alessandra El Far conta que os catálogos das livrarias cariocas anunciavam essas histórias em folhetos durante quase todo o século XIX. Os primeiros folhetos vinham de Portugal. Na década de 1840, a Laemmert começou a editá-los. As aventuras dos folhetos eram traduções e versões populares derivadas, diz Alessandra El Far, “de textos franceses e castelhanos produzidos em meio à elite letrada européia dos séculos XVI e XVII”. As histórias mais conhecidas: *História da donzela Teodora*, *História do grande Roberto*, *História da princesa Magalona*, *História da imperatriz Porcina*, *História de João de Calais* e a *História de Carlos Magno e os doze pares de França*.

Eram histórias de reis, nobres e donzelas que ao se transformarem em vítimas de um destino cruel desafiavam todas as adversidades em prol da justi-

<sup>25</sup> Publicado com data de 1896, *Várias histórias* chegou às livrarias em outubro de 1895.

<sup>26</sup> HALLEWELL, Laurence. *Op. cit.*, p. 238-239.

ça, da virtude, do amor e do bem. As sucessivas ações dos heróis constituíam o fio condutor da narrativa, não importando os detalhes sobre suas características físicas nem mesmo seus conflitos psicológicos. A paisagem e o tempo de duração da trama recebiam igualmente menções fugazes e gerais. Em poucos parágrafos, os protagonistas viajavam por reinos desconhecidos, venciam batalhas ferozes, conquistavam a admiração de reis desconfiados e o coração de donzelas formosas. Como foi o caso do cavaleiro Pierres e da jovem princesa Magalona: “Pelos olhos donde se explicam deste os conceitos, foram entrando estes dois amantes objetos transpondo-se, um no coração do outro, que quando se acabou o jantar já nenhum deles tinha coisa própria, porque Pierres já estava todo no coração de Magalona [...] e Magalona dentro do coração de Pierres”.

Até alcançarem o reconhecimento de seus feitos e virtudes, os heróis passavam por privações, lutas violentas, amores malogrados, difíceis provas de penitência; em outras palavras, pareciam descer ao “inferno” da existência humana, onde provavam os ardores de um destino incomum. Essas seqüências de cenas inesperadas, passionais, resultantes de enredos recheados de infortúnios em terras longínquas, foram vendidas, ao longo dos anos, nas diversas livrarias do centro da cidade. Ao lado dos romances de Machado, de Macedo e de José de Alencar, a Livraria Garnier divulgou tais histórias, no início da década de 1870, in-oitavo por apenas quatrocentos réis (\$400). Até o seu fechamento na primeira década do século XX, a Livraria Laemmert manteve em seu acervo exemplares das emocionantes aventuras de Carlos Magno, João de Calais, da princesa Magalona, da imperatriz Porcina e da donzela Teodora. No começo do século XX, a Livraria de Pedro da Silva Quaresma editou esses títulos em uma série nomeada “Histórias Populares”.<sup>27</sup>

## 1.12 Traduções infindáveis

No conto *Encher tempo*, Pedro relê uma “tradução de *Gil Brás*”. Em *O enfermeiro*, Pro-cópio saca do bolso “um velho romance de d’Arlincourt, traduzido”. Em *Curta história*, Cecília, que não sabe “inglês nem italiano”, leva ao teatro uma tradução da peça a que vai assistir, *Romeu e Julieta*. Em *Capítulo dos chapéus*, Mariana leu “o *Mot de l’énigme*, de Madame Craven”, no original em francês, “onze vezes”.

As traduções, na medida em que o domínio de línguas estrangeiras era um luxo de poucos e na medida em que a Europa produzia livros populares em grande quantidade, eram indispensáveis às editoras brasileiras da segunda metade do século XIX. Havia uma paridade, no período, entre o volume de lançamentos de ficção traduzida e o de obras escritas original-

---

<sup>27</sup> EL FAR, Alessandra, *Op. cit.*, p. 98-99.

mente em português, mas a maioria dos lançamentos em português era de literatura portuguesa. O volume de leitura de literatura portuguesa entre os personagens dos contos de Machado de Assis é igual ao de leitura de literatura brasileira: de todas as leituras identificáveis, 5% são autores literários brasileiros e 5% é literatura portuguesa.

“Títulos e mais títulos em língua portuguesa encontravam-se à disposição do público” no Rio de Janeiro e “os assuntos pareciam infindáveis”, escreve Alessandra El Far em *Páginas de sensação*. “Junto com as publicações nacionais, os romances de Camilo Castelo Branco, Alexandre Herculano, visconde de Castilho, Júlio Diniz, Bocage, Almeida Garrett, Eça de Queirós”, ela escreve, “ancoravam no Brasil tanto quanto as obras traduzidas de Verne, Montepin, Zola, Balzac, Lamartine, Flaubert, Hugo, Bellot, Scott, Sand, Voltaire, Le Bon, Spencer, dentre uma infinidade de outros pensadores e escritores.”

Nos contos de Machado, Alexandre Herculano é aludido por personagens em *Troca de datas* e *A segunda vida*. Almeida Garrett é mencionado por personagens nos contos *Os óculos de Pedro Antão* e *Uma visita de Alcibíades*. Balzac é lido em *Um homem superior*. Lamartine é lido nos contos *Felicidade pelo casamento* e *Vênus! Divina Vênus!*. Victor Hugo aparece em *A mulher de preto* e *Os óculos de Pedro Antão*. George Sand aparece em *Miss Dollar*. Voltaire aparece em cinco contos. Spencer aparece em três contos.

Alessandra El Far faz questão de dizer que, naquela segunda metade de século, vertidos para o português, “com seus preços módicos e encadernações ao gosto do consumidor”, os livros à venda ofereciam aos passantes “as possibilidades irrestritas do interesse humano; eram livros sobre religião, prática judicial, teatro, medicina, mundo animal, matemática, filosofia”.

Religião: livros de religião (Bíblia e obras de assuntos teológicos) são lidos ou referidos como leitura em 21 contos de Machado de Assis. Prática judicial, matemática, filosofia: no conto *Ex cathedra*, Fulgêncio é leitor de “toda a casta de livros, mas especialmente direito (em que era graduado), matemáticas e filosofia”. Teatro: Shakespeare é o autor mais lido e citado pelos personagens dos contos de Machado. Medicina: em *A mulher de preto*, Estêvão estuda “a medicina e a matemática” e tem “tempo ainda para estudar a literatura”, e “as principais obras da antigüidade e contemporâneas” são-lhe “tão familiares como os tratados de



operações e de higiene”. Mundo animal: o narrador de *A Sereníssima República* é leitor reverente do estudo de Ludwig Büchner sobre a vida psíquica dos animais.

B. L. Garnier publicou principalmente traduções de sua língua natal, traduções de romances de autores franceses populares da época. Autores como Octave Feuillet: no conto *Uma por outra*, de 1893, ambientado em “sessenta e tantos”, lemos que um personagem recentemente leu “um dos romances aristocráticos de Feuillet”. Autores como Ernest Feydeau: o romance *Fanny*, de Feydeau, lançado em 1858, teve nada menos que *treze* edições em um ano na França, foi traduzido para o português por Camilo Castelo Branco a partir da décima oitava edição, em 1861, e é leitura de personagens em dois contos de Machado publicados na década de 1860, *O anjo das donzelas* e *O segredo de Augusta*. Eduardo Laemmert obviamente não deixou de editar obras traduzidas do francês, mas sua firma publicava com mais frequência livros transcritos do alemão.

De acordo com Laurence Hallewell, é possível que o próprio Eduardo Laemmert tenha traduzido as *Amorosas paixões do jovem Werther* de Goethe (*Werther* aparece em *A desejada das gentes*). E é conhecido que Eduardo Laemmert fez uma tradução do *Fausto* (o *Fausto* é lido no conto *Um esqueleto*; no total, Goethe aparece como leitura em quatro contos de Machado).

Não há leitura de livro infantil ou juvenil nos contos de Machado de Assis. Antes da década de 1880, os livros infantis, no Brasil, geralmente eram reedições de publicações portuguesas. A partir daí, Carlos Jansen Müller, um professor alemão, fez, como informa Hallewell, “inúmeras traduções para Laemmert, sempre com o cuidado de omitir passagens julgadas inadequadas para a juventude”. Títulos como *Contos seletos de mil e uma noites* e *Aventuras pasmosas do celeberrimo Barão de Münchhausen*, traduzidos por Müller, para Laemmert, respectivamente nas décadas de 1880 e 1890, foram obras pioneiras da literatura infantil no Brasil. Müller também traduziu *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, *As viagens de Gulliver a terras desconhecidas*, de Jonathan Swift, e *Dom Quixote*, de Cervantes, mas nesses três casos já existiam versões anteriores – para adultos.

Nos contos de Machado, Swift é citado no diálogo de *Teoria do medalhão*, e o personagem Crusoe é citado pelo sacristão do *Manuscrito de um sacristão*, de 1884. Quanto a *Dom Quixote*, a primeira edição em português da obra tinha sido lançada em Lisboa em 1794, e

outras duas traduções apareceram em Portugal entre 1876 e 1878; *Dom Quixote* é leitura de personagens – adultos, homens – em quatro contos de Machado: *A vida eterna*, de 1870, *Almas agradecidas*, de 1871, *Teoria do medalhão*, de 1881, e *Um capitão de voluntários*, de 1905.

### 1.13 Dificuldades, direitos e o livro mais estimado

Caindo em dificuldades comerciais na derrocada do Império, o comércio livreiro no Rio de Janeiro enfrentou problemas na última década do século. B. L. Garnier e os irmãos Laemert estavam mortos, e havia instabilidade política, e incerteza sobre os efeitos econômicos da abolição da escravatura, e crises financeiras internacionais.

O velho regime fora dominado pela antiga aristocracia açucareira do Nordeste, para quem a cultura constituía uma marca de nobreza: ideologicamente ele se modelara segundo a França napoleônica e a Inglaterra liberal. A República representou a vitória do exército e dos novos-ricos fazendeiros do café, que julgavam a riqueza (não importando sua origem) muito mais importante do que o berço, a educação ou a cultura. A própria constituição dos Estados Unidos do Brasil refletiu sua admiração pela jovem e impetuosa plutocracia ianque. O centralismo do Império tinha dependido da classe média intelectual do Rio de Janeiro, enquanto o novo federalismo era uma rejeição deliberada dessa burguesia urbana.<sup>28</sup>

No fim da década de 1890, numa nova interação de estabilidade política, investimentos estrangeiros e crescimento do país, o comércio de livros se revigorou no Rio de Janeiro. E em 1898 passou a vigorar a lei 496, uma lei de definição e garantia de direitos autorais. Antes dessa lei, a publicação ilícita de autores estrangeiros era praxe. Eram comuns edições brasileiras ilegais, não-autorizadas, de obras portuguesas – de autores portugueses e de traduções publicadas em Portugal. Publicar ilegalmente uma tradução feita em Portugal era muito mais fácil do que traduzir sem autorização um romance francês.

“Tal prática poderia ser moralmente justificada”, escreve Laurence Hallewell, “com base na justa suposição de que a versão de Lisboa também era ilícita”. Hallewell fornece como “exemplo quase certo disso” a tradução que A. V. de C. de Souza fez do incrivelmente popu-

<sup>28</sup> HALLEWELL, Laurence. *Op. cit.*, p. 256.

lar *Saint-Clair das Ilhas*, um romance da inglesa Elizabeth Helme, a partir da versão francesa de Madame Montolieu. A tradução de A. V. de C. de Souza foi publicada pela Empresa Lusitana de Lisboa na década de 1830 e reproduzida pela Garnier, no Rio de Janeiro, em 1854. No conto *Anedota pecuniária*, um “velho tomo ensebado do *Saint-Clair das Ilhas*” é uma “dádiva de 1850”.

No fim da década de 1960, Marlyse Meyer localizou, num alfarrabista de Lisboa, quatro tomos em dois volumes de um *Saint-Clair das Ilhas* publicado em 1825 no Rio de Janeiro: *Saint-Clair das Ilhas; ou Os desterrados na Ilha de Barra; tradição escocesa, traduzida do francês em língua vulgar, e dedicada ao ilmo. Albino Gomes Guerra de Aguiar, cavaleiro da Ordem do Cristo e da Imperial do Cruzeiro, brigadeiro, e comissário geral do Exército do Império do Brasil*. Faltavam dezenas de páginas aos tomos dessa edição carioca de 1825, e todas elas estavam substituídas por folhas onde o texto tinha sido recopiado a mão, em papel pautado. Nas últimas páginas do segundo volume, havia uma lista de nomes: eram subscritores que viabilizavam a edição pela promessa de adquirir um ou mais exemplares do livro.

Lido – *relido* em todos os casos – por seis personagens em três contos de Machado de Assis, o *Saint-Clair* (ou Sinclair) *das Ilhas* é a leitura mais estimada dos personagens de Machado, e uma das leituras – e releituras – mais estimadas dos leitores brasileiros no século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

O que é *Sinclair das Ilhas*? Um romance escrito em 1803 por uma novelista e educadora inglesa, mrs. Elizabeth Helme, que penetrou no Brasil na roupagem francesa ideada por mme. de Montolieu. É o que os franceses consideravam o típico *roman anglais* pré-romântico. Nele tudo se encontra: enredo cheio de suspense, raptos, seqüestros, abandonos, torneios medievais, castelos góticos, ruínas, capelas, exaltação da natureza, a velha Escócia, ilhas selvagens, nobres cavaleiros e horríveis vilões e, no caso, até vilãs [...]. Enfim, um misto de tendências arcaicas ou tradicionais, e novas. [...] É também um primeiro passo em direção ao romance histórico, que inclui o romance de cavalaria, outra peça da modernidade pré-romântica européia e que já preeixistia à moda no Brasil, sempre aberto à novidade estrangeira. História que é “história”, “novel” e “romance”, conjunto de tendências díspares condicionando peculiar estrutura narrativa [...].

E quem foi Sinclair das Ilhas? Um banido<sup>29</sup>, figura essencialmente pré-romântica. Banido num espaço histórica e geograficamente determinado: a Escócia do tempo do rei Jaime I [início do século XVII]. Um chefe de clã, chefe por muito valor e bravura. Guerreiro e herói. Mas, igualmente herói *tout court*: o herói padronizado dos contos de carochinha, órfão sem o ser,

<sup>29</sup> Expulso injustamente de suas terras, o protagonista da história enfrentará e vencerá, com seus antigos companheiros de guerra, tropas imperiais organizadas.

abandonado por mãe malvada, criado por tio valoroso. Outras provações ainda vai ter, até a recompensa, na pessoa da bela e fidalga donzela que chega um dia à Ilha de Barra, vestida de rapaz, atraída pela fama do valente e misógino herói. Este acaba cedendo ao encanto de Ambrosina e a destemida mocinha se transforma, mal se casam, em recatada, virtuosa e diligente esposa, mãe extremosa de três filhos, sem falar no filho adotivo de Sinclair, peça fundamental do enredo. Transforma a rude fortaleza no lar mais aconchegante e o heróico Sinclair num perfeíssimo esposo e pai. [...]

Com o casamento não cessam as peripécias, que por vezes escurecem mas nunca alteram esse clima de paz e prazer domésticos. Os irmãos de guerra de Sinclair completam o ambiente, agregando-se à feliz família e iniciando as crianças em diversos modelos de virtude e heroísmo, eternamente solteiros porque “não pode haver outra Ambrosina”. A ilha selvagem dos proscritos torna-se singela mas harmoniosa poção de vida que se desenrola num clima de fraternidade de clã, domesticada, onde contudo ainda ecoa a melancolia antiga dos banidos, quando sonham com glórias passadas e brindam às futuras.<sup>30</sup>

Como vimos, as condições em que os brasileiros liam livros na segunda metade do século XIX, o Rio de Janeiro leitor, seus livros, seus autores, seus tradutores, seus editores – o *mundo dos livros* tem presença contínua e marcante nos contos de Machado de Assis. Essa presença contínua e marcante se estende por 123 contos de Machado, como veremos, conto a conto, no capítulo que começa a seguir.

---

<sup>30</sup> MEYER, Marlyse. *Op.cit.*, p. 46-47.

## 2 CENTO E VINTE E TRÊS CONTOS

Aqui, no capítulo que é o núcleo deste trabalho, apresentam-se, contextualizadas objetivamente, com uma resenha por conto, as principais passagens dos contos de Machado de Assis nas quais há referências expressas a hábitos de leitura de personagens que lêem livros.

### 2.1 O país das Quimeras<sup>31</sup>

O poema herói-cômico *O hissope*, a sátira social setecentista do português Antônio Dinis da Cruz e Silva, ocorre ao personagem Tito, um poeta, nas duas versões da sátira social em que ele é conduzido por uma fada numa viagem fantástica. Na primeira versão do conto, *O país das Quimeras*, a peripécia de Tito é narrada em terceira pessoa:

A real senhora [rainha do país das Quimeras] era uma pessoa digna de atenção a todos os respeitos; era imponente e graciosa; trajava vestido de gaze e roupa da mesma fazenda, borzeguins de cetim alvo, pedras finas de todas as espécies e cores, nos braços, no pescoço e na cabeça; na cara trazia posturas finíssimas, e com tal arte, que parecia haver sido corada pelo pincel da natureza; dos cabelos recendiam ativos cosméticos e delicados óleos. Tito não disfarçou a impressão que lhe causava um todo assim.<sup>32</sup> Voltou-se para a companheira de viagem e perguntou como se chamava aquela deusa. – Não a vê? respondeu a fada; não vê as trezentas raparigas que trabalham em torno dela? Pois então? é a Moda, cercada de suas *trezentas belas, caprichosas filhas*.

---

<sup>31</sup> Publicado em *O Futuro*, em 1862; republicado, com alterações, no *Jornal das Famílias*, em 1866, com o título *Uma excursão milagrosa*; avulso.

<sup>32</sup> Lemos no conto que “todas as paredes” do palácio real, “como no poema de Dinis, eram forradas de *papel prateado e lantejoulas*”, e que “o gênio das bagatelas, de que fala Elpino [pseudônimo árcade de Dinis], estava sentado em um trono de casquinha”.

A estas palavras Tito lembrou-se do *Hissope*. Não duvidava já de que estava no país das Quimeras; mas, raciocinou ele, para que Dinis falasse de algumas destas coisas, é preciso que cá tivesse vindo e voltasse, como está averiguado. Portanto, não devo recear de cá ficar morando eternamente.

Em *Uma excursão milagrosa*, a segunda versão do conto, é Tito quem narra a viagem:

A estas palavras eu lembrei-me do *Hissope*. Não duvidava já de que estava no País das Quimeras; mas, raciocinei, para que Dinis falasse de algumas destas coisas é preciso que cá tivesse vindo, e voltasse como está averiguado.

Portanto, não devo recear de cá ficar morando eternamente.

## 2.2 Frei Simão<sup>33</sup>

No conto *Frei Simão* há uma alusão, invocada por uma personagem como evasiva, ao hábito da leitura noturna ou simplesmente estendida além do normal. O amor entre os primos Helena e Simão não tem o consentimento dos pais do rapaz, e Helena desconsola-se quando Simão parte em viagem.

Os dias passaram-se depressa. Finalmente raiou aquele em que deveria partir o brigue. Helena saiu do seu quarto com os olhos vermelhos de chorar. Interrogada bruscamente pela tia, disse que era uma inflamação adquirida pelo muito que lera na noite anterior. A tia prescreveu-lhe abstenção da leitura e banhos de água de malvas.

## 2.3 Virginius<sup>34</sup>

*Virginius* transcorre no período das festas de São João de um ano não especificado da década de 1850. O narrador recebe um bilhete pelo correio. O bilhete, de autoria irreconhecível, é um convite: o advogado que narra a história é chamado a defender um tal Julião, réu de um processo numa vila distante alguns dias de viagem do Rio de Janeiro. A curiosidade do advogado, mais forte que a desconfiança em relação à letra anônima, se consolida em “resolução definitiva”: luze-lhe “um romance daquele misterioso e anônimo bilhete”. Na vila, ao

<sup>33</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1864; *Contos fluminenses* (1870).

<sup>34</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1864; avulso.

amigo que o hospeda, o narrador enuncia: “Creio que há um romance para deslindar”. E o amigo reconhece a letra do bilhete: “É a letra do *Pai de Todos*”. O autor do bilhete e do pedido é o velho Pio, um fazendeiro cortês, mediador de conflitos, generoso na convivência com seus escravos.

Quando é informado de antemão pelo amigo de que o réu Julião, um dos protegidos da fazenda de Pio, é inocente, o advogado, leitor de um romance atrás do outro, tem sua curiosidade “excitada ao último ponto”:

Os autos não me tinham tirado o gosto pelas novelas, e eu achava-me feliz por encontrar no meio da prosa judiciária, de que andava cercado, um assunto digno da pena de um escritor.

Depois de visitar a fazenda de Pio, o advogado se dirige à cadeia da vila para interrogar Julião. Julião fala sobre as afeições de infância entre sua filha, Elisa, órfã de mãe, e Carlos, filho de Pio, e sobre como Carlos se afasta da fazenda para estudar e volta bacharel. O Carlos que volta não é o mesmo de antes, e suas condutas, atividades e preferências, todas fora de qualquer contato com os livros, arruinam as expectativas do pai. Segue a narrativa do advogado:

O que o magoava sobretudo é que o filho bacharel não buscasse os livros, onde pudesse, procurando novos conhecimentos, entreter uma necessidade indispensável para o gênero de vida que ia encetar. Carlos não tinha mais que uma ocupação e uma distração: a caça. Levava dias e dias a correr o mato em busca de animais para matar, e nisso fazia consistir todos os cuidados, todos os pensamentos, todos os estudos.

Certo dia, Julião flagra a filha chorando e, por insistência, obtém dela a confissão de que Carlos, dizendo-se apaixonado, está tentando seduzi-la com certa brutalidade. Apreensivo com os “maus intentos” de Carlos, Julião o faz prometer que deixará Elisa em paz. Quinze dias depois, Julião chega em casa e encontra Carlos, e Carlos está em última análise violentando Elisa. Os capangas de Carlos amarram Julião. Mesmo amarrado, o pai mata a filha com duas facadas no peito, para salvá-la da desonra.

O advogado sai da cadeia “alvorçado”: “Não era romance, era tragédia o que eu acabara de ouvir”. Trata-se de uma tragédia como a de Virginius, relatada em *A história de Roma desde a sua fundação*, de Tito Lívio, em que Virginius mata a filha para não perdê-la de modo violento, como escrava, para o decênviro Ápio Cláudio.

No julgamento, com a defesa convicta do advogado, com o apoio moral e financeiro de Pio e com jurados que “tinham ouvido a lei, e, igualmente, talvez, o coração”, Julião é condenado a moderados dez anos de prisão. A história se fecha com o castigo de Carlos; Pio inflige ao filho que desprezou os livros uma rotina um tanto punitiva:

Eu o conheço [diz Pio a respeito de Carlos]. Os cômodos da vida que teve, a carta que alcançou pelo estudo, e certa dose de vaidade que todos nós recebemos do berço, e que o berço lhe deu a ele em grande dose, tudo isso é que o castiga neste momento, porque tudo foi desfeito pelo gênero de vida que lhe fiz adotar. Carlos agora é soldado.

## 2.4 O anjo das donzelas<sup>35</sup>

Em seus quinze anos de idade, Cecília só conhece o amor através das *dezenas* de romances que leu, e tem a impressão de que o sentimento amoroso é uma disposição emocional temerária. As relações amorosas, ensinaram-lhe os livros, sempre terminam em desgostos afetivos. Ao chegar ao fim do “centésimo” romance que leu desde que deixou o colégio, Cecília firmará seus temores. São onze e meia da noite, “hora adiantada”, e ela “parece estar disposta a não dormir sem saber quem casou e quem morreu”.

Cecília lê um romance. É o centésimo que lê depois que saiu do colégio, e não saiu há muito tempo. Tem quinze anos. Quinze anos! é a idade das primeiras palpitações, a idade dos sonhos, a idade das ilusões amorosas, a idade de Julieta; é a flor, é a vida, é a esperança, o céu azul, o campo verde, o lago tranqüilo, a aurora que rompe, a calhandra que canta, Romeu que desce a escada de seda, o último beijo que as brisas da manhã ouvem e levam, como um eco, ao céu.

Que lê ela? Daqui depende o presente e o futuro. Pode ser uma página da lição, pode ser uma gota de veneno. Quem sabe? Não há ali à porta um índice onde se indiquem os livros defesos e os lícitos. Tudo entra, bom ou mau, edificante ou corruptor, *Paulo e Virgínia* ou *Fanny*. Que lê ela neste momento? Não sei. Todavia deve ser interessante o enredo, vivas as paixões, porque a fisionomia traduz de minuto a minuto as impressões aflitivas ou alegres que a leitura lhe vai produzindo.

Cecília corre as páginas com verdadeira ânsia, os olhos voam de uma ponta da linha à outra; não lê; devora; faltam só duas folhas, falta uma, falta uma lauda, faltam dez linhas, cinco, uma... acabou.

Chegando ao fim do livro, fechou-o e pô-lo em cima da pequena mesa que está ao pé da cama. Depois, mudando de posição, fitou os olhos no teto e refletiu.

<sup>35</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1864; avulso.



Passou em revista na memória todos os sucessos contidos no livro, reproduziu episódio por episódio, cena por cena, lance por lance. Deu forma, vida, alma, aos heróis do romance, viveu com eles, conversou com eles, sentiu com eles. E enquanto ela pensava assim, o gênio que nos fecha as pálpebras à noite hesitou, à porta do quarto, se devia entrar ou esperar.

Mas, entre as muitas reflexões que fazia, entre os muitos sentimentos que a dominavam, alguns havia que não eram de agora, que já eram velhos hóspedes no espírito e no coração de Cecília.

Assim que, quando a moça acabou de reproduzir e saciar os olhos da alma na ação e nos episódios que acabara de ler, voltou-lhe o espírito naturalmente para as idéias antigas e o coração palpitou sob a ação dos antigos sentimentos.

Que sentimentos, que idéias seriam essas? Eis a singularidade do caso. De há muito tempo que as tragédias do amor a que Cecília assistia nos livros causavam-lhe uma angustiada impressão. Cecília só conhecia o amor pelos livros. Nunca amara. Do colégio saíra para casa e de casa não saíra para mais parte alguma. O pressentimento natural e as cores sedutoras com que via pintado o amor nos livros, diziam-lhe que devia ser uma coisa divina, mas ao mesmo tempo diziam-lhe também os livros que dos mais auspiciosos amores pode-se chegar aos mais lamentáveis desastres. Não sei que terror se apoderou da moça; apoderou-se dela um terror invencível. O amor, que para as outras mulheres apresenta-se com aspecto risonho e sedutor, afigurou-se a Cecília que era um perigo e uma condenação. A cada novela que lia mais lhe cresciam os sustos, e a pobre menina chegou a determinar em seu espírito que nunca exporia o coração a tais catástrofes.

Provinha este sentimento de duas coisas: do espírito supersticioso de Cecília, e da natureza das novelas que lhe davam para ler. Se nessas obras ela visse, ao lado das más conseqüências a que os excessos podem levar, a imagem pura e suave da felicidade que o amor dá, não se teria de certo apreendido daquele modo. Mas não foi assim. Cecília aprendeu nesses livros que o amor era uma paixão invencível e funesta; que não havia para ela nem a força de vontade nem a perseverança do dever. Esta idéia calou no espírito da moça e gerou um sentimento de apreensão e de terror contra o qual ela não podia nada, antes se tornara mais impotente à medida que lia uma nova obra da mesma natureza.

Este estrago moral completava-se com a leitura da última novela. Quando Cecília levantou os olhos para o teto tinha o coração cheio de medo e os olhos traduziam o sentimento do coração. O que sobretudo a atemorizava mais era a incerteza que ela tinha de poder escapar à ação de uma simpatia funesta. Muitas das páginas que lera diziam que o destino intervinha nos movimentos do coração humano, e sem poder discernir o que teria de real ou de poético este juízo, a pobre mocinha tomou ao pé da letra o que lera e confirmou-se nos receios que nutria de muito tempo.

Insone depois dessa última leitura, Cecília vê entrar em seu quarto o anjo das donzelas, uma aparição que se diz capaz de garantir às moças “o emblema da eterna virgindade”. Cecília aceita a proposta de viver “livre das paixões”, e ganha do anjo um anel para celebrar o pacto. No dia seguinte, ela acorda “com o anel no dedo e a consciência do que se passara na véspera”.

Desse dia em diante, por toda a vida, Cecília vai rechaçar um a um seus pretendentes, entre eles um “doutor formado em matemáticas” que, derrotado, volta “aos cálculos e aos livros”. Na velhice, Cecília descobre que o anel que ela nunca tirara do dedo, o anel do anjo das donzelas, era na verdade um presente secreto – introduzido pelas mãos de uma mucama – de um primo enamorado. Diz o primo: “Peitei a mucama para que alta noite, na ocasião em que a prima dormisse depois da costumada leitura... Ah! você lia muito romance!”.

## 2.5 Casada e viúva<sup>36</sup>

Meneses e Eulália, marido e mulher, recebem, na chácara em que vivem, Nogueira e Cristiana, também marido e mulher. Meneses assedia Cristiana, com quem teve um namoro passageiro na adolescência, e Cristiana repele o assédio. Eulália, que não tem conhecimento nem do namoro do passado nem do assédio do presente, não compreende o aborrecimento da amiga. Conversando com as duas e cifrando a conversa a Cristiana, Meneses diz:

– Eu contei a D. Cristiana o assunto da única novela que li em minha vida. Era um livro interessantíssimo. O assunto é simples, mas comovente. É uma série de torturas morais por que passa uma moça a quem esqueceu juramentos feitos na mocidade. Na vida real este fato é uma coisa mais que comum; mas tratado pelo romancista toma um tal caráter que chega a assustar o espírito mais refratário às impressões. A análise das atribulações da ingrata é feita por mão de mestre. O fim do romance é mais fraco. Há uma situação forçada... uma carta que aparece... Umas coisas... enfim, o melhor é o estudo profundo e demorado da alma da formosa perjura. D. Cristiana é muito impressível...

## 2.6 Questão de vaidade<sup>37</sup>

Em carta ao amigo Pedro Elói, Eduardo, “um espírito para o qual nada havia fora do culto da própria personalidade”, escreve sobre uma manhã na praia, a manhã em que conhece Sara:

<sup>36</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1864; avulso.

<sup>37</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1864; avulso.

Os maridos, pais e irmãos, que não tomavam banho, ou conversavam, ou liam, ou olhavam o ar, enquanto as graças humanas brincavam com o elemento a que Shakespeare as comparou.

Sara, um dos alvos do amor leviano de Eduardo (Eduardo não se decide entre Sara e Maria Luísa e ilude as duas), é uma leitora *pura*.

Na sala, sobre a mesa, estava um livro aberto. Eduardo procurou ler o que era; levantou-se e foi saciar a curiosidade. Era *Paulo e Virgínia*. Um lenço marcado com a firma de Sara [lenço que Eduardo tomará para si e que adiante será motivo de desconfiança para Maria Luísa], atirado sobre as folhas abertas, para marcar a página, indicava quem estivera lendo a obra-prima de [Bernardin de] Saint-Pierre.

Eduardo pegou no livro e no lenço e foi sentar-se junto de uma janela. Sua vaidade impava de contente. Tinha diante de si um coração virgem, completamente virgem; um coração que ainda podia ler *Paulo e Virgínia*. Amar, conquistar, possuir esta menina, era surpreender a flor no botão; era ensinar o catecismo do amor, soletrar o credo do coração, a uma ignorante, a uma pura, a uma ingênua. Que mais podia ambicionar o caprichoso namorado? Se alguma das pessoas da família tivesse olhar mais perspicaz poderia decerto descobrir no olhar e no sorriso com que Eduardo folheou o volume toda a satisfação de sua alma egoísta.

A seguir, Sara toca nos dedos de Eduardo ao tomar dele o volume de *Paulo e Virgínia*:

– Que está lendo aí? perguntou ela a Eduardo, entrando na sala.  
 – Ah! perdão! respondeu este. Foi uma ousadia de que me arrependo; mas este livro aberto por suas mãos, lido por seus olhos, devia ter adquirido uma virtude nova, e eu quis aspirar-lha antes que outro o fizesse. Perdoa-me?  
 [...] Sara tomou-lhe o livro docemente, tocando com os seus dedos nos dele, e lançando-lhe um olhar da mais franca e pura satisfação [...].

Sara é ingênua como os livros que lê:

Aquele amor eram as primícias do seu coração; julgava-se uma Virgínia e pensava ter encontrado o seu Paulo! A pobre menina não tinha nem o tato nem o contacto do mundo; o tato para conhecer o espírito de Eduardo, o contacto para saber da opinião que faziam dele. Vivia isolada, no meio de sua família, julgando o resto do mundo pela vida que levava e pelos afagos sinceros que recebia.

## 2.7 Confissões de uma viúva moça<sup>38</sup>

Eugênia, viúva recente e moradora recente de Petrópolis, corresponde-se com uma amiga. As cartas se dispõem como num folhetim de jornal. Na primeira mensagem a viúva anuncia que vai revelar um segredo e que as cartas serão enviadas periodicamente: “As minhas cartas irão de oito em oito dias, de maneira que a narrativa pode fazer-te o efeito de um folhetim de periódico semanal”. O melhor é, “como se diz nos romances”, não antecipar os acontecimentos, ela escreve. O segredo que vai ser revelado é o motivo pelo qual a viúva se afastou do Rio de Janeiro, e esse motivo, escreve ela, não é a viuvez recente.

A narradora faz confissões à amiga para, aliviada de uma culpa, voltar à capital e à convivência social. “Tenho necessidade de viver”, ela afirma, para em seguida lamentar que os dois últimos anos foram anos nulos e tediosos. A leitura não fornecia sossego: “Lia, é verdade. Mas só o tempo, a ausência, a idéia do meu coração enganado, da minha dignidade ofendida, puderam trazer-me a calma necessária, a calma de hoje.”

O relato da viúva traz à tona a existência passada (“no tempo de meu marido”) de um admirador. “Até então”, diz ela, “eu não tinha visto amor senão nos livros”. Em dado momento, o admirador é atraente como um poeta romântico: “Parece que aquele homem lia na minha alma e sabia apresentar-se no momento mais próprio a ocupar-me a imaginação como uma figura poética e imponente”. Alguns parágrafos adiante, impõe-se – passageiramente, já que ao fim das contas a viúva não terá resistido à paixão proibida – a visão realista de um casamento sem amor (“resultado de um cálculo e de uma conveniência”) porém seguro:

Por que temer? dizia eu comigo. [...] Eia! Nenhum obstáculo se opõe ao meu caminho de mulher virtuosa e considerada. Este homem [...] não passa de um mau leitor de romances realistas. O mistério é que lhe dá algum valor; visto de mais perto há de ser vulgar ou hediondo.

---

<sup>38</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1865; *Contos fluminenses* (1870).

## 2.8 Linha reta e linha curva<sup>39</sup>

Azevedo e Adelaide vivem uma lua-de-mel idílica em Petrópolis. O idílio da realidade é sublinhado por leituras idílicas:

Azevedo e Adelaide estavam no jardim que ficava em frente da casa onde ocultavam a sua felicidade. Azevedo lia alto; Adelaide ouvia-o ler, mas como se ouve um eco do coração, tanto a voz do marido e as palavras da obra correspondiam ao sentimento interior da moça.

No fim de algum tempo Azevedo deteve-se e perguntou:

– Queres que paremos aqui?

– Como quiseres, disse Adelaide.

– É melhor, disse Azevedo fechando o livro. As coisas boas não se gozam de uma assentada. Guardemos um pouco para a noite. Demais, era já tempo que eu passasse do idílio escrito para o idílio vivo. Deixa-me olhar para ti.

O amigo Tito, chegando de “uma viagem de poeta” por muitos pontos do mundo e entrando em cena nesse instante de idílio vivo, diz a Azevedo:

Eu já suspeitava que com o teu espírito de poeta irias esconder tua felicidade em algum recanto do mundo. Com efeito, isto é verdadeiramente uma nesga do paraíso. Jardim, caramanchões, uma casa leve e elegante, um livro. Bravo! *Marília de Dirceu*... É completo! *Tityre, tu patulae*. Caio no meio de um idílio. Pastorinha, onde está o cajado?

Tito, o que se pode chamar de um leitor aplicado,<sup>40</sup> fingirá, em sua temporada na casa dos amigos, ser indiferente à jovem viúva Emília – com a intenção de conquistá-la. Tito diz a Emília que nada, nem os livros, o convence a confiar no amor.

– Tenho pena de uma criatura assim, continuou a viúva. Não conhecer o amor é não conhecer a vida! Há nada igual à união de duas almas que se adoraram? Desde que o amor entra no coração, tudo se transforma, tudo muda, a noite parece dia, a dor assemelha-se ao prazer... Se não conhece nada disto, pode morrer, porque é o mais infeliz dos homens.

– Tenho lido isso nos livros, mas ainda não me convenci...<sup>41</sup>

<sup>39</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1865; *Contos fluminenses* (1870).

<sup>40</sup> Tito lê (ou diz que lê) Santo Agostinho e tem por hábito ler depois do almoço: “Daí a meia hora Tito subiu para o gabinete em que Azevedo tinha os livros. Ia, dizia, ler as *Confissões de Santo Agostinho*.”; “No fim do almoço Tito, como quase sempre, retirou-se para ler durante duas horas.”

<sup>41</sup> Machado compôs *Linha reta e linha curva* adaptando sua peça recente *As Forças Caudinas*, uma comédia em dois atos que ninguém quis representar, e aproveitou quase tudo e quase todos os diálogos. Na peça, incluída por Raymundo Magalhães Júnior na antologia *Contos sem data*, Tito, logo depois de dizer que tem lido isso sobre o amor nos livros, começa a folhear um livro de poesias, e Emília pergunta se ele está “admirando a beleza dos versos”. Ele diz que não, que o que está admirando é “a beleza da impressão”, e diz que “já se imprime bem no Rio de Janeiro” e que “aquí há anos era uma desgraça”. Tito: “V. Ex. há de conservar ainda alguns livros da

Adormecido numa de suas leituras, Tito deixará escapar um sinal de que seu desinteresse em relação à viúva é artificial. Diz Azevedo: “O que sei, é que uma destas tardes em que adormeceste lendo, não sei que livro, ouvi-te pronunciar em sonhos, com a maior ternura, o nome de Emília”.

## 2.9 O oráculo<sup>42</sup>

Em *O oráculo*, Leonardo é um “pobre mortal” perseguido pela “má fortuna”. Leonardo tenta sempre uma nova fortuna, fundado num “pensamento que havia lido”, o pensamento de que “a fortuna é como as mulheres, vence-a a tenacidade”. Ele não tem nem nunca teve um “gosto” por leitura, mas funda mesmo assim uma gazeta literária.

Dotado de alguma inteligência e levado pela necessidade mais que pelo gosto, fundou uma gazeta literária; mas os assinantes, que eram da massa dos que preferem ler sem pagar a impressão, deram à gazeta de Leonardo uma morte prematura no fim de cinco meses.

## 2.10 O pai<sup>43</sup>

No conto *O pai*, Davi é “um poeta velho, um poeta de cinqüenta anos”, um poeta desapegado de “ilusões literárias”. Ele possui apenas dois livros – a Bíblia e a *Jerusalém libertada* de Torquato Tasso –, e vive com os dois livros e dois amigos.

Na idade a que chegara pôde conservar o viço da impressão e o desgosto das coisas mundanas; fora um dos enteados da glória, não encontrando para os auspícios de sua musa mais do que um eco vão e negativo. Isolou-se, em vez de falar no mundo com a língua que Deus lhe dera, voltou-se para Deus [...].  
[...]

[Davi] tinha dois livros: a Bíblia e Tasso; dois amigos: um criado e um cão. O criado chamava-se Elói; Diógenes chamava-se o cão, que era a terceira pessoa daquela trindade solitária.

---

impressão antiga...”. Emília: “Não senhor; eu nasci depois que se começou a imprimir bem”. Peça e conto se passam em algum ano da primeira metade da década de 1860, e Emília tem vinte e cinco anos.

<sup>42</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1866; avulso.

<sup>43</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1866; avulso.

## 2.11 Felicidade pelo casamento<sup>44</sup>

Em *Felicidade pelo casamento*, o narrador, F., conta a história de como a descoberta do amor verdadeiro o livra do isolamento sentimental. De início, desiludido por ter vivido uma “fantasia amorosa”, F., desde criança um leitor ensimesmado, recusa o amor de uma prima.

A explicação da minha recusa e do desamor com que eu via a minha prima estava no meu gênio solitário e contemplativo. Até aos quinze anos fui tido por idiota; dos quinze aos vinte chamavam-me poeta; e, se as palavras eram diferentes, o sentido que a minha família lhes dava era o mesmo. Era pouco de ser estimado um moço que não comungava nos mesmos passatempos da casa e via correr as horas na leitura e nas digressões pelo mato. Minha mãe era a única a quem tais instintos de isolamento não davam para rir nem para desamar. Era mãe. Muitas vezes, alta noite, quando os meus olhos se cansavam de percorrer as páginas de *Atalá* ou *Corina*<sup>45</sup>, abria-se a porta do gabinete e a sua figura meiga e veneranda, como a das santas, vinha distrair-me da cansada leitura. Cedia às suas instâncias e ia repousar.

Para dar alguma noção de toda a melancolia que superou, F. expõe dois manuscritos seus. No primeiro texto, escrito num período de “lamentação”, suas leituras – a Bíblia, Pascal e poesia romântica francesa – refletem e intensificam o que ele chama de “agonia do espírito”:

Sobre a mesa tenho duas pilhas de livros. De um lado a Bíblia e Pascal, do outro Alfredo de Vigny e Lamartine. É obra do acaso e não parece: tal é o estado do meu espírito. Os três [dois] primeiros livros me chamam à contemplação ascética e às reflexões morais; os três [dois] últimos despertam os sentimentos do coração e levam meu espírito às mais elevadas regiões da fantasia.

[...]

Que me direis vós, meus livros? Queixas e consolações. Dais-me escrito o que eu tenho a falar no interior. Queixas de um sentir sem eco, consolações de uma esperança sem desfecho. Que havíeis de dizer mais? Nada é novo; o que é, já foi e há de vir a ser. Destas dores sentir-se-ão sempre e não deixarão de sentir-se. Círculo vicioso, problema sem solução!

Lembrei o Eclesiastes. Que me dirá esse tesouro de sabedoria?

O segundo manuscrito responde a uma fase de “resignação”:

A vida é um livro, no dizer de todos os poetas. Negro para uns, dourado para outros. Não o tenho negro; mas o parênteses que se me abriu no meio das melhores páginas, esse foi angustioso e sombrio.

Nunca entendi o livro de Jó, como então. Só então calculei que a miséria depois da opulência era um mal maior do que a miséria desde o berço.

<sup>44</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1866; avulso.

<sup>45</sup> Romances românticos franceses: *Atala* (1801), de François-René de Chateaubriand, e *Corinne ou l'Italie* (1807), de Madame de Staël.

As lamentações do filho de Hus, não só as entendi como me serviram de exemplo. Vi-o maldizer a hora do nascimento e assisti à resignação com que se lhe iluminou a alma e com que ele aceitou experiências do céu. Como ele amaldiçoei, e como ele me resignei. Aquelas páginas respiram consolações, aspirei nelas a tranquilidade presente...

Depois desse preâmbulo, F. passa ao relato de sua história de amor. Morador da província, ele vai ao Rio de Janeiro tratar de negócios e, vítima de uma “febre intermitente”, hospeda-se temporariamente, para repouso, na casa do médico Magalhães. A casa dispõe de “uma biblioteca das mais escolhidas”. Diz Magalhães: “havemos de ler Teócrito e Virgílio”. Ângela, filha de Magalhães, desperta em F. o “germe abençoado” do amor. A certa altura F. vê que ela se distrai de uma leitura:

Ângela estava assentada debaixo de uma latada que havia ao lado da casa. Tinha na mão um livro aberto, mas via-se bem que não lia. Os olhos erravam do livro para o chão, com evidentes sinais de que lhe errava no espírito alguma coisa. Só no espírito? Não podia ser ainda no coração; era um primeiro sintoma; não era ainda o acontecimento da minha vida.

Minutos depois, F. também não consegue concentrar o espírito para ler: “Quis deitar-me no sofá e ler; cheguei mesmo a tirar um livro; mas não pude; não sei que ímã me atraía para fora”.

No fim do conto, casado com Ângela, F. declara em sua narrativa que é um erro buscar a felicidade no isolamento: “Procurei por tanto tempo a felicidade na solidão; é errado; achei-a no casamento, no ajuntamento moral de duas vontades, dois pensamentos e dois corações”.

## 2.12 Astúcias de marido<sup>46</sup>

Para pedir a mão de Clarinha nas condições mais excelentes, Valentim Barbosa, “rapaz de vinte e oito anos, formado em direito, mas suficientemente rico para não usar do título como meio de vida”, segue, por astúcia, um sistema de conduta exposto nos ensaios morais do filósofo jansenista francês Pierre Nicole.

Valentim conhecia a vida; metade por ciência, metade por intuição. Tinha lido o *Tratado de paz com os homens*, de Nicole, e reteve estas duas condi-

<sup>46</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1866; avulso.



ções a que o filósofo de Port Royal reduz o seu sistema: não opor-se às paixões, não contrariar as opiniões. O pai de Clarinha era doido pelo xadrez e não via salvação fora do partido conservador; Valentim fustigava os liberais e acompanhava o velho na estratégia do *rei* e dos *elefantes*. Uma tia da moça detestava o império e a constituição, chorava pelos minuetos da corte e ia sempre resmungando ao teatro lírico; Valentim contrafazia-se no teatro, dançava a custo uma quadrilha e tecia loas ao regime absoluto. Enfim, um primo de Clarinha mostrava-se ardente liberal e amigo das polcas; Valentim não via nada que valesse uma polca e um artigo do programa liberal.

### 2.13 Fernando e Fernanda<sup>47</sup>

No começo de *Fernando e Fernanda*, os dois namorados adolescentes do título não têm a “prática do mundo”, não têm contato com muitas pessoas e não sabem nada “além do amor fraterno e filial em que foram criados”. Fernando e Fernanda possuem “ignorância” em seus “corações de quinze anos”. Aprendem a ler com um padre-mestre. Lêem uma Bíblia censurada. Embora lidem com “várias línguas”, não podem fazer leituras que os auxiliem na prática do mundo.

Um velho padre [...] ensinara-lhes a ler e a escrever várias línguas e a história sagrada; mas o modo por que era feito o ensino, a tenra idade em que eles começaram a aprender, a cor legendária que eles viam nos textos sagrados, tudo isso contribuía para que a idéia do amor dos sexos nunca se lhes apresentasse no espírito de um modo claro e positivo.

Deste modo o episódio de Rute, verdadeira página da poesia rústica, era lido pelos dois sem comentário do coração, ou do espírito.

Nem por curiosidade aconteceu perguntarem nunca o fim dos meios empregados pela irmã de Noemi em relação ao rico homem Booz.

Eva, o fruto, a serpente, eram para Fernando e Fernanda a mesma serpente, o mesmo fruto, a mesma Eva, ocultos nos princípios da humanidade pelas névoas da legenda religiosa.

Quanto ao *Cântico dos Cânticos*, o padre-mestre julgou dever suprimi-lo na Bíblia em que aprendiam [...]. Este padre-mestre, apesar de insistir no caráter alegórico do livro de Salomão, segundo a versão católica, julgou não dever dá-lo em leitura ao espírito de Fernando e Fernanda.

---

<sup>47</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1866; avulso.

## 2.14 Possível e impossível<sup>48</sup>

Em *Possível e impossível*, o jovem poeta Teófilo foi incentivado por um tio a não parar de escrever. O tio é um padre que lê Virgílio e Petrarca e com quem Teófilo aprendeu “primeiras letras, rudimentos de latim e de francês”.

Aos dezesseis [Teófilo] metrificou a sua primeira inspiração. Eram umas quadras singelas tomando por assunto uma cena da natureza: duas rolas que se beijavam à margem de um riacho que atravessava o fundo da chácara em que morava. À noite leu a sua obra à família; mas ninguém lha entendeu, à exceção de um tio padre que sabia entremear as orações do breviário com os cantos de Virgílio e Petrarca. O jovem poeta, descontente com o mau efeito da obra, quis rasgá-la; mas o tio padre interveio a tempo e convidou o rapaz, não só a conservar as suas primeiras estrofes, como ainda a metrificicar outras, quando lhe fosse de vez a inspiração.

Aos vinte e dois anos, Teófilo “ensina história e geografia em alguns colégios particulares” no Rio de Janeiro. Faz “versos que ninguém lê, porque ele os guarda cuidadosamente no fundo da gaveta”. Helena, uma agregada da família de Teófilo, apaixonou-se por ele ao ler um desses versos.

[...] era Helena quem se encarregava de pôr em ordem o gabinete de Teófilo. Foi em uma dessas ocasiões, estando ausente o poeta, que Helena achou em cima de uma mesa um quarto de papel onde estavam escritas algumas linhas paralelas e de tamanho desigual. São versos, pensou a moça. Picada de curiosidade, pegou no papel e leu o que estava ali. Reconheceu a letra de Teófilo, e, mais ainda, reconheceu a alma dele. A moça tinha os olhos úmidos quando acabou de ler o papel; beijou-o e tornou a deixá-lo no mesmo lugar.

No dia seguinte Helena começa a ler *todos* os versos guardados de Teófilo.

Tanto procurou, que encontrou em uma das gavetas uma pequena pasta cheia de autógrafos. Eram as inspirações do poeta traduzidas na linguagem de Petrarca, e ali deixadas sem que ainda o poeta as polisse da primitiva aspereza. A moça leu e releu os versos; muitas vezes enxugou os olhos. Havia nas composições de Teófilo um eco às secretas aspirações da alma dela.

Lendo os versos, Helena vai descobrir que Teófilo está apaixonado por outra alma.

Helena no dia seguinte à noite em que ouvira soluçar Teófilo foi ao gabinete deste apenas o viu sair. Aí deu com os versos escritos na véspera.

<sup>48</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1867; avulso.

Não eram os primeiros em que o nome de Sílvia aparecia a Helena. Já em poesias anteriores o mesmo nome deixava-lhe perceber no coração do poeta um amor desconhecido. A linguagem da última elegia deu a conhecer a Helena a situação do coração de Teófilo.

A “namoradeira” Sílvia recusa o afeto do coração de Teófilo. Teófilo encontrará o amor real na leitora de seus versos.

Uma circunstância trouxe toda a luz à situação. Tendo saído de manhã [Teófilo] voltou imediatamente em busca de um livro que esquecera e que lhe era necessário à lição que ia dar naquele dia. Entrou sem ser sentido e foi ao gabinete. Ali estava Helena, diante da porta aberta, tendo na mão uma folha de papel. Eram versos. Helena quando o sentiu ficou sem saber o que fazia. Olhou para ele e conservou na mão o papel. Tinha o semblante triste, mas procurou alegrá-lo com um sorriso. Não pôde. Era um sorriso que a traiu. Teófilo encaminhou-se para ali e pegou na mão de Helena. [...]  
– Quer ser minha mulher?

## 2.15 Francisca<sup>49</sup>

O amor entre Francisca e o poeta Daniel não pode ser levado a termo porque o rapaz não possui nada além do coração, do talento e da virtude. Para se habilitar ao casamento, Daniel sacrifica “a musa da poesia à musa da indústria” e vai a Minas Gerais fazer fortuna. Na volta ao Rio de Janeiro, comerciante e “senhor de uma fortuna regular”, Daniel encontra Francisca casada com César. As “dores morais” desse desengano levam Daniel a uma enfermidade “de completo delírio”. Enquanto vela o leito de Daniel, César lê para matar o tempo.

Em uma das noites que César escolheu para velar junto a Daniel, este, que dormia a espaços, e que nas horas de vigília falava sempre em delírio, pronunciou o nome de Francisca. César estava na outra extremidade do quarto lendo para matar o tempo. Ouviu o nome de Francisca. Voltou-se para o leito. Daniel continuou a pronunciar o mesmo nome com voz lamentosa. Que tinha aquele nome? Mas o espírito de César uma vez despertado não se deteve. Lembrou-lhe a cena do encontro em casa com Daniel; o enleio de ambos em sua presença. Tudo isso inspirou-lhe uma suspeita. Largou o livro e aproximou-se da cama.

<sup>49</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1867; avulso.

Daniel continuava a falar, mas então acrescentou algumas frases, alguns pormenores que deixaram no espírito de César, não dúvida, mas certeza de que algum laço anterior prendia Francisca a Daniel.

Daniel volta para Minas. Anos depois, Daniel volta ao Rio com “feição moral” mudada pela “ação do tempo e do contacto dos homens”. Francisca despreza o poeta que amou e que agora se tornou um “homem vulgar”. O conto tem seu desfecho com a leitura de um bilhete do ex-poeta, um texto cujo estilo exprime as “transformações morais” de Daniel.

De volta de um baile, em que Daniel estivera, disse Francisca a César:

– Sabes que tenho um namorado?

– Quem é?

– Daniel.

– Ah!

– Lê este bilhete.

Francisca deu a César um bilhete. César leu-o para si. Daniel até perdera a qualidade de poeta; o estilo ressentia-se das transformações morais.

– Está engraçado, disse César. Que dizes a isto?

– Digo que é um tolo.

– Quem?

– Ele. Olha, creio que o melhor destino que podemos dar a este bilhete é reduzi-lo a pó. Não estão reduzidas a isto as minhas fantasias de donzela e os seus ressentimentos de marido?

Francisca, dizendo estas palavras, tomou o bilhete da mão de César, e aproximou-o da vela.

– Espera, disse César segurando-lhe no braço.

– O que é?

O olhar de Francisca era tão seguro, tão sincero e também tão cheio de exprobração, que César curvou a cabeça, largou o braço, sorriu e disse:

– Queima.

Francisca aproximou o bilhete da luz e só atirou-o ao chão quando a chama aproximava-se dos dedos.

Depois dirigindo-se a César, tomou-lhe as mãos e disse-lhe:

– Acreditaste acaso que não seja imenso o meu desprezo por aquele homem? Amei-o em solteira; era um poeta; agora desprezo-o, é um homem vulgar.

## 2.16 Onda<sup>50</sup>

Aurora, pérfida como uma onda e dona de “um coração capaz de abrigar seiscentos cavaleiros em dia de temporal, e até sem temporal”, é uma donzela disputada e que não se deixa conquistar. Numa aposta com pretendentes rejeitados pela moça, Ernesto assegura que a se-

<sup>50</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1867; avulso.

duzirá. Na aposta, entre os prêmios prometidos a Ernesto, a prenda mais preciosa, empenhada por um poeta, é um manuscrito de Voltaire.

[...] depois de dez minutos de renhida discussão, assentou-se que, no caso de vitória, Ernesto teria direito às seguintes prendas:

Um jantar no Hotel de Europa.

Um cavalo.

Um mês de verão em Petrópolis.

Uma assinatura do Teatro Lírico.

Um milheiro de charutos de Havana.

Saldar todos os credores.

Um manuscrito de Voltaire.

Esta última aposta era do poeta que se gabava de possuir muitos manuscritos de homens célebres, e que, declarando o que perderia, teve cuidado de fazer observar que perderia mais que todos.

No caso em que Ernesto fosse derrotado pagaria aos outros, coletivamente, um lauto banquete.

A respeito de seus avanços na tentativa de conquistar Aurora, Ernesto recitará o poeta francês André Chénier:

– [...] Meus caros, a confiança e a coragem são tudo. Chénier tem razão:

..... Ami, reprends courage,

Toujours le ciel glacé ne souffle point l'orage.

Le ciel, d'un jour à l'autre, est humide ou serein.<sup>51</sup>

Preparando-se para escrever a Aurora uma carta em que declara formalmente seu amor, Ernesto lê poesia – Propércio e o francês Charles-Hubert Millevoeye – em “duas horas de incubação intelectual”: “Deu ordem para que o não incomodassem; mandou fazer café, acendeu um charuto, leu e releu Propércio e Millevoeye [...]”.

Numa conversa entreouvida por Ernesto, Aurora dirá a uma interlocutora que Ernesto, por ter “a vaidade de agradar por seus encantos”, é o mais medíocre dos pretendentes. “Se visses a carta que me escreveu!”, “umas coisas já muito velhas e batidas”, ela diz, para logo depois revelar que o amor que deseja encontrar é o sentimento superior que conheceu nos livros:

Fui educada com o recato maior deste mundo; entrando na convivência das outras, e nas distrações nos bailes, não pude logo ao princípio tomar afeição alguma. Foi tempo esse que gastei em duas coisas: em ler e observar. Ora, da leitura adquiri idéias talvez um pouco absurdas, mas enfim adquiri, e fora das quais não compreendo o amor. Gosto de amar e ser amada por inspira-

<sup>51</sup> O verso seguinte do poema de Chénier (1762-1794, guilhotinado) é “Et tel pleure aujourd’hui qui sourira demain” (<http://www.poesies.net/andrechenieroeuvrecomplete1ed1819.txt>).

ção, e com verdadeira paixão. Até aqui nada tenho visto além de uns amores vulgares que não contentam o coração.

Ao falar com Aurora a seguir, Ernesto, para iniciar a conversa, vale-se de “banalidades” velhas e batidas de um romance recém-lido.

A noite era das mais belas. Esta circunstância serviu de tema para as primeiras palavras de Ernesto, a quem ocorreram no momento as palavras de uma situação de romance que ele lera alguns dias antes.

Essa acaba sendo a última conversa de Ernesto com Aurora, e Ernesto paga a seus companheiros de aposta, coletivamente, um lauto banquete.

### 2.17 O último dia de um poeta<sup>52</sup>

Em função de uma catástrofe de amor, o poeta do conto *O último dia de um poeta* quer ir o quanto antes para a sepultura e lançar seu espírito no infinito e na eternidade: “Acabo de ler duas páginas dos Salmos de Davi. O rei-poeta consolou minha alma. É destas consolações que eu preciso, destas que preparam o espírito para a eternidade...”. No fim do conto, vivo, “livre das quimeras” e “ex-poeta”, ele dirá que é agora “o homem-prosa”.

### 2.18 História de uma lágrima<sup>53</sup>

A lágrima do conto *História de uma lágrima* cai durante uma leitura.

Elisa estava de costas, sentada numa poltrona com um papel na mão; aproximei-me devagarinho, queria causar-lhe uma agradável surpresa dando-lhe um beijo.

Mas, no momento em que eu aproximava-me dela, vi que o papel que ela lia continha uns versos, e parava para os ler, quando vi cair sobre o papel uma lágrima.

[...]

Os versos que ela lia eram de Luís, que ela amava, e com quem não pôde casar porque adivinhara que o meu casamento era do gosto do pai. Fui a fatali-

<sup>52</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1867; avulso.

<sup>53</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1867; avulso.

dade da sua vida. E não menos fatal fui na morte [de Elisa], pois que a apressei quando talvez pudesse viver alguns dias, talvez pouco para ela, muito para o meu amor.

## 2.19 Não é mel para a boca do asno<sup>54</sup>

Em *Não é mel para a boca do asno*, o personagem Meneses – jovem advogado que “tivera algum tempo o sestro de escrever versos para os jornais, o que lhe arredou a estima de alguns homens sérios” – lê e estuda para esquecer um amor impossível. Meneses está criminosamente apaixonado por Hortênsia, noiva de um amigo.

– Por que motivo, dizia ele consigo, hei de alimentar um amor até aqui impossível, agora criminoso? Não tarda muito que os veja casados, e tudo estará acabado para mim. Preciso viver; tenho necessidade do futuro. Há um grande meio; é o trabalho e o estudo.

Desse dia em diante Meneses redobrou de esforços; dividiu-se entre o trabalho e o estudo; lia até alta noite, e procurava formar-se completamente na difícil ciência que abraçara.

A respeito de seus estudos e leituras, Meneses tem o seguinte diálogo com o noivo de Hortênsia, Marques:

– Trabalho agora muito, disse Meneses.

– Metido nos autos! que maçada!

– Não; gosto daquilo.

– Ah! gostas... há quem goste do amarelo.

– Os autos são maçantes, mas a ciência é bela.

– É um aforismo que eu dispenso. Melhor processo é aquilo [Marques aponta para uma mulher, Sofia].

Mais adiante, Meneses, diante de uma notícia que muda seu futuro,<sup>55</sup> publicada no *Jornal do Comércio* do dia, que ele não havia lido, dirá (antes de ler a notícia): “Leio agora, porque não tenho tempo de ler tudo”.

---

<sup>54</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1868; avulso.

<sup>55</sup> Marques, abandonando Hortênsia, parte com Sofia para o Rio da Prata; em carta a Meneses, Marques escreverá: “Eu não sou herói de romance”; Meneses casa-se com Hortênsia.

## 2.20 A mulher de preto<sup>56</sup>

No início de *A mulher de preto*, o personagem Meneses, um deputado com fama de misantropo, diz ao médico Estêvão: “Espero que o romance da nossa amizade não termine no primeiro capítulo”. Na casa de Meneses, em seu gabinete de trabalho, há “duas longas estantes de livros”. O deputado diz a Estêvão que os livros são a sua família: “História, filosofia, poesia... e alguns livros de política. Aqui estudo e trabalho. Quando cá vier é aqui que o hei de receber.”

O amor, para Estêvão, é um ideal de perfeição acalentado por leituras. Diz Estêvão a um padre amigo (leitor do prelado e escritor francês Fénelon):

– Padre Luís, uma menina que deixa as bonecas para ir decorar mecanicamente alguns livros mal escolhidos; que interrompe uma lição para ouvir contar uma cena de namoro; que em matéria de arte só conhece os figurinos parisienses; que deixa as calças para entrar no baile, e que antes de suspirar por um homem, examina-lhe a correção da gravata, e o apertado do botim; padre Luís, esta menina pode vir a ser um esplêndido ornamento de salão e até uma fecunda mãe de família, mas nunca será uma mulher.

Esta sentença de Estêvão tinha o defeito de certas regras absolutas. Por isso, o padre dizia-lhe sempre:

– Tem você razão; mas eu não lhe digo que case com a regra; procure a exceção que há de encontrar e leve-a ao altar, onde eu estarei para os unir.

Tais eram os sentimentos de Estêvão em relação ao amor e à mulher. A natureza dera-lhe em parte esses sentimentos; mas em parte adquiriu-os ele nos livros. Exigia a perfeição intelectual e moral de uma Heloísa; e partia da exceção para estabelecer uma regra.

A abnegação nas leituras chega a repercutir na compleição física do rapaz:

Estêvão era o tipo do rapaz sério. Tinha talento, ambição e vontade de saber, três armas poderosas nas mãos de um homem que tenha consciência de si. Desde os dezesseis anos a sua vida foi um estudo constante, aturado e profundo. Destinado ao curso médico, Estêvão entrou na academia um pouco forçado; não queria desobedecer ao pai. A sua vocação era toda para as matemáticas. Que importa? disse ele ao saber da resolução paterna; estudarei a medicina e a matemática. Com efeito teve tempo para uma e outra coisa; teve tempo ainda para estudar a literatura, e as principais obras da antiguidade e contemporâneas eram-lhe tão familiares como os tratados de operações e de higiene.

Para estudar tanto, foi-lhe preciso sacrificar uma parte da saúde. Estêvão aos vinte e quatro anos adquirira uma magreza, que não era a dos dezesseis; tinha a tez pálida e a cabeça pendia-lhe um pouco para a frente pelo longo há-

<sup>56</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1868; *Contos fluminenses* (1870).



bito da leitura. Mas esses vestígios de uma longa aplicação intelectual não lhe alteraram a regularidade e harmonia das feições, nem os olhos perderam nos livros o brilho e a expressão.

Os livros são para Estêvão um anteparo e um fator de alienação dos sentimentos:

[Estêvão] Perdera os pais aos vinte anos, mas ficara-lhe bastante juízo para continuar sozinho a viagem do mundo. O estudo serviu-lhe de refúgio e bordão. Não sabia nada do que era o amor. Ocupara-se tanto com a cabeça que esquecera-se de que tinha um coração dentro do peito. Não se infira daqui que Estêvão fosse puramente um positivista. Pelo contrário, a alma dele possuía ainda em toda a plenitude da graça e da força as duas asas que a natureza lhe dera. Não raras vezes rompia ela do cárcere da carne para ir correr os espaços do céu, em busca de não sei que ideal mal definido, obscuro, incerto. Quando voltava desses êxtases, Estêvão curava-se deles enterrando-se nos volumes à cata de uma verdade científica. Newton era-lhe o antídoto de Goethe.

Quando Estêvão, apaixonado pela viúva Madalena, experimenta a possibilidade concreta do amor, não haverá concentração intelectual para a leitura:

Como verdadeiro médico que era, sentia em si os sintomas dessa hipertrofia do coração que se chama amor e procurou combater a enfermidade nascente. Leu algumas páginas de matemáticas, isto é, percorreu-as com os olhos; porque apenas começava a ler o espírito alheava do livro onde apenas ficavam os olhos: o espírito ia ter com a viúva.

Estêvão decide escrever à viúva uma carta de amor, mas é interrompido por uma visita do amigo Oliveira, que anuncia estrear na literatura.

– Entrei na literatura.  
 – Ah!  
 – É verdade, venho ler-te a primeira comédia.  
 – Deus me livre! disse Estêvão levantando-se.  
 – Hás de ouvir, meu amigo; ao menos algumas cenas; dar-se-á caso que não me protejas nas letras? Anda cá; ao menos duas cenas. Sim? É pouca coisa.  
 Estêvão sentou-se.  
 O dramaturgo continuou:  
 – Talvez prefiras ouvir a minha tragédia intitulada – *O punhal de Bruto*...  
 – Não, não; prefiro a comédia: é menos sanguinária. Vamos lá...

Estêvão não atura a leitura por muito tempo:

Estêvão interrompeu violentamente a leitura, o que desgostou bastante ao poeta novel. O pobre candidato às musas mal pôde balbuciar uma súplica; Estêvão mostrou-se surdo, e o mais que lhe concedeu foi ficar com a comédia para lê-la depois.

Oliveira contentou-se com isso; mas não se retirou sem recitar-lhe de cor uma fala do protagonista da tragédia, em versos duros e compridos, dando-lhe por quebra uma estrofe de uma poesia lírica, no estilo do *Djinns* de Vítor Hugo.

Quando Estêvão descobre que a viúva Madalena não é viúva e é na verdade mulher do deputado Meneses – de quem está separada por causa de um mal-entendido –, sai à rua e encontra o inoportuno Oliveira; “Lembrou-se que a leitura da comédia impedira a remessa da carta, e portanto poupou-lhe um tristíssimo desengano”. Estêvão abraça Oliveira, que diz:

– Obrigado, meu amigo; estas manifestações são muito honrosas para mim; sempre te conheci como um perfeito juiz literário, e a prova que acabas de dar-me é uma consolação e uma animação; consola-me do que tenho sofrido, anima-me para novos cometimentos. Se Torquato Tasso...

Estêvão ainda vai ler, no *Jornal do Comércio*, um artigo de Oliveira, não assinado:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estréia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade a ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

## 2.21 O segredo de Augusta<sup>57</sup>

Nas primeiras linhas do conto *O segredo de Augusta*, a protagonista, ao responder a uma pergunta da filha, não tira os olhos do livro que está lendo. E é com um certo agastamento que ela pára de ler.

São onze horas da manhã.

D. Augusta Vasconcelos está reclinada sobre um sofá, com um livro na mão. Adelaide, sua filha, passa os dedos pelo teclado do piano.

– Papai já acordou? pergunta Adelaide à sua mãe.

<sup>57</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1868; *Contos fluminenses* (1870).

- Não, responde esta sem levantar os olhos do livro.
- Adelaide levantou-se e foi ter com Augusta.
- Mas é tão tarde, mamãe, disse ela. São onze horas. Papai dorme muito.
- Adelaide deixou cair o livro no regaço, e disse olhando para Adelaide:
- É que naturalmente recolheu-se tarde.

Pouco depois, no fim do primeiro capítulo do conto, Augusta receberá em casa, a um só tempo, encomendados, um romance francês e alguns vestidos “caríssimos”:

[...] chegaram dois caixeiros: um com alguns vestidos e outro com um romance; eram encomendas feitas na véspera. Os vestidos eram caríssimos, e o romance tinha este título: *Fanny*, por Ernesto Feydeau.

## 2.22 Luís Soares<sup>58</sup>

Luís Soares, rico por herança e ocioso, troca o dia pela noite. Ele é um modelo de indiferença em suas atitudes. Ele não lê nem jornais nem poesia; lê, quando muito, uma página de romance.

Contrariamente a vários ministérios, Soares cumpria este programa [velar de noite, dormir de dia] com um escrúpulo digno de uma grande consciência. A aurora para ele era o crepúsculo, o crepúsculo era a aurora. Dormia doze horas consecutivas, durante o dia, quer dizer das seis da manhã às seis da tarde. Almoçava às sete e jantava às duas da madrugada. Não ceava. A sua ceia limitava-se a uma xícara de chocolate que o criado lhe dava às cinco horas da manhã quando ele entrava para casa. Soares engolia o chocolate, fumava dois charutos, fazia alguns trocadilhos com o criado, lia uma página de algum romance, e deitava-se.

Não lia jornais. Achava que um jornal era a coisa mais inútil deste mundo, depois da Câmara dos Deputados, das obras dos poetas, e das missas. Não quer isto dizer que Soares fosse ateu em religião, política e poesia. Não. Soares era apenas indiferente. Olhava para todas as grandes coisas com a mesma cara com que via uma mulher feia. Podia vir a ser um grande perverso; até então era apenas uma grande inutilidade.

“Um dia de manhã”, ou seja, lá pelo fim da tarde, Luís Soares recebe uma carta de seu banqueiro: sua fortuna se esgotou. A contragosto, ele tem de trabalhar pela primeira vez e tem de ampliar seu horizonte de leituras:<sup>59</sup>

<sup>58</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1869; *Contos fluminenses* (1870).

<sup>59</sup> Sem prosperar nem intelectual nem moralmente, “pobre” e “tendo como única perspectiva o trabalho diário”, no fim da história Luís Soares toma “a triste resolução dos covardes” e se mata com um tiro.

– Pois eu verei se te posso arranjar isto [um projeto de carreira política], respondeu o tio. O que é preciso é que estudes a ciência da política, a história do nosso parlamento e do nosso governo; e principalmente é preciso que continues a ser o que és hoje: um rapaz sério.

Se bem o dizia o major [o tio], melhor o fazia Soares, que desde então meteu-se com os livros e lia com afinco as discussões das câmaras.

## 2.23 O anjo Rafael<sup>60</sup>

“Cansado da vida, descrente dos homens, desconfiado das mulheres e aborrecido dos credores”, o médico Antero decide acabar com a própria vida. Antes de escrever uma carta intitulada “Ao mundo”, ele lê Voltaire.

O dr. Antero foi para a sala, estendeu-se no divã, abriu um volume do *Dicionário filosófico* e começou a ler.

Já então declinava a tarde e aproximava-se a noite. A leitura do dr. Antero não podia ser longa. Efetivamente daí a algum tempo levantou-se o nosso herói e fechou o livro.

No ato de carregar sua arma, Antero veda o cano da pistola com uma folha do Evangelho de São João – “para rematar a vida com um traço de impiedade”.

Mais à frente no conto, hospedado na casa de um major em função de uma proposta misteriosa que o fez esquecer os planos de suicídio, Antero adormece lendo Walter Scott:

O criado tinha-lhe posto à disposição um guarda-roupa, e meia hora depois serviu-lhe um banho. Satisfeitas essas necessidades de asseio, o doutor deitou-se na cama e tirou à vontade um dos livros que se achavam sobre a mesa. Era um romance de Walter Scott. O rapaz, educado com o estilo de telegrama dos livros de Ponson du Terrail, adormeceu logo à segunda página.

A proposta misteriosa envolve uma fortuna, um tesouro escondido atrás de uma estante de livros falsa:

Como o velho [o major] insistisse, o doutor declarou-se pronto a acompanhá-lo. Passaram dali a um gabinete onde o major tinha a biblioteca; o major fechou a porta com a chave; depois disse ao doutor que tocasse uma mola que desaparecia no lombo de um livro fingido, no meio de uma estante. O doutor obedeceu.

<sup>60</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1869; avulso.

Toda aquela fileira de livros era simulada; ao toque do dedo do doutor abriu-se uma portinha que dava para um vão escuro onde se achavam cinco ou seis caixinhas de ferro.

A proposta do major – antigo amigo do pai falecido de Antero –, a fortuna escondida atrás dos livros falsos, é um prêmio pelo casamento de sua filha com Antero. Depois de ler, reler, beijar e levar ao coração um bilhete da moça, Antero lê um “celestes romance” que con- diz com seu estado de espírito:

Para matar o tempo o rapaz abriu um dos livros que estavam sobre a mesa. Acertou de ser Paulo e Virgínia; o doutor nunca havia lido o celestes roman- ce; o seu ideal e a sua educação o afastavam daquela literatura. Mas agora ti- nha o espírito preparado para apreciar páginas tais; sentou-se e leu rapida- mente metade da obra.

Como Antero não volta a sua casa, é tido por desaparecido. Sua carta de suicídio torna- se notícia na imprensa. O estilo da carta é ridicularizado por um folhetinista.

O rapaz [Antero], depois de ler as notícias dos jornais e alguns artigos políti- cos, passou aos folhetins. Ora, aconteceu que um deles tratava precisamente do suicídio do dr. Antero da Silva. A carta póstuma servia de assunto para as considerações galhofeiras do folhetinista.

Um dos períodos dizia assim:

“Se não fosse o suicídio do homem, eu não tinha assunto ameno para tratar hoje. Felizmente lembrou-se de morrer a tempo, coisa que nem sempre aconte- ce a um marido, nem a um ministro de Estado.

Mas morrer era nada; morrer e deixar uma carta desfrutável como a que o público leu, isso é que é ter compaixão de um escritor *aux abois*.

Desculpe o leitor o termo francês; vem do assunto; eu estou convencido que o dr. Antero (que pelo nome não perca) leu algum romance parisiense em que viu o original daquela carta.

Salvo se nos quis provar que não era simplesmente um espírito medíocre, mas também um formidável tolo.

Tudo é possível.”

Antero sorri “filosoficamente” e concorda com a crítica.

## 2.24 Miss Dollar<sup>61</sup>

Um anúncio nos jornais oferece recompensa pela devolução de Miss Dollar, uma cadelinha fugida. De posse da cadelinha, o Dr. Mendonça, um médico apreciador e colecionador de cães, dirige-se à casa indicada no anúncio. No endereço citado, Mendonça é recebido por uma senhora. “*Miss Dollar* não é minha”, diz D. Antônia; “É de minha sobrinha”. A sobrinha aparece e Mendonça apaixona-se por ela instantaneamente:

Mendonça nunca vira olhos verdes em toda a sua vida; disseram-lhe que existiam olhos verdes, e ele sabia de cor uns versos célebres de Gonçalves Dias<sup>62</sup>; mas até então os tais olhos eram para ele a mesma coisa que a fênix dos antigos.

Mendonça, afeito à companhia de sua coleção de cães, solteiro e solitário aos trinta e quatro anos, guia sua vida com prevenções literárias.

Mendonça saiu impressionado pela interessante Margarida [a sobrinha]. Notava-lhe principalmente, além da beleza, que era de primeira água, certa severidade triste no olhar e nos modos. Se aquilo era caráter da moça, dava-se bem com a índole do médico; se era resultado de algum episódio da vida, era uma página do romance que devia ser decifrada por olhos hábeis. A falar verdade, o único defeito que Mendonça lhe achou foi a cor dos olhos, não porque a cor fosse feia, mas porque ele tinha prevenção contra os olhos verdes. A prevenção, cumpre dizê-lo, era mais literária que outra coisa; Mendonça apegava-se à frase que uma vez proferira, e foi acima citada<sup>63</sup>, e a frase é que lhe produziu a prevenção. [...] O ponto vulnerável de Mendonça era esse; o amor de uma frase era capaz de violentar-lhe afetos; sacrificava uma situação a um período arredondado.

No desenrolar do conto, com visitas à casa da moça e conversas com o amigo Andrade (também conhecido dela), Mendonça descobre que Margarida, inexplicavelmente, denegou cinco pedidos de casamento depois de ficar viúva. “Amor repellido é amor multiplicado”, e Mendonça sofre. Apesar de resistir à corte do médico, Margarida nunca deixa de ser amável com ele. Quando Mendonça resolve confessar seu amor a ela com todas as letras, opta por escrever uma carta, e a envia dentro de um livro.

A carta foi escrita com febril impaciência; no dia seguinte, logo depois de almoçar, Mendonça meteu a carta dentro de um volume de George Sand,

<sup>61</sup> Publicado apenas em *Contos fluminenses*, em 1870.

<sup>62</sup> O poema *Olhos verdes*, do livro *Últimos cantos* (1850).

<sup>63</sup> Em conversa com amigos, Mendonça um dia disse: “A cor verde é a cor do mar”; “evito as tempestades de um; evitarei as tempestades dos outros”.

mandou-o pelo moleque a Margarida. A viúva rompeu a capa de papel que embrulhava o volume, e pôs o livro sobre a mesa da sala; meia hora depois voltou e pegou no livro para ler. Apenas o abriu, caiu-lhe a carta aos pés.

Margarida responde, também por carta, pedindo a Mendonça que não escreva mais. O médico procura desviar os pensamentos e faz o possível e o impossível para se concentrar em leituras:<sup>64</sup>

Debalde lia ou buscava distrair-se na vida agitada do Rio de Janeiro [...]. Estava então na sua maior nomeada o *romance* de Renan sobre a vida de Jesus<sup>65</sup>; Mendonça encheu o gabinete com folhetos publicados de parte a parte, e entrou a estudar profundamente o misterioso drama da Judéia. Fez quanto pôde para absorver o espírito e esquecer a esquiva Margarida; era-lhe impossível.

Jorge, filho de D. Antônia, leva uma vida inconseqüente. Seus interesses supérfluos – cabeleireiros, cavalos, luvas, botas e “damas célebres” – são opostos ao fato de que, na avaliação de Mendonça, a prima Margarida, por ter interesses, além de afetivos, culturais, não é de todo uma pessoa indiferente. “Seria ela tão indiferente a tudo mais neste mundo? Não; amava a mãe [a tia], tinha um capricho por *Miss Dollar*, gostava da boa música, e lia romances.”

Dando pela falta das visitas de Mendonça, Jorge vai até a casa do médico para pedir explicações sobre a ausência e “mostrar-lhe umas calças novas”.

Mendonça aprovou as calças, e desculpou como pôde a ausência, dizendo que andava atarefado. Jorge não era alma que compreendesse a verdade escondida por baixo de uma palavra indiferente; vendo Mendonça mergulhado no meio de uma chusma de livros e folhetos, perguntou-lhe se estava estudando para ser deputado. Jorge cuidava que se estudava para ser deputado!

Margarida, por sua vez, segundo informa Jorge, também anda lendo muito. “Note que a prima nunca leu tanto”, ele diz. As razões da leitura desmesurada da viúva escapam tanto a Jorge quanto a Mendonça. Diz Jorge:

– É verdade que a prima também lá anda com livros, e não creio que pretenda ir à câmara.  
 – Ah! sua prima?  
 – Não imagina; não faz outra coisa. Fecha-se no quarto, e passa os dias inteiros a ler.  
 Informado por Jorge, Mendonça supôs que Margarida era nada menos que uma mulher de letras, alguma modesta poetisa, que esquecia o amor dos ho-

<sup>64</sup> Adiante na história, Mendonça tenta dormir: “Não pôde. Quis ler; estava incapaz disso”.

<sup>65</sup> O ensaio *Vida de Jesus* (1863), do francês Ernest Renan.

mens nos braços das musas. A suposição era gratuita e filha mesmo de um espírito cego pelo amor como o de Mendonça. Há várias razões para ler muito sem ter comércio com as musas.

Mendonça volta a visitar a casa de Margarida. Magro e pálido, e questionado em função de sua aparência, atribui o abatimento a “trabalhos extraordinários”. Margarida igualmente não passa bem, e seu “incômodo” é atribuído por Jorge à leitura persistente: “O incômodo de Margarida durou uns três dias; era uma simples dor de cabeça, que o primo atribuiu à aturada leitura”.

Ao saber que Margarida decidiu sair da cidade por alguns meses, Mendonça se dirige irrefletidamente à casa da moça à noite. Pelo jardim, chega à entrada do quarto de Margarida, onde é surpreendido por ela. Nessa circunstância desonrosa, o encontro é uma afronta à virtude da viúva.

No dia seguinte, D. Antônia vai conversar com o médico. “Margarida ama-o”, ela anuncia. A descoberta se deve à leitura furtiva de um diário:

D. Antônia contou a Mendonça que, curiosa por saber a causa das vigílias de Margarida, descobrira no quarto dela um *diário de impressões*, escrito por ela, à imitação de não sei quantas heroínas de romances; aí lera a verdade que lhe acabava de dizer.

O motivo das recusas de Margarida também é uma verdade que D. Antônia lê no diário:

– O *diário* explica isso mesmo; eu lhe digo. Margarida foi infeliz no casamento; o marido teve unicamente em vista gozar da riqueza dela; Margarida adquiriu a certeza de que nunca será amada por si, mas pelos cabedais que possui; atribui o seu amor à cobiça. Está convencido?

A lembrança da “cena do quarto”, porém, inibe Mendonça. Mas é justamente a “cena do quarto” o que leva Margarida – que teme “ficar debaixo da ação da maledicência” – a propor casamento imediato. Assim, os dois, amando-se, casam-se por contingências alheias ao amor. Com o tempo, no entanto, o casamento imposto aproxima o casal, e dissipam-se as suspeitas de Margarida, e a paixão se estabelece.



## 2.25 A vida eterna<sup>66</sup>

Tobias invade a casa de Camilo da Anunciação<sup>67</sup> e o ameaça com uma arma. Tobias tem uma filha, Eusébia. Diz: “o que eu quero é que se case com Eusébia, e hoje mesmo. Se recusa, mato-o.” Enquanto Camilo se veste, Tobias lê *Dom Quixote*. Narra Camilo:

Tobias guardou o revólver na algibeira, e disse:

– Pois bem, vista-se.

– Já?

– Sem demora. Vista-se enquanto eu leio. Levantou-se, foi à minha estante, tirou um volume do D. Quixote, e foi sentar-se outra vez; e enquanto eu, mais morto que vivo, ia buscar ao guarda-roupa a minha casaca, o desconhecido tomou uns óculos e preparou-se para ler [e de pronto lê “tranqüilamente a obra do imortal Cervantes”].

Depois de conhecer Eusébia, bela como “uma criação de poeta oriental”, Camilo, um senhor de setenta anos, “um velho filósofo já desenganado das ilusões da vida”, sentirá em si “uma fibra de D. Quixote”.

Tive uma suspeita; imaginei que Eusébia amava alguém, e que, para castigá-la do crime desse amor, obrigavam-na a casar com um velho desconhecido a quem ela não podia amar.

Despertou-se-me uma fibra de D. Quixote. Era uma vítima; cumpria salvá-la. Aproximei-me de Eusébia, confiei-lhe a minha suspeita, e declarei-lhe a minha resolução.

Eusébia revela a Camilo que o casamento forçado é uma armadilha de uma “associação secreta” de “canibais”. Para “gozar do inapreciável privilégio de uma vida eterna”, segundo as instruções de um rolo de pergaminho, os associados devem anualmente devorar “um velho maior de sessenta anos de idade, assado no forno, e beber vinho puro por cima”.

A desventura toda é um pesadelo de Camilo. Um amigo que está com ele pergunta, no fim do conto:

– Por que não escreves o teu sonho para o *Jornal das Famílias*?

– Homem, talvez.

– Pois escreve, que eu o mando ao Garnier.

<sup>66</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1870; avulso.

<sup>67</sup> Machado assinou *A vida eterna* no *Jornal das Famílias* com o pseudônimo *Camilo da Anunciação*.

## 2.26 O capitão Mendonça<sup>68</sup>

O narrador do conto *O capitão Mendonça*, Amaral, é apresentado (em sonho) a uma criatura produzida em laboratório. Augusta, por assim dizer *filha* do capitão Mendonça, parece em tudo um ser humano, mas é um produto criado nos alambiques químicos do capitão. A situação evoca ao narrador o conto *O homem de areia*, de E.T.A. Hoffmann.

Ocorreu-me um conto fantástico de Hoffmann em que um alquimista pretende ter alcançado o segredo de produzir criaturas humanas [no caso, uma boneca animada]. A criação romântica de ontem não podia ser a realidade de hoje?

O capitão aprendeu que pode transformar um homem nulo em gênio manipulando éter numa cavidade do cérebro desse hipotético homem nulo.

– [...] Aprendi isto... Aprendi? não, descobri isto, guiado por uma palavra que encontrei num livro árabe do século décimo-sexto. Quer vê-lo? Não tive tempo de responder; o capitão saiu e voltou daí a alguns segundos com um livro in-fólio na mão, grosseiramente impresso em caracteres árabes feitos com tinta vermelha.

## 2.27 Aurora sem dia<sup>69</sup>

Luís Tinoco, empregado modesto no foro, um dia acorda “escritor e poeta”.

O rapaz [Luís Tinoco] atirou-se ao papel com ardor e perseverança, e entre as seis horas e as nove, quando o foram chamar para almoçar, tinha produzido um soneto, cujo principal defeito era ter cinco versos com sílabas de mais e outros cinco com sílabas de menos. Tinoco levou a produção ao *Correio Mercantil*, que a publicou entre os *a pedidos*.

Mal dormida, entremeada de sonhos interrompidos, de sobressaltos e ânsias, foi a noite que precedeu a publicação. A aurora raiou enfim, e Luís Tinoco, apesar de pouco madrugador, levantou-se com o sol e foi ler o soneto impresso. Nenhuma mãe contemplou o filho recém-nascido com mais amor do que o rapaz leu e releu a produção poética, aliás decorada desde a véspera. Afigurou-se-lhe que todos os leitores do *Correio Mercantil* estavam fazendo o mesmo; e que cada um admirava a recente revelação literária, indagando de quem seria esse nome até então desconhecido.

<sup>68</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1870; avulso.

<sup>69</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1870; *Histórias da meia-noite* (1873).

[...]

A poesia saiu enfim; e tal contentamento produziu no poeta que foi logo fazer ao padrinho [Anastácio] a grande revelação.

– Leu hoje o *Correio Mercantil*, meu padrinho? perguntou ele.

– Homem, tu sabes que eu só lia os jornais no tempo em que era empregado efetivo. Desde que me aposentei não li mais os periódicos...

– Pois é pena! disse Tinoco com ar frio; queria que me dissesse o que pensa de uns versos que lá vêm.

– E de mais a mais versos! Os jornais já não falam de política? No meu tempo não falavam de outra coisa.

– Falam de política e publicam versos, porque ambas as coisas têm entrada na imprensa. Quer ler os versos?

– Dá cá.

– Aqui estão.

O poeta puxou da algibeira o *Correio Mercantil*, e o velho Anastácio entrou a ler para si a obra do afilhado. Com os olhos pregados no padrinho, Luís Tinoco parecia querer adivinhar as impressões que produziam nele os seus elevados conceitos, metrificadas com todas as liberdades possíveis e impossíveis do consoante. Anastácio acabou de ler os versos e fez com a boca um gesto de enfado.

Anastácio não vê com bons olhos a vocação nova do afilhado:

Anastácio leu outra vez os versos, e só então reparou na assinatura do afilhado. Não havia que duvidar: o rapaz dera em poeta. Para o velho aposentado era isto uma grande desgraça. Esse, ligava à idéia de poeta a idéia de mendicância. Tinham-lhe pintado Camões e Bocage, que eram os nomes literários que ele conhecia, como dois improvisadores de esquina, espeitorando sonetos em troca de algumas moedas, dormindo nos adros das igrejas e comendo nas cocheiras das casas-grandes.

Luís Tinoco é poeta sem ter lido os poetas:

Tinoco entrou a escrever como quem se despedia da vida. Os jornais andavam cheios de produções suas, umas tristes, outras alegres, não daquela tristeza nem daquela alegria que vem diretamente do coração, mas de uma tristeza que fazia sorrir, e de uma alegria que fazia bocejar. Luís Tinoco confessava singelamente ao mundo que fora invadido do ceticismo byroniano, que tragara até às fezes a taça do infortúnio, e que para ele a vida tinha escrita na porta a inscrição dantesca. A inscrição era citada com as próprias palavras do poeta, sem que aliás Luís Tinoco o tivesse lido nunca. Ele respingava nas alheias produções uma coleção de alusões e nomes literários, com que fazia as despesas de sua erudição, e não lhe era preciso, por exemplo, ter lido Shakespeare para falar do *to be or not to be*, do balcão de Julieta e das torturas de Otelo. Tinha a respeito de biografias ilustres noções extremamente singulares. Uma vez, agastando-se com a sua amada – pessoa que ainda não existia –, aconteceu-lhe dizer que o clima fluminense podia produzir monstros daquela espécie, ao mesmo modo que o sol italiano dourara os cabelos da menina Aspásia. Lera casualmente alguns dos salmos do padre Caldas<sup>70</sup>, e achou-os soporíferos; falava mais benevolamente da “Morte de Lindóia”,

<sup>70</sup> Antônio Pereira de Souza Caldas (1762-1814), poeta e tradutor carioca.

nome que ele dava ao poema de J. Basílio da Gama, de que só conhecia quatro versos.

O poeta embaraça conhecidos ao insistir em leituras forçadas e *implacáveis*:

O dr. Lemos quis esquivar-se, mas o homem [Luís Tinoco] era implacável; segurou-lhe no braço. Ameaçado de ouvir ler os versos na rua, o doutor convidou o poeta a ir jantar com ele.

Os versos de Luís Tinoco não recebem atenção nenhuma nem da imprensa nem de ninguém:

Esta obra monumental [o livro de Luís Tinoco *Goivos e camélias*] passou despercebida no meio da indiferença geral. Apenas um folhetinista do tempo escreveu a respeito dela algumas linhas que fizeram rir a toda a gente, menos o autor, que foi agradecer ao folhetinista.

O dr. Lemos perdeu de vista o seu poeta durante algum tempo. Digo mal; só perdeu de vista o homem, porque o poeta de quando em quando lhe aparecia metido em alguma produção literária, que o dr. Lemos invariavelmente lia para se benzer da estéril pertinácia de Luís Tinoco.

Luís Tinoco funda um jornal, o *Caramanchão Literário*. “Que diacho é isso?”, pergunta o Dr. Lemos. Luís Tinoco: “É a minha folha, que eu lhe mando de quinze em quinze dias... E diz que lê as minhas obras!”. “As obras leio... Agora os títulos podem escapar”, diz o Dr. Lemos.

Defrontado com uma frustração amorosa, Luís Tinoco volta a fazer uso do Dante que nunca leu:

Não é preciso dizer ao leitor que este acontecimento [a frustração amorosa] enriqueceu a literatura com uma extensa e chorosa elegia, em que Luís Tinoco metrificou todas as queixas que pode ter de uma mulher um namorado traído. Esta obra tinha por epígrafe o *nessun maggior dolore* do poeta florentino. Quando ele a acabou e emendou, releu-a em voz alta, passeando na alcova, deu o último apuro a um ou outro verso, admirou a harmonia de muitos, e singelamente confessou de si para si que era a sua melhor produção. O *Caramanchão Literário* ainda existia; Luís Tinoco apressou-se a levar o escrito ao prelo, não sem o ler aos seus colaboradores, cuja opinião foi idêntica à dele. Apesar da dor que o devia consumir, o poeta leu as provas com o maior desvelo e escrúpulo, assistiu à impressão dos primeiros exemplares da folha, e durante muitos dias releu os versos até cansar. Do que ele menos se lembrava era da perfídia que os inspirou.

Logo Luís Tinoco começa a se interessar por política. “Já lia os discursos parlamentares e os artigos de polêmica.” O Dr. Lemos adverte-o de que a política é um ofício mais traiçoeiro:

– Vejo que é modesto, e não duvido que alguma voz interior o esteja convidando a queimar as suas asas de poeta. Mas, cuidado! Há de ter lido Macbeth... Cuidado com a voz das feiticeiras, meu amigo. Há no senhor demasiado sentimento, muita suscetibilidade, e não me parece que...

Luís Tinoco entrará na política a seu modo:

Aquela mesma fecundidade da estação literária veio a reproduzir-se na estação política; o protetor [um advogado envolvido em política], entretanto, disse-lhe que era conveniente escrever menos e mais assentado. O ex-poeta não repeliu a advertência, e até lucrou com ela, produzindo alguns artigos menos desganhados no estilo e no pensamento. A erudição política de Luís Tinoco era nenhuma; o protetor emprestou-lhe alguns livros, que o ex-poeta aceitou com infinito prazer. Os leitores compreendem facilmente que o autor dos *Goivos e camélias* não era homem que meditasse uma página de leitura; ele ia atrás das grandes frases – sobretudo das frases sonoras –, demorava-se nelas, repetia-as, ruminava-as com verdadeira delícia. O que era reflexão, observação, análise parecia-lhe árido, e ele corria depressa por elas.

Eleito deputado de província, Luís Tinoco será desmoralizado em sua condição de poeta sem lei, numa leitura de um volume dos *Goivos e camélias*.

Um deles [um de seus adversários no parlamento], apenas Luís Tinoco acabou o discurso entre alguns aplausos dos seus amigos, pediu a palavra e cravou longo tempo os olhos no orador estrepante. Depois sacou do bolso um maço de jornais e um folheto, concertou a garganta e disse:

– Mandaram-nos do Rio de Janeiro o nobre deputado que me precedeu nesta tribuna. Diziam que era uma ilustração fluminense, destinada a arrasar os talentos da província. Imediatamente, sr. presidente, tratei de obter as obras do nobre deputado.

Aqui tenho eu, sr. presidente, o *Caramanchão Literário*, folha redigida pelo meu adversário, e o volume dos *Goivos e camélias*. Tenho lá em casa mais outras obras. Abramos os *Goivos e camélias*.

O SR. LUÍS TINOCO: – O nobre deputado está fora da ordem! (*Apoiados*).

O orador: – Continuo, sr. presidente; aqui tenho os *Goivos e camélias*. Vejamos um goivo.

A Ela

*Quem és tu que me atormentas*

*Com teus prazenteiros sorrisos?*

*Quem és tu que me apontas*

*As portas dos paraísos?*

*Imagem do céu és tu?*

*És filha da divindade?*

*Ou vens prender em teus cabelos*

*A minha liberdade?*

Vê V. Ex.<sup>a</sup>, sr. presidente, que já nesse tempo o nobre deputado era inimigo de todas as leis opressoras. A assembléia tem visto como ele trata as leis do metro.

Todo o resto do discurso foi assim. A minoria protestou, Luís Tinoco fez-se de todas as cores, e a sessão acabou em risada.

Luís Tinoco vai acabar sustentando sua vida como agricultor, e dirá ao Dr. Lemos:

Um dia leram-me na assembléia alguns versos meus. Reconheci então quanto eram pífios os tais versos; e podendo vir mais tarde a olhar com a mesma lástima e igual arrependimento para as minhas obras políticas, arreepei carreira e deixei a vida pública. Uma noite de reflexão e nada mais.

## 2.28 Mariana<sup>71</sup>

No princípio de *Mariana* há uma observação que contrapõe o desenvolvimento do comércio (e a moda, o mundo das aparências) ao hábito da leitura. Macedo volta ao Rio de Janeiro depois de passar quinze anos na Europa. Diz que encontra a cidade mudada, “para melhor”. Causam-lhe “agradável impressão” os novos prédios, os hotéis novos e o “grande movimento comercial e popular”. O hotel em que ele se hospeda mudou de nome.

Agora o hotel chama-se Ravot. Tem defronte uma grande casa de modas e um escritório de jornal político. Dizem-me que a casa de modas faz mais negócio que o jornal. Não admira; poucos lêem, mas todos se vestem.

## 2.29 Ayres e Vergueiro<sup>72</sup>

Em *Ayres e Vergueiro*, Pedro Ayres, depois da morte da noiva, é confortado pela cunhada Carlota. Carlota lê para ele, na “mais sublime dedicação”, o romance popular inglês *Saint-Clair das Ilhas, ou Os desterrados da Ilha da Barra*. Registre-se que Ayres tinha “um inexplicável horror à gramática”, e que, como “nem Vergueiro [marido de Carlota], nem Carlota, nem Luísa [a noiva de Ayres], estavam em melhores relações com a mesma senhora”, “este pequeno senão passou completamente despercebido”.

<sup>71</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1871; avulso.

<sup>72</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1871; avulso.

Carlota foi para ele uma verdadeira irmã; ninguém levou mais longe e mais alto a solícitude. Ayres comia pouco; arranhou-lhe ela comidas próprias para lhe vencer o fastio. Conversava com ele longas horas, ensinava-lhe alguns jogos, lia-lhe o *Saint Clair das Ilhas*, aquela velha história de uns desterrados da ilha da Barra. Pode-se afiançar que a dedicação de Carlota foi o principal medicamento que restituiu à vida o nosso Pedro Ayres.

### 2.30 Almas agradecidas<sup>73</sup>

Magalhães é “um rapaz de agudo espírito, boa observação, conversador ameno, um pouco lido em obras fúteis e correntes”. Demitido de seu cargo no Arsenal de Guerra, ele não se desanima muito; o amigo Oliveira nota que ele retém tranqüilidade suficiente para ler um romance: “Quando lá chegou [na casa de Magalhães], estava Magalhães lendo um romance. Não parecia abatido pelo golpe ministerial.”

### 2.31 O caminho de Damasco<sup>74</sup>

No conto *O caminho de Damasco*, o personagem Jorge, formado em Direito, vive às custas do pai comendador. “Adiantado na carreira da libertinagem”, seu “principal cuidado” é “gozar a vida ao ar livre, sem preocupações de espécie alguma”. Ele lê um romance do francês Ernest Feydeau:

Marques [que está apaixonado pela prima de Jorge e vai pedir conselhos ao rapaz] foi ter com Jorge. Encontrou o filho do comendador a ler um romance de Feydeau. Fechou a porta do gabinete, puxou uma cadeira e foi sentar-se junto de Jorge. Este marcou a página com uma conta do alfaiate [Jorge continuará a leitura depois da conversa].

Outro personagem do conto, o “bom velho” padre Barroso, está lendo um volume absorvente ao receber uma visita de Jorge, e não conversa com o jovem antes de ler a página até o fim:

<sup>73</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1871; avulso.

<sup>74</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1871; avulso.

O padre estava diante de uma escrivãzinha, sentado numa velha cadeira de couro, de alto espaldar; em frente, tinha aberto um volume in-fólio, que o bom velho lia com atenção e recolhimento. Não se moveu, quando entrou na sala o filho do comendador, conduzido pelo criado. Fez um gesto a este, que se retirou, e continuou a ler até ao fim da página.

### 2.32 Ruy de Leão<sup>75</sup>

Ruy de Leão se torna imortal ao beber um elixir indígena “ali pelos anos de 1630”. Com dois séculos de idade Ruy será um homem de suma cultura.

Ao cabo de longos anos, era ele doutor em teologia, filosofia, matemática, direito, medicina, profundo antiquário, extremado nas ciências físicas e químicas; em suma o doutor dos doutores, a expressão mais alta da ciência humana. Aprendeu o latim, o grego, o árabe, o armênio, o turco, o hebraico. Traduziu para várias línguas as obras de Santo Agostinho e S. Tomás; fundou uma academia arqueológica e um liceu de filosofia; comentou os atos dos apóstolos, escreveu uma história dos mártires, fez descobertas arqueológicas em Roma, anunciou dois cometas e espantou toda a Europa científica não menos pela profundidade e variedade dos seus conhecimentos, como pelo prodigioso número de acontecimentos antigos a que presenciara.

Na versão reescrita do conto, versão de 1882, em que a história ganha o título *O imortal*, Ruy de Leão foi amigo e aluno do judeu excomungado Baruch Spinoza:

Ruy de Leão [...] pouco tempo se demorou em Pernambuco. Um ano depois, em 1654, cessava o domínio holandês. Ruy de Leão assistiu às alegrias da vitória, e passou-se ao reino, onde casou com uma senhora nobre de Lisboa. Teve um filho; e perdeu o filho e a mulher no mesmo mês de março de 1661. A dor que então padeceu foi profunda; para distrair-se visitou a França e a Holanda. Mas na Holanda, ou por motivo de uns amores secretos, ou por ódio de alguns judeus descendentes ou naturais de Portugal, com quem entreteve relações comerciais na Haia, ou enfim por outros motivos desconhecidos, Ruy de Leão não pôde viver tranqüilo muito tempo; foi preso e conduzido para a Alemanha, de onde passou à Hungria, a algumas cidades italianas, à França, e finalmente à Inglaterra. Na Inglaterra estudou o inglês profundamente; e, como sabia o latim, aprendido no convento, o hebraico, que lhe ensinara na Haia o famoso Spinoza, de quem foi amigo, e que talvez deu causa ao ódio que os outros judeus lhe criaram; o francês e o italiano, parte do alemão e do húngaro – tornou-se em Londres objeto de verdadeira curiosidade e veneração. Era buscado, consultado, ouvido, não só por pessoas do vulgo ou idiotas, como por letrados, políticos e personagens da corte.

---

<sup>75</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1872; avulso; republicado, com alterações, em *A Estação*, em 1882, com o título *O imortal*.



### 2.33 Quem não quer ser lobo...<sup>76</sup>

No conto *Quem não quer ser lobo...*, ambientado no ano de 1863, um personagem toma uma decisão clara depois de ler, num jornal, o título de um capítulo de folhetim:

Às cinco horas, nada tinha resolvido; saiu para jantar no hotel; teve a felicidade de não encontrar conhecido. Enquanto comia, pensava no caso. Ao meio do jantar, trouxe-lhe o criado um jornal para ler.

Recusou.

– Quer alguma ilustração?

– Não quero nada.

Dizendo isto, arredou os jornais com a mão. Nesse momento, porém, leu o título de um capítulo de folhetim que um dos jornais estava publicando.

O título era: – *De noite, todos os gatos são pardos.*

– Ah!

[...]

A razão do grito é clara: o provérbio era um raio de luz.

– De noite, todos os gatos são pardos, repetia ele consigo; irei ao jardim de Lúcia em lugar do namorado... e o resto à sorte.

### 2.34 Uma loureira<sup>77</sup>

Em *Uma loureira*, um personagem tem o hábito de evitar leituras depois do jantar. Esse personagem, o comendador Nunes, recebe uma carta “logo depois do jantar” e não a lê, pois tem por regra “não ler nada depois do jantar, sob pretexto de que lhe perturbaria a digestão”. Ele teria gostado muito, na década de 1850, de ver o filho Nicolau “em boa posição literária”, mas o filho gosta mais de botas do que de livros.

Desejoso de o ver em boa posição literária, Nunes mandara o filho passar alguns anos na Academia de São Paulo, e realmente ele os passou ali, até obter uma carta de bacharel. O diploma dado ao jovem Nicolau podia fazer crer que ele de fato sabia alguma coisa; mas era completa ilusão. Nicolau saiu sabendo pouco mais ou menos o que sabia antes de lá entrar.

Em compensação, ninguém era mais versado no esticado das luvas, no talhado da casaca, no apertado da bota, e outras coisas assim, em que Nicolau era mais que bacharel, era doutor de borla e capelo.

<sup>76</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1872; avulso.

<sup>77</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1872; avulso.

### 2.35 A parasita azul<sup>78</sup>

Em *A parasita azul*, Camilo Seabra compara seus infortúnios a desgraças consagradas de personagens míticos e bíblicos.

Na opinião dele [de Camilo], nunca houvera mortal que mais dolorosamente experimentasse a hostilidade do destino. Nem no martirologio cristão, nem nos trágicos gregos, nem no Livro de Jó havia sequer um pálido esboço dos seus infortúnios.

### 2.36 Uma águia sem asas<sup>79</sup>

A título de aposta, Jorge, Mateus e Andrade disputam o amor de Sara. Os três tentam “descobrir o ponto vulnerável” da moça:

Creio que ela ainda não encontrou um homem como imagina, explicou Andrade. É romanesca, e só se casará com alguém que lhe realize um tipo ideal; toda a questão é saber que tipo é esse; porque, desde que o soubéssemos, tudo estava decidido. Cada um de nós procuraria ser a reprodução material dessa idealidade desconhecida...

Em sua tentativa de conquista, Jorge, que diz ter “o coração frio como uma lauda das Ordenações<sup>80</sup>”, finge “entusiasmo poético” e interesse por literatura.

Jorge foi o primeiro que supôs tê-lo descoberto [o caminho para a conquista]. Miss Hope [Sara] lia muito e era entusiasta dos grandes nomes literários da época. Quase se pode dizer que nenhum livro, mais ou menos falado, lhe era desconhecido. E não só lia, discutia, criticava, analisava, exceto as obras poéticas.

– A poesia, dizia ela, não se analisa, sente-se ou esquece-se.

Seria esse o ponto vulnerável da moça?

Jorge procurou sabê-lo e não esqueceu nenhum meio necessário para isso. Conversaram de literatura longas horas, e Jorge dava largas a um entusiasmo poético mais ou menos real. Notou Sara esse prurido literário do rapaz, mas sem indagar as causas dele, tratou de o aproveitar no sentido das suas preferências.

Sem nenhuma ofensa à pessoa de Jorge, posso dizer que ele não era grande conhecedor em matéria literária, pelo que não poucas vezes lhe acontecia tropeçar desastradamente. Por outro lado, sentia necessidade de alguma fôr-

<sup>78</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1872; *Histórias da meia-noite* (1873).

<sup>79</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1872; avulso.

<sup>80</sup> Os códigos de leis das *Ordenações do Reino*.

mula mais elevada para o seu entusiasmo e andou catando na memória aforismos deste jaez:

- A poesia é a linguagem dos anjos.
- O amor e as musas nasceram no mesmo dia.

E outras coisas mais que a moça ouvia sem admirar muito o espírito inventivo do jovem advogado.

Certo do sucesso de suas investidas, Jorge chega a sonhar que “o mundo inteiro” o coroa “poeta, rival de Homero”, e interpreta mal a receptividade de Sara:

– Não tem que ver, dizia Jorge consigo, acertei-lhe com a corda; a rapariga é romanesca; tem vocação literária; gosta de exaltações poéticas...

Não se deteve o jovem advogado; a essa descoberta, seguiu-se logo uma carta ardente, poética, nebulosa, carta que nem um filósofo alemão chegaria a entender.

Poupo aos leitores a íntegra desse documento; mas não resisto à intenção de lhes transcrever aqui um período, que bem o merece:

... Sim, minha loura estrela da noite, a vida é uma aspiração constante para a região serena dos espíritos, um desejo, uma ambição, uma sede de poesia! Quando duas almas da mesma índole se encontram, como as nossas, já isto não é terra, é céu, céu puríssimo e diáfano, céu que os serafins povoam de encantadas estrofes!... Vem, meu anjo, passemos uma vida assim! Inspira-me, e eu serei maior que Petrarca e Dante, porque tu vales mais que Laura e Beatriz!...

Jorge fracassa em seduzir Sara, e o mesmo ocorre a Mateus. Andrade, por sua vez, procura se manter atento a *todos* os hábitos da moça:

Andrade auscultava o espírito da moça com perseverança e solícitude; nada lhe era indiferente; um livro, uma frase, um gesto, uma opinião, tudo Andrade ouvia com atenção religiosa, tudo examinava cuidadosamente.

O traço de personalidade de Sara que vai permitir a Andrade conquistá-la será a ambição; Andrade deduz que Sara é ambiciosa a partir de algumas atitudes dela e a partir de um livro que ela lê.

– Que livro será esse? perguntou ele sorrindo.

Veja, respondeu ela apresentando-lhe o livro.

Era uma história de Catarina de Médicis.

Isto seria insignificante para outro; para o nosso candidato era um vestígio preciosíssimo.

Depois do casamento com Andrade, Sara dá “adeus às ambições dos primeiros anos”, voltando-se “toda para outra ordem de desejos”.

Sara começou a notar que a política e todas as grandezas do Estado aborreciam sobremaneira o marido. Lia alguns romances, alguns versos, e nada mais,

aquele homem que, pouco antes de casar, parecia destinado a mudar a face do globo. Política era para ele sinônimo de dormideira.

### 2.37 Qual dos dois?<sup>81</sup>

Em *Qual dos dois?*, Daniel é formado em direito mas nunca “pleiteou um só processo” e “não promete ser coisa que preste na ordem judicial”. Ele não dá a mínima para a política: “Nunca lera um discurso parlamentar. Conhecia a Constituição por tê-la lido na academia. Não votava nunca, nem tinha disposição de fazê-lo.” Daniel vive no Rio de Janeiro, está o tempo todo na rua do Ouvidor, seus horizontes não passam “da casa do Bernardo ou da livraria Garnier” e suas leituras nunca são leituras muito interessadas: “Não consta que depois de formado concluísse a leitura de um livro, qualquer que fosse, nem que soubesse o título dos que lia à noite para chamar o sono”.

### 2.38 Tempo de crise<sup>82</sup>

Em *Tempo de crise* alguém nos dá a lição de que a experiência da leitura está longe de ser a mesma coisa que a *experiência prática*.

– Não te iludas, disse ele, a melhor lição deste mundo não vale um mês de experiência e de observação. Abre um moralista; encontrarás excelentes análises do coração humano; mas se não fizeres a experiência por ti mesmo pouco te valerá o teres lido. La Rochefoucauld aos vinte anos faz dormir; aos quarenta é um livro predileto...

---

<sup>81</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1872; avulso.

<sup>82</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1873; avulso.

### 2.39 O relógio de ouro<sup>83</sup>

Em *O relógio de ouro*, um conto em que a palavra “olhos” aparece quatro vezes nos dois primeiros parágrafos da história (e outras nove vezes ao longo de todo o texto) e em que até o relógio *olha*, a personagem Clarinha, que vai ser injustamente acusada de traição pelo marido, lê um romance “apenas” com os olhos.

Agora contarei a história do relógio de ouro. Era um grande cronômetro, inteiramente novo, preso a uma elegante cadeia. Luís Negreiros tinha muita razão em ficar boquiaberto quando viu o relógio em casa, um relógio que não era dele, nem podia ser de sua mulher. Seria ilusão dos seus olhos? Não era: o relógio ali estava sobre uma mesa da alcova, a olhar para ele, talvez tão espantado, como ele, do lugar e da situação.

Clarinha não estava na alcova quando Luís Negreiros ali entrou. Deixou-se ficar na sala, a folhear um romance, sem corresponder muito nem pouco ao ósculo com que o marido a cumprimentou logo à entrada. Era uma bonita moça esta Clarinha, ainda que um tanto pálida, ou por isso mesmo. Era pequena e delgada; de longe parecia uma criança; de perto, quem lhe examinasse os olhos, veria bem que era mulher como poucas. Estava molemente reclinada no sofá, com o livro aberto, e os olhos no livro, os olhos apenas, porque o pensamento, não tenho certeza se estava no livro, se em outra parte. Em todo o caso parecia alheia ao marido e ao relógio.

### 2.40 Decadência de dois grandes homens<sup>84</sup>

De passagem pelo Rio de Janeiro, o médico Miranda conhece Jaime, um velho “doido” que lê Plutarco e Virgílio e que conversa “com muito juízo”.

A conversa passou à história, e Jaime exaltou os tempos antigos, a virtude romana, as páginas de Plutarco, Tito Lívio e Suetônio. Sabia o Tácito de cor e dormia com Virgílio, disse ele. Seria um doido, mas conversava com muito juízo.

Miranda examina os títulos dos livros que o velho tem em casa:

Um dos livros tinha no lombo este título: *Metempsychose*.

– Acredita na metempsychose? perguntei eu.

O velho, que estava ocupado em tirar o paletó e vestir um chambre de chita amarela, interrompeu aquele serviço, para dizer-me:

<sup>83</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1873; *Histórias da meia-noite* (1873).

<sup>84</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1873; avulso.

- Se acredito? Em que queria o senhor que eu acreditasse?
- Um homem instruído, como o senhor, não devia crer em tolices desta ordem, respondi abrindo o livro.  
Jaime acabou de vestir o chambre, e veio a mim.
- Meu caro senhor, disse ele; não zombe assim da verdade; nem zombe nunca de filosofia nenhuma. Toda a filosofia pode ser verdadeira; a ignorância dos homens é que faz de uma ou de outra crença da moda. Contudo para mim, que as conheci todas, só uma é a verdadeira, e é essa a que alude o senhor com tanto desdém.

#### 2.41 Um homem superior<sup>85</sup>

Clemente Soares, apesar de estar desempregado e de mal ter dinheiro para comer, tem ares de “estudante rico”: lê um livro encadernado em Paris. “Almoçado e fumado”, Clemente tira “de uma velha estante um volume de Balzac” e dispõe-se “a esperar o jantar”.

A casa de Clemente Soares não tinha o aspecto miserável que a algibeira do rapaz fazia crer. Via-se que era casa onde já houvera alguma coisa, embora pouca. Era casa de rapaz solteiro, adornada com certo gosto, no tempo em que o dono gozava de sofrível ordenado. Alguma coisa lhe faltava, mas não era do necessário; senão do supérfluo. Clemente vendera, apenas, alguns livros, dois ou três vasos, uma estatueta, uma charuteira e poucas coisas mais, que não faziam grande falta. E quem o visse ali, estendido no sofá, metido em um chambre, lendo um volume encadernado em Paris, diria que o bom rapaz era um estudante rico, que havia falhado a aula e enchia com alguma distração as horas [...].

#### 2.42 Nem uma nem outra<sup>86</sup>

No conto *Nem uma nem outra*, um conto que os personagens estão às voltas com livros mas não os lêem de fato,<sup>87</sup> Júlia *não ama* o namorado romancista e abomina as leituras públicas do rapaz. Júlia escreve a uma amiga:

É verdade que se papai insistir em que eu case com o dr. Castrioto, não terei remédio senão casar; mas com uma condição: é que ele não há de escrever

<sup>85</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1873; avulso.

<sup>86</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1873; avulso.

<sup>87</sup> A personagem Clara conversa “folheando o livro em que lia”, ou tem os olhos num livro mas lê uma carta dentro dele; o personagem Vicente atira-se “a um livro para ler” mas não o lê, apenas folheia páginas “conduzindo os olhos maquinalmente”.

uma linha sequer. Não sabes? O Castrioto é escritor; deu em romancista. Às vezes aparece cá em casa com uns rolos de papel e lê aquilo tudo na sala, que é um aborrecimento, exceto para o papai que acha que ele é um grande talento.

Será bonito, acredito; mas por escrever... antes o Alexandre Dumas.

Júlia interromperá uma das leituras públicas de Castrioto simulando ter um ataque de nervos.

Castrioto desenrolou as tiras [de um rolo de papel], fato este que produziu um calafrio em Vicente.

– Como se chama este novo romance? perguntou Alvarenga.

– Chama-se: *Os primeiros amores de um rapaz ou Os destinos escritos*.

– Bonito! disse Júlia com um sorriso de escárnio.

Castrioto não compreendeu a intenção e agradeceu com a cabeça.

Depois tossiu e leu o que se segue:

*Aquele dia acordei cedo.*

[...]

A leitura do romance foi interrompida. Júlia tivera um ataque de nervos que durou alguns minutos; quando veio a si, estava a moça pálida e mais interessante do que era.

Castrioto, que como autor que era, não perdoaria a interrupção, perdoou-a à moça por ser quem era.

Quando Júlia ficou boa, todos se alegraram; e como Delfina fosse abraçá-la, ela disse-lhe ao ouvido:

– Isto não foi ataque; foi só para acabar com a tal leitura.

## 2.43 Ponto de vista<sup>88</sup>

Na segunda das 25 cartas trocadas entre Raquel e Luísa que lemos no conto *Ponto de vista*, Raquel oferece à amiga, que mora em Juiz de Fora, um romance que “trouxeram esta semana”.

Vieram as encomendas logo no dia seguinte ao da minha última carta. E que quer você que eu lhe mande? Tenho aqui uns figurinos recebidos ontem, mas não há portador. Se puder arranjar algum por estes dias irá também um romance que me trouxeram esta semana. Chama-se *Ruth*<sup>89</sup>. Conhece?

<sup>88</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1873, com o título *Quem desdenha; Histórias da meia-noite* (1873).

<sup>89</sup> *Ruth* (1853), de Elizabeth Gaskell; ver *Considerações finais*, p. 159.

## 2.44 Os óculos de Pedro Antão<sup>90</sup>

Detetive amador e leitor de La Rochefoucauld, Montesquieu, Victor Hugo, Shakespeare, Rodrigues Lobo, Garrett e Hoffmann, o narrador de *Os óculos de Pedro Antão* supõe que as artes servem de alternativa aos amores inviáveis. Diz ele ao sobrinho do falecido Pedro Antão:

Eu imagino que teu tio se apaixonou por alguma dama formosa. Sabes donde concludo isto? Do gosto pelas artes. As artes substituem os amores, quando estes são impossíveis. Amou, e não querendo ou não podendo casar com ela, retirou-se por aqui. A solidão e a paixão começaram a atuar na sua imaginação. Olha os livros que ele lia; vê estes dois bustos de Cristo e de Satanás; olha estes objetos de feitiçaria esparsos no chão; tudo isto quer dizer que a religião nem a filosofia bastavam à alma do tio e quando a filosofia e a religião não podem triunfar de uma alma, triunfa a superstição.

## 2.45 Muitos anos depois<sup>91</sup>

A biblioteca do padre Flávio é um espelho organizado de seu caráter:

O que o padre Flávio era no aspecto [ele tem no rosto ao mesmo tempo “graça profana” e “austeridade religiosa”], era-o também no caráter. Pode-se dizer que era cristão e pagão ao mesmo tempo. A sua biblioteca constava de três grandes estantes. Numa estavam os livros religiosos, os tratados de teologia, as obras de moral cristã, os anais da Igreja, os escritos dos Jerônimos, dos Bossuets e dos Apóstolos. A outra continha os produtos do pensamento pagão, os poetas e os filósofos das eras mitológicas, as obras de Platão, de Homero, de Epíteto e Virgílio. Na terceira estante estavam as obras profanas que não se ligavam essencialmente àquelas duas classes, e com que ele se deleitava nas horas vagas que lhe deixavam as outras duas. Na classificação dos seus livros, o padre Flávio viu-se algumas vezes perplexo; mas resolvera a dificuldade de um modo engenhoso. O poeta Chénier, em vez de ocupar a terceira estante, foi colocado na classe do paganismo, entre Homero e Tibullo. Quanto ao *Telêmaco* de Fénelon, resolveu o padre deixá-lo sobre a mesa de trabalho; era um arcebispo católico que falava do filho de Ulisses; exprimia de algum modo a feição intelectual do padre Flávio.

Seria puerilidade supor que o padre Flávio, consorciando assim os escritos de duas inspirações opostas, fizesse dos dois cultos um só, e abraçasse do mesmo modo os deuses do templo antigo e as imagens da Igreja cristã. A religião católica era a da sua fé, ardente, profunda, inabalável; o paganismo representava a sua religião literária. Se encontrava no discurso da montanha

<sup>90</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1874; avulso.

<sup>91</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1874; avulso.



consolações para a consciência, tinha nas páginas de Homero deliciosos prazeres ao seu espírito. Não confundia as odes de Anacreonte com o *Cântico dos cânticos*, mas sabia ler cada livro, a seu tempo, e tinha para si [...] que entre as duas obras havia alguns pontos de contacto.

## 2.46 Valério<sup>92</sup>

Valério, um pobre escrevente de cartório e revisor de provas de tipografia, é convidado para um jantar na casa do escrivão do cartório. No jantar, no meio de uma conversação, Valério demonstra entender “um pouco” de estilos de escrita. A conversa o tornará íntimo do “ex-quase-ministro” coronel Borges. Depois de escrever, recusando pagamento, um folheto político para o novo amigo, Valério será deixado de lado pelo coronel e, endividado, vai terminar “indo atirar-se ao mar”.

Perto do escrevente estavam algumas pessoas, ocupadas também em dar que fazer ao estômago, exceto o coronel, que tendo já comido, conversava paternalmente com o escrivão e mais dois sujeitos.

– E quando se publica esse folheto? perguntou o escrivão.

– Creio que breve, respondeu o coronel; o autor, que, como lhe disse, é meu amigo íntimo, promete que dentro de uma semana estará à venda.

– Estou ansioso por ver isso! exclamou um velho com feições de militar; ataca o governo?

– Se eu lhe digo que é uma filípica! tornou o coronel. É um opúsculo de fazer época.

– Disso precisamos nós.

Os ímpetos de oposicionista do militar não agradavam ao escrivão, que tinha filho em não sei que secretaria de Estado. Por isso tratava de desviar a conversa do assunto do opúsculo.

– Sempre queria vê-lo dançar, coronel!

– Qual! já não é para mim.

– Como se chama o opúsculo? perguntou o militar.

– Não sei se devo confiar tanta coisa; o autor não me autorizou .. mas... é verdade que daqui uma semana... chama-se o opúsculo: *Abaixo as máscaras!*

– Magnífico! magnífico título! exclamou o militar.

Ouvindo o título do opúsculo, Valério estremeceu, e prestou à conversa mais atenção do que até ali. O velho militar continuou a elogiar o título, e insistiu com o coronel para que dissesse onde poderia ir comprar o opúsculo quando ele aparecesse.

– Suponho que em todas as livrarias; mas, se quer eu lhe arranjarei um e mandar-lho-ei antes de publicado.

– Tanto favor! A obra é bem escrita?

– Dizem que sim; eu não entendo de estilos.

Sem medir todo o alcance da inconveniência, Valério interrompeu a conversa dizendo:

<sup>92</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1874; avulso.

– Entendo eu um pouco; e acho que o estilo do opúsculo de que se trata é excelente.

Houve um súbito silêncio logo depois das palavras do escrevente. O escrivão fez uma careta de desgosto vendo que Valério se intrometia aonde ninguém o chamara; e o coronel, disfarçando quanto podia um sorriso delator, perguntou ao vizinho quem era aquele sujeito; o vizinho disse que o não conhecia. O coronel voltou-se para Valério.

– Conhece então a obra? perguntou-lhe.

– Conheço.

– Conhece o autor?

– Não, senhor.

– Então, houve traição...

– Não, senhor; eu sou revisor de provas na tipografia onde se está imprimindo o folheto.

Novo silêncio e mais prolongado. O escrivão tinha a cara mais vermelha que um pimentão; se um olhar fulminasse, Valério já não era gente, pois o que o escrivão lhe lançou continha raios de raiva, despeito, nojo. Traduzido em vulgar, o olhar do escrivão queria dizer:

– Pois este pelintra vem ter a honra de jantar comigo, ver dançar os outros, estar aqui confundindo com pessoas de certa ordem, e se há de ouvir e calar, responde quando ninguém lhe pergunta, e por fim de contas, confessa-se revisor das provas!

Valério não viu o olhar do escrivão, nem compreendeu o silêncio de todos.

– Gosto imenso do estilo do folheto, e creio que há de fazer época.

– Eu assim penso, disse o coronel sorrindo para Valério; mas, quem assim fala e julga, não é decerto um simples revisor...

– Sou também escrevente no cartório do sr. Z.

– Ah! Escrevente e revisor! mas não é isso bastante; vejo que tem humanidades... estudou...

– Muito pouco... e há muito tempo.

– Mas tem o gosto apurado...

– Não sei; eu digo o que me parece.

– Descontaremos a modéstia, disse o coronel; vejo que tem certos estudos...

Quer um charuto?...

– Não fumo...

– É um vício; corrija-se dele. Charutos, meus senhores?... Hoje fuma-se por toda a parte... Pensa então que o folheto tem bom estilo?

– Excelente.

– É a opinião de algumas pessoas que leram o folheto; eu confesso, de estilos não sei.

– Nem eu, disse o militar.

A situação de Valério estava um pouco salva; a bondade com que o coronel tratava ao escrevente, teve o dom de acalmar os furores do escrivão que já trocava palavras com o rapaz; e quando viu levantar-se o coronel de braço com Valério, a indiferença do escrivão tornou-se em viva simpatia.

### 2.47 Antes que cases...<sup>93</sup>

Alfredo Tavares, personagem que tem por maior ambição “amar loucamente uma mulher e casar sensatamente com ela” e que ouvirá de sua esposa, no futuro, que “paraíso é coisa de romance”<sup>94</sup>, deseja uma paixão que seja poética e que seja afastada da “prosa da vida”.

A viveza da imaginação e a leitura de certos livros lhe desenvolveram o germe que a natureza lhe pusera no coração. Alfredo Tavares (é o nome do rapaz) povoara o seu espírito de Julietas e Virgínias, e aspirava noite e dia viver um romance como só ele o podia imaginar. Em amor a prosa da vida metia-lhe nojo, e ninguém dirá certamente que ela seja uma coisa inteiramente agradável; mas a poesia é rara e passageira – a poesia como a queria Alfredo Tavares, e não viver a prosa, na esperança de uma poesia incerta, era arriscar-se a não viver absolutamente.

### 2.48 A última receita<sup>95</sup>

A viuvinha Paula, vinte e quatro anos, está “folheando um livro”, um “livro para namorados”, ao receber em casa o médico Avelar, que acha que doentes devem evitar acima de tudo pimenta, café e livros de poetas. Paula e Avelar logo serão namorados.

- Como vai a minha doente? disse familiarmente o Dr. Avelar.
- Mal.
- Mal?
- Horrorosamente mal... Que lhe parece o pulso?
- Avelar examinou-lhe o pulso.
- Regular, disse ele. A tez está um tanto pálida, mas os olhos parecem bons... Houve algum ataque?
- Não; mas sinto-me desfalecida.
- Deu o passeio que lhe aconselhei?
- Não tive ânimo.
- Fez mal. Não passeou e está lendo...
- Um livro inocente.
- Inocente?
- O médico pegou no livro e examinou-lhe a lombada.
- Um livro diabólico! disse ele atirando-o para cima da mesa.
- Por quê?

<sup>93</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1875; avulso.

<sup>94</sup> Quando Alfredo quiser ler uns versos à esposa, ela pedirá a ele que não a aborreça.

<sup>95</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1875; avulso.

– Livro de poeta, livro para namorados, minha senhora, que é uma casta de doentes terríveis. Não se curam eles; ou raramente se curam; mas há pior, que é adoecerem osãos. Peço-lhe licença para confiscar o livro.

– Uma distração! murmurou Paula com uma doçura capaz de vencer um tirano.

Mas o médico mostrou-se firme.

– Uma perversão, minha senhora! Em ficando boa pode ler se quiser todos os poetas do século; antes, não.

## 2.49 Um esqueleto<sup>96</sup>

A história de tema sombrio contada por Alberto em *Um esqueleto* é marcada por uma leitura de tema sombrio. Pelo que conta Alberto, o Dr. Belém não apenas guarda o esqueleto da primeira esposa dentro de um armário de vidro como também é tido pela “superstição popular” por “lobisomem ou quando menos amigo íntimo do diabo”.

O doutor estava como sempre. Líamos então e comentávamos à nossa maneira o *Fausto* [de Goethe]. Nesse dia pareceu-me o Dr. Belém mais perspicaz e engenhoso que nunca. Notei, entretanto, uma singular pretensão: um desejo de se parecer com Mefistófeles.

Aqui confesso que não pude deixar de rir.

– Doutor, disse eu, creio que o senhor abusa da amizade que lhe tenho para zombar comigo.

– Sim?

– Aproveita-se da opinião de excêntrico para me fazer crer que é o diabo...

Ouvindo esta última palavra, o doutor persignou-se todo, e foi a melhor afirmativa que me poderia fazer de que não ambicionava confundir-se com o personagem aludido. [...]

– Ilude-se meu amigo, quando me atribui semelhante idéia, do mesmo modo que se engana quando supõe que Mefistófeles é isso que diz.

– Essa agora!...

– Noutra ocasião lhe direi as minhas razões. Por agora vamos jantar.

– Obrigado. Devo ir jantar com meu cunhado. Mas, se me permite ficarei ainda algum tempo aqui lendo o seu *Fausto*.

<sup>96</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1875; avulso.

## 2.50 A chinela turca<sup>97</sup>

A história da chinela turca, uma história fantasiosa que vai se desenvolver a partir de um sonho provocado por uma leitura (o bacharel Duarte pega no sono enquanto o “enfadonho” major Lopo Alves<sup>98</sup> lê uma peça de cento e oitenta páginas que acabou de escrever), é um fenômeno espantoso produzido pela leitura de um mau livro.

Eram quase onze horas quando [Lopo Alves] acabou a leitura deste segundo quadro.<sup>99</sup> [...] Não é fora de propósito conjecturar que, se o major expirasse naquele momento, Duarte agradecia a morte como um benefício da Providência. Os sentimentos do bacharel não faziam crer tamanha ferocidade; mas a leitura de um mau livro é capaz de produzir fenômenos ainda mais espantosos.

## 2.51 O sainete<sup>100</sup>

Eulália Seixas, jovem viúva que só se confessa com padres moços e cuja religiosidade é “mais elegante que outra coisa”, lê um livro de orações depois de saborear uma taça de chocolate e de saborear a própria imagem no espelho.

Eram nove horas da noite quando a viúva Seixas entrou em casa. Duas criadas – camareiras – foram com ela para o toucador, onde a bela viúva se despiu; dali passou ao banho; enfiou depois um roupão e dirigiu-se para o quarto de dormir. Levaram-lhe uma taça de chocolate, que ela saboreou lentamente, tranqüilamente, voluptuosamente; saboreou-a e saboreou-se também a si própria, contemplando, da poltrona em que estava, a sua bela imagem no espelho fronteiro. Esgotada a taça, recebeu de uma criada o seu livro de orações, e foi dali a um oratório, diante do qual com devoção se ajoelhou e rezou.

---

<sup>97</sup> Publicado em *A Época*, em 1875; *Papéis avulsos* (1882).

<sup>98</sup> Na primeira versão do conto, disponível em *Contos e crônicas*, de Raymundo Magalhães Júnior, lemos que o militar Lopo Alves escreveu “boa soma de artigos” sobre as “campanhas relatadas em Tito Lívio”. Na versão publicada em *Papéis avulsos*, essas campanhas sobre as quais Lopo Alves escreveu viram as “campanhas do Rio da Prata”.

<sup>99</sup> A peça tem sete quadros. É neste momento que começa a se desencadear a aventura sonhada de Duarte.

<sup>100</sup> Publicado em *A Época*, em 1875; avulso.

### 2.52 História de uma fita azul<sup>101</sup>

Se não estivesse aflito pelo desaparecimento de uma fita azul que ganhou da namorada, o bacharel Gustavo provavelmente estaria lendo ou escrevendo.

Cruelíssimo foi aquele dia para o mísero namorado, que não podia ler, nem escrever, que só podia suspirar, ameaçar o céu e a terra e que mais de uma vez ofereceu ao destino as suas apólices por um pedaço de fita.

### 2.53 To be or not to be<sup>102</sup>

Sem dinheiro e apaixonado por uma viúva rica, André Soares reflete sobre a diferença entre a miséria poética dos livros e a miséria da vida real.

– Que quer? disse ele. Nem só de pão vive o homem; achava-me numa situação pecuniária desagradável e... mas para que falarmos de coisas mesquinhas?...

André Soares calou-se e entrou a refletir; pareceu-lhe que fora expansivo demais e que acabava de dar à namorada a idéia de pinga. Igualmente lhe pareceu que um pinga só é poético nos livros, mas que na vida real toda a gente o despreza. E refletiu, enfim, que, apresentando-se candidato à mão da viúva, cumpria-lhe mostrar que não ia só atrás das suas apólices...

### 2.54 Encher tempo<sup>103</sup>

Em *Encher tempo*, conto que se passa trinta anos antes de 1876, Pedro – um rapaz de dezoito anos que o reverendo Sá quer ver bispo e que não será nem bispo nem padre – lê um romance picaresco e “outros livros menos piedosos”:

<sup>101</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1875; avulso.

<sup>102</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1876; avulso.

<sup>103</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1876; avulso.

[...] Pedro relia uma tradução de *Gil Brás*.<sup>104</sup>

A leitura de *Gil Brás* não durou muito tempo, se é que durou algum, porque até hoje não está averiguado que o jovem Pedro tivesse naquela tarde o espírito na mesma direção dos olhos. Os olhos corriam pelo papel e a mão voltava tão regularmente a página que era difícil dizer que eles não liam. Há todavia razões para crer que o espírito vagueava distante do livro. Pois é pena que fizesse dessas escapulas, deixando um corpo gentil, como era o dele, forte, sadio, e gracioso sem afetação; sobretudo, não se compreende que o espírito de Pedro não quisesse acompanhar no papel aquele par de olhos rasgados em forma de amêndoa, escuros e luminosos; uns olhos que tinham feito pecar a mais de uma moça do bairro, que o padre Sá namorava para o céu.

[...]

É de crer que se o padre Sá soubesse que o seu discípulo Pedro, futuro bispo, gastava alguma hora vaga na leitura do *Gil Brás* ou outros livros menos piedosos, é de crer, digo eu, que lhe fizesse amigável repreensão; mas o padre nada via nem sabia; e o discípulo não ia mal de todo. Demais, um por um ia-lhe Pedro lendo grande número de seus livros, que eram todos de boa doutrina e muita piedade. Ultimamente emprestara-lhe um Santo Agostinho; Pedro devorara-o e deu boa conta de suas impressões. A alegria do padre era sem mescla.

## 2.55 O passado, passado<sup>105</sup>

Em *O passado, passado*, a viúva Madalena, “mãe desvelada e séria”, lê com o filho para ensinar ao garoto “a lição”, uma lição escolar caseira.

Luís foi à casa de Madalena no dia seguinte ao do encontro. Achou-a a ensinar a lição ao filho [de seis anos de idade], com o livro sobre os seus joelhos. – Deixa-me acabar esta página? perguntou ela.

Luís Pinto fez sinal afirmativo; e a mãe concluiu a lição do filho. Enquanto ela meia inclinada, ia acompanhando as linhas do livro, o oficial de marinha observava à luz do dia aquelas feições que tanto amara dez anos antes.

<sup>104</sup> *História de Gil Blas de Santillana*, publicado entre 1715 e 1735 pelo francês Alain-René Lesage.

<sup>105</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1876; avulso.

## 2.56 Uma visita de Alcibíades<sup>106</sup>

Em *Uma visita de Alcibíades*, um personagem por assim dizer *espectral* se materializa a partir de uma leitura. Em carta dirigida ao chefe de polícia do Rio de Janeiro, o desembargador X... descreve uma “aventura” de teor “extraordinário”. A aventura surge da leitura, que é para o desembargador, como todas as suas leituras, um prazer, um escape e um transporte para fora da realidade, uma diversão sempre disponível e uma *digestão* (ele aprecia ler depois do jantar, em assento confortável).

Hoje, à tardinha, acabado o jantar, [...] estirei-me no sofá e abri um tomo de Plutarco<sup>107</sup>. V. Ex<sup>a</sup>, que foi meu companheiro de estudos, há de lembrar-se que eu, desde rapaz, padeci esta devoção do grego; devoção ou mania, que era o nome que V. Ex<sup>a</sup> lhe dava, e tão intensa que me ia fazendo reprovar em outras disciplinas. Abri o tomo, e sucedeu o que sempre se dá comigo quando leio alguma coisa antiga: transporto-me ao tempo e ao meio da ação ou da obra. Depois de jantar é excelente. Dentro de pouco acha-se a gente em uma via romana, ao pé de um pórtico grego ou na loja de um gramático. Desaparecem os tempos modernos, a insurreição da Herzegovina, a guerra dos carlistas, a rua do Ouvidor, o circo Chiarini. Quinze ou vinte minutos de vida antiga, e de graça. Uma verdadeira digestão literária.

A imersão do desembargador na “vida antiga” de sua leitura só é interrompida quando, como em uma sala de espetáculo, as luzes se acendem.

A página aberta acertou de ser a vida de Alcibíades [líder ateniense célebre pela vaidade com que se vestia]. Deixei-me ir ao sabor daquela loqüela ática, daí a nada entrava nos jogos olímpicos, admirava o mais guapo dos atenienses, guiando magnificamente o carro, com a mesma firmeza e donaire com que sabia reger as batalhas, os cidadãos e os próprios sentidos. Imagine V. Ex<sup>a</sup> se vivi! Mas, o moleque entrou e acendeu o gás; não foi preciso mais para fazer voar toda a arqueologia da minha imaginação. Atenas volveu à história, enquanto os olhos me caíam das nuvens, isto é, nas calças de brim branco, no paletó de alpaca e nos sapatos de cordovão.

O desembargador faz uma reflexão: “Que impressão daria ao ilustre ateniense o nosso vestuário moderno?”. Espiritista “desde alguns meses”, o narrador resolve “evocar o ateniense”. Dois minutos depois Alcibíades surge em “carne e osso”, “trajado à antiga”. Perplexo, o desembargador desiste de consultá-lo a respeito do vestuário. Os dois conversam sobre o an-

<sup>106</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1876; *Papéis avulsos* (1882).

<sup>107</sup> Na primeira versão do conto, a versão do *Jornal das Famílias*, selecionada por Raymundo Magalhães Júnior para o volume *Contos esparsos*, o desembargador lê Plutarco na tradução francesa de Jacques Amyot, em vez de no original. Nessa primeira versão, o desembargador conta sua história a título de anedota, para moças, numa festa de Natal, e fala: “Estas meninas talvez não saibam que Plutarco é um autor grego. Pois fiquem sabendo.”



damento da história do mundo e o desembargador tenta se livrar da aparição dizendo que vai a um baile. Alcibíades insiste no propósito de acompanhá-lo, trajado “à maneira do século”, e diz: “Só peço que te vistas primeiro, para eu aprender e imitar-te depois.” Chocado com as vestimentas modernas, Alcibíades cambaleia e cai, “morto pela segunda vez”. Encerrando seu relato, o desembargador pede ao chefe de polícia que tome as devidas providências para que o cadáver “seja transportado ao necrotério”.

### 2.57 Sem olhos<sup>108</sup>

No conto *Sem olhos*, o desembargador Cruz fala sobre um “personagem fantástico” que conheceu no passado, Damasceno, um “velho médico, sem clínica”, que sai de casa “apenas para ir comer a uma casa de pasto da vizinhança ou ler duas horas na biblioteca pública” e que “algumas velhas” supõem “ligado ao diabo”. Damasceno tem dúvidas estranhas sobre uma passagem da Bíblia e aparentemente costuma ler de pé.

A primeira vez que o vi foi logo no dia seguinte da minha entrada na casa [Damasceno mora no segundo andar da casa em que Cruz passa a morar]. Ao passar pelo corredor dei com ele na escada, que ia do primeiro para o segundo andar, de pé, com um livro aberto nas mãos. Tinha um pé no quinto e outro no sexto degrau. Fiquei a olhar de baixo para ele durante algum tempo; não o conhecendo, entrei a suspeitar se seria algum ladrão. O pajem explicou-me que era o morador de cima.

Dois dias depois, estando eu à noite em casa, perto das onze horas a ler na minha sala, senti alguém bater-me à porta; fui abrir; era o vizinho, que descera, com um livro na mão, talvez o mesmo que lia dois dias antes na escada, não sei.

– Venho incomodá-lo, não? disse ele.

Fiz um gesto duvidoso, e fiquei a olhar para ele como quem espera uma explicação.

– O morador da loja, continuou ele, disse-me hoje que o senhor é estudante. Talvez me possa explicar uma coisa. Sabe hebraico?

– Não.

– É pena! disse ele consternado.

Ficou alguns instantes silencioso, a olhar para o livro e para o teto. Depois fitou-me, e disse:

– Ando a ver se meto dente numa passagem de Jonas.

Dizendo isto, sentou-se abrindo o livro sobre os joelhos. Joelhos chamo eu, porque é esse o nome daquela região; mas o que ele tinha naquele lugar das pernas eram dois verdadeiros pregos, tão magro estava. A cara angulosa e descarnada, os olhos cavos, o cabelo hirsuto, as mãos peludas e rugosas, tu-

<sup>108</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1876; avulso.

do fazia dele um personagem fantástico. Esteve algum tempo ainda silencioso, até que continuou:

– Há aqui um versículo de Jonas, é o 11 do cap. IV, em que leio: “E então eu não perdoarei a grande cidade de Nínive, onde há mais de cento e vinte mil homens, que não sabem discernir entre a sua mão direita e a sua mão esquerda?”. Como entende o senhor este versículo?

A idéia que o vizinho era doido apoderou-se logo de meu espírito. Que outra coisa seria, vindo consultar a semelhante hora, a um vizinho de três dias, sobre um texto de Jonas? Também eu não tinha medo nesse tempo – tal qual como a sra. D. Maria do Céu –, deixei-me estar quieto na cadeira, a olhar sem responder, contendo uma grande vontade de rir.

– Que lhe parece? repetiu o vizinho.

– Que quer o senhor que me pareça?

– “Homens que não sabem discernir a mão direita da esquerda”; – frase que, geralmente, tem um sentido óbvio, e vem a ser nada menos que isto: o profeta refere-se às crianças ninivitas. Jeová quer perdoar a cidade por amor dos meninos que ela encerra. Mas eu dou do texto uma interpretação que vai assombrar o mundo.

– Sim?

– Jonas não alude às crianças, mas aos canhotos que são os homens que não podem discernir a direita da esquerda. Sendo assim, veja o senhor a importância da minha interpretação. Duas coisas se concluem dela: 1ª que os ninivitas eram geralmente canhotos; 2ª que o ser canhoto era no entender dos hebreus um grande mérito. Desta última conclusão nasceu uma terceira, a saber, que chamar canhoto ao diabo é estar fora do espírito bíblico. Isto é claro como água e evidente como a luz.

A profunda convicção com que ele disse tudo isto, e o ar de triunfo com que ficou a olhar para mim, confesso que me impressionaram singularmente. Não sabia que dizer; o melhor era concordar, declarando que a sua opinião era por força verdadeira.

– Não lhe parece? disse ele. Contudo, não sendo eu forte no hebraico, desejava consultar alguém que me dissesse se o texto original está bem traduzido na Vulgata, e se a expressão bíblica é essa ou outra diferente. Liquidado este ponto, escreverei um livro. Afiança-me que não sabe hebraico?

– Não sei sequer o alfabeto.

– Nesse caso há de perdoar.

## 2.58 Silvestre<sup>109</sup>

Silvestre, “um descorado menino de quinze anos” em 1865, “melancólico, taciturno, metido consigo, flor nascida em lugar de pouco sol”, lê escondido um “tomo velho”, “escrito em francês”, comprado de um mascate. Depois de ter o livro confiscado pelo pai – porque a obra é ilustrada com “retratos de mulheres nuas” –, Silvestre comprará outro exemplar assim que possível, numa procura por “algibebe”, “estantes e gavetas”:

<sup>109</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1877; avulso.

As noites eram gastadas por ele [Silvestre], em grande parte, a ler um tomo velho comprado a um algibebe, certo dia em que a mãe lhe deu algum dinheiro. Ninguém sabia o que era o livro, que estava escrito em francês [Silvestre aprendeu sozinho “um pouco de francês”]; mas a mãe achou natural explicação daquele amor às letras desde que a filha lhe deu notícia de que a obra era lardeada de estampas. Era claro que os bonecos divertiam o menino. Infelizmente, Silvestre descuidou-se um dia e deixou-o sobre a mesa de jantar. O pai viu-o, abriu-o e confiscou-o.

– Um pirralho a folhear retratos de mulheres nuas!

Silvestre chorou lágrimas de desespero no interior da alcova. A mãe, que o livrara do castigo já planejado pelo procurador [o pai], foi consolá-lo da perda, não menos que aconselhá-lo a não perverter-se com estampas desonestas. O pequeno ouviu-a, mas continuou a chorar, até que a própria dor adormeceu, os olhos secaram e a esperança lhe animou o rosto. A primeira quantia que pôde obter foi destinada a outro exemplar da obra; andou por algibebes, catou estantes e gavetas, durante uma semana e mais, até que descobriu o exemplar suspirado. Se tivesse achado um brilhante não ficaria mais contente. Meteu o livro entre a camisa e a pele e guiou para casa, onde o escondeu a sete chaves, tendo cuidado daí em diante em não deixar rolar por cima das mesas.

Silvestre quer ser um pintor, quer exercer a arte a que o pai se refere como “borrar pano” ou “mania dos bonecos”. O “livro misterioso” é “uma história da pintura”.

Assim disposto [depois de uma visita à Academia de Belas Artes], dirigiu-se para casa onde entrou alegre como nunca o vira a família. Entrou; foi ter com o livro misterioso, abriu-o e contemplou com a alma toda. Era uma história da pintura, entremeadas de gravuras representando painéis célebres. As mulheres nuas que tanto irritaram o procurador eram umas Vênus e Bacantes, ali inseridas entre as Virgens de Correggio e Rafael. Silvestre fartou-se de contemplar as obras e releu a história de alguns pintores. A ambição não lhe falava na alma; ele não perguntava se o futuro lhe daria as palmas do Dominiquino e Rembrandt. Não; o que lhe pulava dentro era um painel que ele devia fazer, uma idéia, um sentimento, alguma coisa sublime que tinha necessidade de traduzir na tela e legar à imortalidade.

O livro e a primeira leitura marcam a fundo a ambição artística de Silvestre.

A ambição de Silvestre – não digo bem – a necessidade de Silvestre era trazer à luz do sol e à contemplação dos homens uma Vênus que ele tinha na cabeça. No prefácio da obra sobre belas-artes que ele comprara ao algibebe lera o rapaz que o cristianismo expulsara os deuses pagãos do céu; Silvestre ignorava o que fossem deuses pagãos, mas alguns retalhos de frases do mencionado livro lhe deram idéias mais ou menos exatas do paganismo. Imaginava ele pintar uma Vênus expulsa do céu, com uma expressão e uma atitude inteiramente novas. O professor [um professor da Academia], homem de seu tempo, forcejava por arredá-lo de assuntos puramente clássicos; infundia-lhe o espírito do século. A natureza americana, a história moderna, a mesma história pátria, os costumes e as lendas nacionais podiam dar-lhe assunto a um painel superior; Silvestre não abria mão de Vênus. O livro dominava-o; a primeira leitura enfreava-lhe o espírito.

## 2.59 Um ambicioso<sup>110</sup>

Em *Um ambicioso*, o negociante Mateus pesquisa a definição de uma palavra num dicionário emprestado.

– Tudo está explicado, disse ele [José Cândido, filho de Mateus], essa lista é apócrifa.

José Cândido tinha apreendido a palavra *apócrifa*, nas lutas eleitorais; o pai, que nunca entrara nelas, ignorava absolutamente o sentido da palavra e teve vergonha de o pedir. Felizmente o boticário defronte tinha um dicionário, que lhe emprestou, e ele pôde ler a definição do termo, e com certo custo aplicou-o ao caso.

## 2.60 O machete<sup>111</sup>

*O machete* é protagonizado um personagem que, mesmo tendo pouca familiaridade com ela, valeu-se da leitura para atingir um objetivo profissional e aprimorar um talento. Inácio Ramos manifestou “decidida vocação musical” aos dez anos de idade. Seu pai, músico, ensinou-lhe “os primeiros rudimentos da sua arte”, junto com os rudimentos da gramática – “de que pouco [o pai] sabia”.

Inácio, conseqüentemente, aprendeu melhor a música do que a língua, e aos quinze anos sabia mais dos bemóis do que dos verbos. Ainda assim sabia quanto bastava para ler a história da música e dos grandes mestres. A leitura seduziu-o ainda mais; atirou-se o rapaz com todas as forças da alma à arte do seu coração, e ficou dentro de pouco tempo um rabequista de primeira categoria.

Inácio será violoncelista, e seu único verdadeiro entusiasta será Amaral, um estudante de direito que tem a alma cheia de poesia romântica. Barbosa, o tocador de machete que vai desencaminhar a vocação, a família e a saúde mental de Inácio Ramos, é “avesso a todas essas coisas”.

Eram ambos estudantes de direito, em férias; o entusiasta, todo arte e literatura, tinha a alma cheia de música alemã e poesia romântica, e era nada menos que um exemplar daquela falange acadêmica fervorosa e moça animada

<sup>110</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1877; avulso.

<sup>111</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1878; avulso.

de todas as paixões, sonhos, delírios e efusões da geração moderna; o companheiro era apenas um espírito medíocre, avesso a todas essas coisas, não menos que ao direito que aliás forcejava por meter na cabeça. Aquele chamava-se Amaral, este Barbosa.

## 2.61 A herança<sup>112</sup>

O “dândi”, “frívolo” e “sedento de diversões” Emílio é um médico de vinte e oito anos de idade que não exerce a profissão e que vive de herança. Quando não enfrenta uma ocasião de mais “seriedade”, Emílio conta anedotas, fuma charutos e lê romances franceses antes de dormir.

[...] Emílio referia anedotas, fumava dois charutos, e só se levantava quando o outro [o irmão, Marcos] confessava estar a cair de sono. Emílio, que não dormia antes das três ou quatro, nunca tinha sono; lançava mão de um romance francês e ia devorá-lo na cama até a hora habitual. Mas esse frívolo tinha ocasiões de seriedade; numa doença do irmão, velou-lhe longos dias à cabeceira, com uma dedicação verdadeiramente materna. Marcos sabia que ele o amava.

## 2.62 Antes da missa<sup>113</sup>

O conto *Antes da missa* é um diálogo, de versos rimados, entre duas damas. Elas são apresentadas em marcação teatral: “(D. LAURA *entra com um livro de missa na mão*; D. BEATRIZ *vem recebê-la.*)”.

Beatriz e Laura conversam sobre futilidades, sobre a vida alheia, sobre vestidos e bailes e sobre o livro de missa de Laura, descrito por Beatriz como “mimoso”, “muito lindo” e “barato”.

D. BEATRIZ. Dá cá

O livro.

D. LAURA. Para quê? Ponho-o aqui no sofá.

D. BEATRIZ. Deixa ver. Tão bonito! e tão mimoso! Gosto  
De um livro assim; o teu é muito lindo; aposto

<sup>112</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1878; avulso.

<sup>113</sup> Publicado em *O Cruzeiro*, em 1878; avulso.

Que custou alguns cem...  
 D. LAURA. Cinquenta francos.  
 D. BEATRIZ. Sim? Barato. És mais feliz  
 Do que eu. Mandeí vir um, há tempos, de Bruxelas;  
 Custou caro, e trazia as folhas amarelas,  
 Umhas letras sem graça, e uma tinta sem cor.  
 Foi comprado em Paris.  
 D. LAURA. Ah! mas eu tenho ainda o meu fornecedor.  
 Ele é que me arranhou este chapéu. Sapatos,  
 Não me lembra de os ter tão bons e tão baratos.

### 2.63 Um cão de lata ao rabo<sup>114</sup>

Um mestre-escola do povoado mineiro de Chapéu d’Uvas abre “um torneio de composição e de estilo entre os alunos”, para “vê-los brilhar com opulências de linguagem e atrevimentos de idéia”. O tema para os textos é “um cão de lata ao rabo”. O narrador do conto, um dos jurados do torneio, apresenta três escritos que “mereceram a palma e encheram de pasmo o júri”.

O texto de “estilo antitético e asmático” não cita autores. O texto de “estilo largo e clássico” cita Virgílio. O segundo texto, de “estilo *ab ovo*”, cita diversos autores e aparece inconcluso:

O cão nasceu no sexto dia. Com efeito, achamos no *Gênese*, cap. I, v. 24 e 25, que, tendo criado na véspera os peixes e as aves, Deus criou naqueles dias as bestas da terra e os animais domésticos, entre os quais figura o de que ora trato.

Não se pode dizer com acerto a data do barbante e da lata. Sobre o primeiro, encontramos no *Êxodo*, cap. XXVII, v. 1, estas palavras de Jeová: “Farás dez cortinas de linho retorcido”, de onde se pode inferir que já se torcia o linho, e por conseguinte se usava o cordel. Da lata as induções são mais vagas. No mesmo livro do *Êxodo*, cap. XXVII, v. 3, fala o profeta em *caldeiras*; mas logo adiante recomenda que sejam de cobre. O que não é o nosso caso.

Seja como for, temos a existência do cão, provada pelo *Gênese*, e a do barbante citada com verossimilhança no *Êxodo*. Não havendo prova cabal da lata, podemos crer, sem absurdo, que existe, visto o uso que dela fazemos.

Agora: – de onde vem o uso de atar uma lata ao rabo do cão? Sobre este ponto a história dos povos semíticos é tão obscura como a dos povos arianos. O que se pode afiançar é que os Hebreus não o tiveram. Quando Davi (*Reis*, cap. V, v. 16) entrou na cidade a bailar defronte da arca, Micol, a filha de Saul, que o viu, ficou fazendo má idéia dele, por motivo dessa expansão co-reográfica. Concluo que era um povo triste. Dos Babilônios supponho a mes-

<sup>114</sup> Publicado em *O Cruzeiro*, em 1878; avulso.

ma coisa, e a mesma dos Cananeus, dos Jabuseus, dos Amorreus, dos Filisteus, dos Fariseus, dos Heteus e dos Heveus.

[...]

Na *Iliada* não há episódio algum que mostre o uso da lata atada ao cão. O mesmo direi dos *Vedas*, do *Popol-Vuh* e dos livros de Confúcio. Num hino a Varuna (Rig-Veda, cap. I v. 2), fala-se em um “cordel atado embaixo”. Mas não sendo as palavras postas na boca do cão, e sim na do homem, é absolutamente impossível ligar esse texto ao uso moderno.

Que os meninos antigos brincavam, e de modo vário, é ponto incontroverso, em presença dos autores. Varrão, Cícero, Aquiles, Aulo Gélcio, Suetônio, Higino, Propércio, Marcila falam de diferentes objetos com que as crianças se entretinham, ou fossem bonecos, ou espadas de pau, ou bolas, ou análogos artificios. Nenhum deles, entretanto, diz uma só palavra do cão de lata ao rabo. Será crível que, se tal gênero de divertimento houvera entre romanos e gregos, nenhum autor nos desse dele alguma notícia, quando o fator de haver Alcibíades cortado a cauda de um cão seu é citado solenemente no livro de Plutarco?

Assim explorada a origem do uso, entrarei no exame do assunto que... (*Não houvera tempo para concluir*).

## 2.64 Dívida extinta<sup>115</sup>

Anacleto Monteiro tem “de vinte e três para vinte e quatro anos” em 1852. “Verdadeiro gênio” no namoro (entretém “dez ou doze namoros” em determinada ocasião), Anacleto não tem “fronte byroniana” ou “olhos derreados”, mas lê Byron em francês.

De Byron é que ele não tinha nada, a não ser um volume truncado, vertido em prosa francesa, volume que ele lia e relia, a ver se extraía dele e da cabeça um recitativo à dama de seus pensamentos, que pela sua parte era a mais galante do bairro.

Ao se afeiçoar além do normal por Carlota – que “tinha lido romances” e “gostava dos amores que saem do vulgar”, mas, “ao mesmo tempo, perguntava a si própria se o apuro [nos trajes] de Anacleto não orçava pelo ridículo” –, Anacleto não terá distração ou serenidade:

Fumou dez ou doze cigarros para distrair-se; leu duas ou três páginas do *Carlos Magno*; por fim deitou-se e só tarde conseguiu dormir. A figura de Carlota saía-lhe dos cigarros, das folhas do livro e de dentro dos lençóis.

---

<sup>115</sup> Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1878; avulso.

## 2.65 A chave<sup>116</sup>

Luís Bastinhos acha estranho que Marcelina, normalmente uma moça “ágil e volúvel”, esteja “a ler as páginas de um romance”. Ele ainda não sabe que ela está quieta e sombria porque lhe morreu o mico de estimação.

– Por que estará ela triste? perguntou ele [Luís Bastinhos] a si mesmo. E eis o dente do ciúme a trincar-lhe o coração, e o sangue a esfriar-lhe nas veias, e uma nuvem a cobrir-lhe os olhos. Não era para menos o caso. Ninguém adivinharia nessa moça quieta e sombria, sentada a um canto do sofá, a ler as páginas de um romance, ninguém adivinharia nela a borboleta ágil e volúvel de todos os dias. Alguma coisa devia ser; talvez a mordesse algum besouro. E esse besouro não era decerto o Luís Bastinhos; foi o que este pensou e foi o que o entristeceu.

Quando Luís Bastinhos encontrar a chave para o coração de Marcelina, as mãos do casal estarão ligadas por um livro.

A convicção geral é que o casamento estava próximo. Alguns dias depois, o major [pai de Marcelina] deu com os dois numa sala, ao pé de uma mesa, a folhearem um livro – um livro ou as mãos, porque as mãos de um e de outro estavam sobre o livro, juntas, e apertadas. Parece que também folheavam os olhos, com tanta atenção que não viram o major. O major quis sair, mas preferiu precipitar a situação.

## 2.66 A mulher pálida<sup>117</sup>

O quarto onde o estudante Máximo mora combina com o habitante pelo “alinho na miséria”: “Uma cama, uma pequena mesa, três cadeiras, um lavatório, alguns livros, dois baús e pouco mais”.

Máximo ama a pálida Eulália e ela não corresponde nem um pouco. A pele de Eulália tem um tom “moreno pálido”, e Máximo, poeta, “romântico acabado, do grupo clorótico”, ama as mulheres “pela falta de sangue e de carnes”.

<sup>116</sup> Publicado em *A Estação*, em 1879; avulso.

<sup>117</sup> Publicado em *A Estação*, em 1881; avulso.



Eulália, honra lhe seja feita, tratou de desenganar as esperanças do estudante, por todos os modos, com o gesto e com a palavra; falava-lhe pouco, e às vezes mal. Não olhava para ele, ou olhava de relance, sem demora nem expressão. Não aplaudia, como outrora, os versos que ele ia ler em casa do pai [o pai de Eulália], menos ainda lhe pedia que recitasse outros, como as primas; estas sempre se lembravam de um *Devaneio*, um *Suspiro ao luar*, *Teus olhos*, *Ela*, *Minha vida por um olhar*, e outros pecados de igual peso, que o leitor pode comprar hoje [a história se passa em 1856] por seiscentos réis, em brochura, na rua de S. José nº....., ou por trezentos réis, sem o frontispício. Eulália ouvia todas as belas estrofes compostas especialmente para ela, como se fossem uma página de S. Tomás de Aquino.

O tio de Máximo não sabe que a melancolia do rapaz se deve a uma paixão sem ventura.

– Homem [diz o tio a Máximo], isto de estudos não deve ir ao ponto de fazer adoecer a gente. Livro faz a cara amarela. Você precisa de distrair-se, não ficar metido naquele buraco da Rua da Misericórdia, sem ar nem luz, agarrado aos livros...

Herdeiro súbito de uma fortuna de seiscentos contos, Máximo descarta as súbitas atenções de Eulália, descarta o “tufão de noivas” que cai sobre ele e morre ao que tudo indica louco, à procura da “mulher mais pálida do universo”.

## 2.67 O alienista<sup>118</sup>

O alienista Simão Bacamarte, homem sobre quem o padre Lopes (“que cultivava o Dante”) comenta que “isso de estudar sempre, sempre, não é bom, vira o juízo”, e a quem não diz respeito “nenhum interesse alheio à ciência”, é um médico que alterna curas com leituras e que tenta remediar a infertilidade da esposa relendo “todos os escritores árabes e outros”.

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a longanimidade; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um regime alimentício especial.

<sup>118</sup> Publicado em *A Estação*, em 1881; *Papéis avulsos* (1882).

Simão Bacamarte é “grande arabista” e também leitor, a seu modo, da Bíblia,<sup>119</sup> e é admirador do Corão mas tem “medo ao vigário, e por tabela ao bispo”.

Como fosse grande arabista, achou no Corão que Maomé declara veneráveis os doidos, pela consideração de que Alá lhes tira o juízo para que não pequem. A idéia pareceu-lhe bonita e profunda, e ele a fez gravar no frontispício da casa [o hospício Casa Verde]; mas, como tinha medo ao vigário, e por tabela ao bispo, atribuiu o pensamento a Benedito VIII, merecendo com essa fraude, aliás pia, que o padre Lopes lhe contasse, ao almoço, a vida daquele pontífice eminente.

Um dos “casos” inexplicáveis da Casa Verde é um paciente “bronco e vilão” que cita os retóricos Cícero, Apuleio e Tertuliano.

O padre Lopes confessou que não imaginara a existência de tantos doidos no mundo, e menos ainda o inexplicável de alguns casos. Um, por exemplo, um rapaz bronco e vilão, que todos os dias, depois do almoço, fazia regularmente um discurso acadêmico, ornado de tropos, de antíteses, de apóstrofes, com seus recamos de grego e latim, e suas borlas de Cícero, Apuleio e Tertuliano.

Com o apoio “de textos, de exemplos”, o alienista conclui que a “insânia” abrange “uma vasta superfície de cérebros”.

Os exemplos [Simão Bacamarte] achou-os na história e em Itaguaí; mas, como um raro espírito que era, reconheceu o perigo de citar todos os casos de Itaguaí, e refugiou-se na história. Assim, apontou com especialidade alguns personagens célebres. Sócrates, que tinha um demônio familiar, Pascal, que via um abismo à esquerda, Maomé, Caracala, Domiciano, Calígula, etc. [...].

Ao ter a casa cercada por trezentos protestantes que exigem o fechamento da cada vez mais cheia Casa Verde, Bacamarte, sem ouvir os gritos “terríveis” que o ameaçam, está lendo um dos seus “amados árabes”, e não conversará com os manifestantes antes de corrigir o emparelhamento de dois tomos contíguos na estante.

D. Evarista, se não resistia facilmente às comoções de prazer, sabia entestar com os momentos de perigo. Não desmaiou; correu à sala interior onde o marido estudava. Quando ela ali entrou, precipitada, o ilustre médico escrutava um texto de Averróis; os olhos dele, empanados pela cogitação, subiam do livro ao teto e baixavam do teto ao livro, cegos para a realidade exterior, videntes para os profundos trabalhos mentais. D. Evarista chamou pelo marido duas vezes, sem que ele lhe desse atenção; à terceira, ouviu e perguntou-lhe o que tinha, se estava doente.

<sup>119</sup> Bacamarte citará ao boticário Crispim Soares um dito de São Paulo aos coríntios: “Se eu conhecer quanto se pode saber, e não tiver caridade, não sou nada”; se a caridade entra em seu procedimento, Bacamarte diz, “entra como tempero”.

– Você não ouve estes gritos? perguntou-lhe a digna esposa em lágrimas. O alienista atendeu então; os gritos aproximavam-se, terríveis, ameaçadores; ele compreendeu tudo. Levantou-se da cadeira de espaldar em que estava sentado, fechou o livro, e, a passo firme e tranqüilo, foi depositá-lo na estante. Como a introdução do volume desconcertasse um pouco a linha dos dois tomos contíguos, Simão Bacamarte cuidou de corrigir esse defeito mínimo, e, aliás, interessante.

## 2.68 Teoria do medalhão<sup>120</sup>

No diálogo entre pai e filho de *Teoria do medalhão*, diálogo que, nas palavras do pai, “guardadas as proporções”, “vale o *Príncipe* de Machiavelli”, o pai dá conselhos ao filho a respeito das vantagens da “inófia mental”. O filho, diz o pai, deve evitar ter “idéias próprias”, deve “ler compêndios de retórica” e deve decorar “toda a recente terminologia científica”, e apenas decorá-la: “com o tempo”, diz o pai, “irás sabendo a que leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia”; “interrogar os próprios mestres e oficiais da ciência”, acrescenta o pai, “nos seus livros, estudos e memórias, além de tedioso e cansativo, traz o perigo de inocular idéias novas, e é radicalmente falso”. O filho, diz o pai, só deve freqüentar livrarias para “falar do boato do dia” ou concordar com as opiniões monótonas dos leitores das crônicas políticas do francês Charles de Mazade:

As livrarias, ou por causa da atmosfera do lugar, ou por qualquer outra razão que me escapa, não são propícias ao nosso fim; e, não obstante, há grande conveniência em entrar por elas, de quando em quando, não digo às ocultas, mas às escâncaras. Podes resolver a dificuldade de modo simples: vai ali falar do boato do dia, da anedota da semana, de um contrabando, de uma calúnia, de um cometa, de qualquer coisa, quando não preferas interrogar diretamente os leitores habituais das belas crônicas de Mazade; 75 por cento desses estimáveis cavalheiros repetir-te-ão as mesmas opiniões, e uma tal monotonia é grandemente saudável.

## 2.69 D. Benedita<sup>121</sup>

---

O conto *D. Benedita* é o retrato das veleidades de uma mulher sem feições e sem nenhuma competência para tomar decisões. O temperamento dispersivo e superficial dela é ilustrado numa passagem que dá conta de seus hábitos de leitura. Ela lê três romances ao mesmo tempo. Um deles acaba de chegar da Europa. Ela lê *vorazmente* e abandona a leitura *por esquecimento*. D. Benedita adora “romances bonitos”.

Era-lhe tão enfadonho escrever cartas compridas! Esta palavra [...] explica a longa prostração de D. Benedita. Meia hora depois de cair no sofá, ergueu-se um pouco, e percorreu o gabinete com os olhos, como procurando alguma coisa. Essa coisa era um livro. Achou o livro, e podia dizer achou os livros, pois nada menos de três estavam ali, dois abertos, um marcado em certa página, todos em cadeiras. Eram três romances que D. Benedita lia ao mesmo tempo. Um deles, note-se, custou-lhe não pouco trabalho. Deram-lhe notícia na rua, perto de casa, com muitos elogios; chegara da Europa na véspera [transcorre o fim da década de 1860]. D. Benedita ficou tão entusiasmada, que apesar de ser longe e tarde, arreprou caminho e foi ela mesma comprá-lo, correndo nada menos de três livrarias. Voltou ansiosa, namorada do livro, tão namorada que abriu as folhas, jantando, e leu os primeiros capítulos naquela mesma noite. Sendo preciso dormir, dormiu; no dia seguinte não pôde continuar, depois esqueceu-o. Agora, porém, passados oito dias, querendo ler alguma coisa, aconteceu-lhe justamente achá-lo à mão.

– Ah!

E ei-la que torna ao sofá, que abre o livro com amor, que mergulha o espírito, os olhos e o coração na leitura tão desastrosamente interrompida. D. Benedita ama os romances, é natural; e adora os romances bonitos, é naturalíssimo. Não admira que esqueça tudo para ler este; tudo, até a lição de piano da filha, cujo professor chegou e saiu, sem que ela fosse à sala.

## 2.70 O anel de Polícrates<sup>122</sup>

Segundo o que o personagem “A” conta a “Z”, o personagem Xavier, leitor de Milton, de Rabelais e de Edgar Allan Poe, foi no passado um “semeador de idéias”:

Ele espalhava idéias à direita e à esquerda, como o céu chove, por uma necessidade física, e ainda por duas razões. A primeira é que era impaciente, não sofria a gestação indispensável à obra escrita. A segunda é que varria com os olhos uma linha tão vasta de coisas, que mal poderia fixar-se em

<sup>120</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1881; *Papéis avulsos* (1882).

<sup>121</sup> Publicado em *A Estação*, em 1882; *Papéis avulsos* (1882).

<sup>122</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1882; *Papéis avulsos* (1882).

qualquer delas. Se não tivesse o verbo fluente, morreria de congestão mental; a palavra era um derivativo. As páginas que então falava, os capítulos que lhe borbotavam da boca, só precisavam de uma arte de os imprimir no ar, e depois no papel, para serem páginas e capítulos excelentes, alguns admiráveis.

As idéias espalhadas por Xavier, embora difundidas, nunca tiveram autoria estabelecida ou reconhecida. Xavier cita a *História natural* de Plínio, o Velho quando – para explicar seu plano (que fracassará), surgido enquanto se metia “a ler e a cismar”, de “lançar ao mar” uma idéia que volte ao dono, que ele possa assumir como sua – apresenta ao personagem “A” a anedota que dá título ao conto. “A” conta a “Z”:

Polícrates governava a ilha de Samos. Era o rei mais feliz da terra; tão feliz, que começou a recear alguma viravolta da Fortuna, e, para aplacá-la antecipadamente, determinou fazer um grande sacrifício: deitar ao mar o anel precioso que, segundo alguns, lhe servia de sinete. Assim fez; mas a Fortuna andava tão apostada em cumulá-lo de obséquios, que o anel foi engolido por um peixe, o peixe pescado e mandado para a cozinha do rei, que assim voltou à posse do anel. Não afirmo nada a respeito desta anedota; foi ele quem me contou, citando Plínio, citando... [“A” é interrompido por “Z”].

## 2.71 A Sereníssima República<sup>123</sup>

Em seu anúncio da descoberta de um grupo de aranhas que dispõem “do uso da fala” (e que toparão tentar se organizar na “Sereníssima República”), o cônego Vargas cita, menos do que gostaria, Darwin, Plínio, o Velho, e o filósofo, cientista e materialista determinista alemão Ludwig Büchner.

Desde Plínio até Darwin, os naturalistas do mundo inteiro formam um só coro de admiração em torno desse bichinho [a aranha], cuja maravilhosa teia a vassoura inconsciente do vosso criado destrói em menos de um minuto. Eu repetiria agora esses juízos, se me sobrasse tempo; a matéria, porém, excede o prazo, sou constrangido a abreviá-la. Tenho-os aqui, não todos, mas quase todos; tenho, entre eles, esta excelente monografia de Büchner, que com tanta sutileza estudou a vida psíquica dos animais. Citando Darwin e Büchner, é claro que me restrinjo à homenagem cabida a dois sábios de primeira ordem, sem de nenhum modo absolver [...] as teorias gratuitas e errôneas do materialismo.

<sup>123</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1882; *Papéis avulsos* (1882).

## 2.72 O espelho<sup>124</sup>

No conto *O espelho*, subtulado *Esboço de uma nova teoria da alma humana*, o protagonista, Jacobina, leitor de Gonzaga, Camões e Longfellow, conta, ao apresentar a seus interlocutores sua teoria da duplicidade da alma, qual é a alma exterior do usuário de *O mercador de Veneza*, de Shakespeare.

– [...] Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... [...] A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; – e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock, por exemplo. A alma exterior daquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. “Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; é um punhal que me enterras no coração.” Vejam bem esta frase; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele.

## 2.73 Verba testamentária<sup>125</sup>

A moléstia que manteve *verde e irritado* por toda a vida Nicolau B. de C., morto em 1855 aos sessenta e oito anos de idade, é, segundo a narrativa do conto *Verba testamentária*, “uma das maiores curiosidades mórbidas deste século”. Na infância, nas aulas de leitura e gramática, Nicolau não perdoava os colegas “que se mostravam mais adiantados no estudo; tirava-lhes os livros, e lançava-os fora, nas praias ou no mangue”. Adulto, sempre achando “tudo incômodo, tudo nauseabundo”, Nicolau terá desprezado “as tarefas literárias” em geral e o sucesso do poeta Gonçalves Dias em particular.

As tarefas literárias a que [Nicolau] se deu, versos de família, glosas a prêmio e odes políticas, não duraram muito tempo, e pode ser até que lhe dobrassem o mal [sua doença, um “fato mórbido, oculto e desconhecido”]. De fato, um dia, pareceu-lhe que essa ocupação era a coisa mais ridícula do mundo, e os aplausos ao Gonçalves Dias, por exemplo, deram-lhe idéia de

<sup>124</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1882; *Papéis avulsos* (1882).

<sup>125</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1882; *Papéis avulsos* (1882).

um povo trivial e de mau gosto. Esse sentimento literário, fruto de uma lesão orgânica, reagiu sobre a mesma lesão, ao ponto de produzir graves crises, que o tiveram algum tempo na cama. O cunhado aproveitou o momento para desterrar-lhe da casa todos os livros de certo porte.

## 2.74 O programa<sup>126</sup>

Leitor de Plutarco e da “retórica do amor” das novelas, o jovem Romualdo tem como programa de vida a ambição de ser ministro e poeta. Em sua estréia literária no *Correio Mercantil*, Romualdo vai sentir o quanto “o impresso fixa”.

Em 1858, data da estréia literária, existia ainda uma folha, que veio a morrer antes de 1870, o *Correio Mercantil*. Foi por aí que o nosso Romualdo declarou ao mundo que o século era enorme, que as barreiras todas estavam por terra, que, enfim, era preciso dar ao homem a coroa imortal que lhe competia. Eram trinta ou quarenta versos, feitos com ímpeto, broslados de adjetivos e imprecações, muitos sóis, basto condor, inúmeras coisas robustas e esplêndidas. Romualdo dormiu mal a noite; apesar disso, acordou cedo, vestiu-se, saiu; foi comprar o *Correio Mercantil*. Leu a poesia à porta mesmo da tipografia, à Rua da Quitanda; depois dobrou cautelosamente o jornal, e foi tomar café. No trajeto da tipografia ao botequim não fez mais do que recitar mentalmente os versos; só assim se explicam dois ou três encontrões que deu em outras pessoas. Em todo caso, no botequim, uma vez sentado, desdobrou a folha e releu os versos, lentamente, umas quatro vezes seguidas; com uma que leu depois de pagar a xícara de café, e a que já lera à porta da tipografia, foram nada menos de seis leituras, no curto espaço de meia hora; fato tanto mais de espantar quanto que ele tinha a poesia de cor. Mas o espanto desaparece desde que se adverte na diferença que vai do manuscrito ou decorado ao impresso. Romualdo lera, é certo, a poesia manuscrita; e, à força de a ler, tinha-a “impressa na alma”, para falar a linguagem dele mesmo. Mas o manuscrito é vago, derramado; e o decorado assemelha-se a histórias velhas, sem data, nem autor, ouvidas em criança; não há por onde se lhe pegue, nem mesmo a túnica flutuante e cambiante do manuscrito. Tudo muda com o impresso. O impresso fixa. Aos olhos de Romualdo era como um edifício levantado para desafiar os tempos; a igualdade das letras, a reprodução dos mesmos contornos, davam aos versos um aspecto definitivo e acabado. Ele mesmo descobriu-lhes belezas não premeditadas; em compensação, deu com uma vírgula mal posta, que o desconsolou.

Ao estrear em livro, Romualdo será *autor impresso*:

Que é a poesia, dizia ele [Romualdo], senão uma mistura de quimera e verdade? O Goethe chamando às suas memórias *Verdade e poesia*, cometeu um pleonasma ridículo: o segundo vocábulo bastava a exprimir os dois sentidos do autor. Portanto, quaisquer que tivessem de ser as fases do seu espírito, era

<sup>126</sup> Publicado em *A Estação*, em 1882; avulso.

certo que a poesia traria em todos os tempos os mesmos caracteres essenciais: logo podia intitular *Verdades e quimeras* as futuras obras poéticas. Daí a indicação de primeiro tomo dada ao volume de versos com que o Romualdo brindou as letras no mês de dezembro de 1859. Esse mês foi para ele ainda mais brilhante e delicioso que o da estréia no *Correio Mercantil*. – Sou autor impresso, dizia rindo, quando recebeu os primeiros exemplares da obra. E abria um e outro, folheava de diante para trás e de trás para diante, corria os olhos pelo índice, lia três, quatro vezes o prólogo, etc. *Verdades e quimeras!* Via esse título nos periódicos, nos catálogos, nas citações, nos florilégios de poesia nacional; enfim, clássico. Via citados também os outros tomos, com a designação numérica de cada um, em caracteres romanos, t. II, t. III, t. IV, t. IX. Que podiam escrever um dia as folhas públicas senão um estribilho? “Cada ano que passa pode-se dizer que este distinto e infatigável poeta nos dá um volume das suas admiráveis *Verdades e quimeras*; foi em 1859 que encetou essa coleção, e o efeito não podia ser mais lisonjeiro para um estrepante, que etc., etc.”

Lisonjeiro, na verdade. Toda a imprensa saudou com benevolência o primeiro livro de Romualdo; dois amigos disseram mesmo que ele era o Gonzaga do Romantismo. Em suma, um sucesso.

Vinte anos depois, resignado numa carreira modesta de “advogado da roça”, Romualdo vai se lembrar do Schiller que leu na juventude. Vai refletir:

– Foi talvez o programa que me fez mal; se não pretendesse tanto...

Mas achou os filhos à porta da casa; viu-os correr a abraçá-lo e à mãe, sentiu os olhos úmidos, e contentou-se com o que lhe coubera. E, então, comparando ainda uma vez os sonhos e a realidade, lembrou-lhe Schiller, que lera vinte e cinco anos antes, e repetiu com ele: “Também eu nasci na Arcádia...” A mulher, não entendendo a frase, perguntou-lhe se queria alguma coisa. Ele respondeu-lhe: – A tua alegria e uma xícara de café.

## 2.75 A igreja do Diabo<sup>127</sup>

Na tentativa de botar em prática sua “idéia de fundar uma igreja”, clamando pela troca das virtudes “aceitas” pelas “naturais e legítimas”, o Diabo recorre a “razões de ordem literária”.

A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avareza, que [o Diabo] declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma esgalgada. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a *Ilíada*: “Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu”... O mesmo disse da

<sup>127</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1883; *Histórias sem data* (1884).



gula, que produziu as melhores páginas de Rabelais, e muitos bons versos do Hissope<sup>128</sup> [...].

## 2.76 Papéis velhos<sup>129</sup>

O deputado Brotero relê cartas velhas como quem relê “livros antigos”. Os papéis velhos de Brotero falam de “recordações apagadas” (de “dinheiro emprestado” a “um livro novo”).

E [o deputado Brotero] foi-se achegando da secretária, onde tinha guardadas as cartas dos amigos, dos amores, dos correligionários políticos, todas as cartas. Já agora não podia conciliar o sono; ia reler esses papéis velhos. Não se relêem livros antigos?

Abriu a gaveta; tirou dois ou três maços e desatou-os. Muitas das cartas estavam encardidas do tempo. Posto nem todos os signatários houvessem morrido, o aspecto geral era de cemitério; donde se pode inferir que, em certo sentido, estavam mortos e enterrados. E ele começou a relê-las, uma a uma, as de dez páginas e os simples bilhetes, mergulhando nesse mar morto de recordações apagadas, negócios pessoais ou públicos, um espetáculo, um baile, dinheiro emprestado, uma intriga, um livro novo, um discurso, uma tolice, uma confiança amorosa.

## 2.77 Conto alexandrino<sup>130</sup>

Para “saber se efetivamente o princípio das paixões e das virtudes humanas estava distribuído pelas várias espécies de animais, e se era possível transmiti-lo”, dois sábios de Chipre, Stroibus e Pítias, dedicam-se, na cidade de Alexandria, a provar que “o sangue de rato, dado a beber a um homem”, pode incutir nele o “vício do furto”. Os dois sábios bebem eles mesmos o sangue diluído de dezenas de ratos egípcios. Stroibus, criador da doutrina e leitor do anatomista grego Herófilo, é quem dissectiona os ratos. Stroibus é “excelente anatomista, tendo lido muitas vezes os tratados do mestre Herófilo”.

<sup>128</sup> O poema anticlericalista português *O hissope*, citado no subcapítulo *O país das Quimeras*, p. 45.

<sup>129</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1883; *Páginas recolhidas* (1899).

<sup>130</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1883; *Histórias sem data* (1884).

A experiência comprova a doutrina, e Stroibus e Pítias, depois de furtar idéias um do outro,<sup>131</sup> furtam livros da Biblioteca de Alexandria, cosem os livros furtados “dentro de couros de hipopótamo” e tentam fugir. Desmascarados, os dois serão escalpelados vivos por Herófilo em pessoa. A dissecação das mãos de Stroibus terá “ótimos resultados, coligidos em livros”, livros que se perderão “com a queda dos Ptolomeus”.

Já então Ptolomeu [o rei Ptolomeu I, sucessor de Alexandre, o Grande] coligira na biblioteca muitas riquezas e raridades; e, porque conviesse ordená-las, designou para isso cinco gramáticos e cinco filósofos, entre estes os nossos dois amigos. Estes últimos trabalharam com singular ardor, sendo os primeiros que entravam e os últimos que saíam, e ficando ali muitas noites, ao clarão da lâmpada, decifrando, coligindo, classificando. Ptolomeu, entusiasmado, meditava para eles os mais altos destinos.

Ao cabo de algum tempo, começaram a notar-se faltas graves: – um exemplar de Homero, três rolos de manuscritos persas, dois de samaritanos, uma soberba coleção de cartas originais de Alexandre, cópias de leis atenienses, o 2º e o 3º livro da *República* de Platão, etc., etc. A autoridade pôs-se à espreita; mas a esperteza do rato, transferida a um organismo superior, era naturalmente maior, e os dois ilustres gatunos zombavam de espias e guardas. Chegaram ao ponto de estabelecer este preceito filosófico de não sair dali com as mãos vazias; traziam sempre alguma coisa, uma fábula, quando menos. Enfim, estando a sair um navio para Chipre, pediram licença a Ptolomeu, com promessa de voltar; coseram os livros dentro de couros de hipopótamo, puseram-lhes rótulos falsos, e trataram de fugir. Mas a inveja de outros filósofos não dormia; deu rebate às suspeitas dos magistrados, e descobriu-se o roubo. Stroibus e Pítias foram tidos por aventureiros, mascarados com os nomes daqueles dois varões ilustres; Ptolomeu entregou-os à justiça com ordem de os passar logo ao carrasco. Foi então que interveio Herófilo, inventor da anatomia.

## 2.78 Troca de datas<sup>132</sup>

Celebrado no início da década de 1860, o casamento entre o militar Eusébio, “doido por francesas e italianas”, e a “santa”, “apática” e “virgem” Cirila é um casamento de “dois gênios opostos”, de “uma pomba e um gavião”. Eusébio, refletindo sobre a mansidão da esposa (que ele abandonará por vinte anos), lembra-se de uma passagem de um romance histórico sobre um casamento impedido pelo destino, o romance *Eurico, o presbítero* (1844), do português

<sup>131</sup> Lemos: “é muito natural começar por elas [as idéias alheias] antes de passar aos livros emprestados, às galinhas, aos papéis falsos, às províncias, etc.”.

<sup>132</sup> Publicado em *A Estação*, em 1883; avulso.

Alexandre Herculano: “Eusébio disse consigo que a mulher era um cadáver, e, lembrando-se do Eurico, emendou-lhe uma frase: – Ninguém vive atado a um cadáver, disse ele”.<sup>133</sup>

### 2.79 Singular ocorrência<sup>134</sup>

Em *Singular ocorrência*, uma jovem deixa de ser prostituta, e aprende a ler para estar à altura do amante (um homem casado) e para se emancipar de um passado de poucas virtudes.

Marocas aprendeu depressa [ensinada pelo amante]. Compreende-se; o vexame de não saber, o desejo de conhecer os romances em que ele [o amante] lhe falava, e finalmente o gosto de obedecer a um desejo dele, de lhe ser agradável...

### 2.80 Galeria póstuma<sup>135</sup>

Em vida, letrado e rico, o ex-deputado Joaquim Fidélis pôde ler copiosamente a partir do momento em que dispôs de tempo para não fazer nada: “Era rico e letrado. Formara-se em direito no ano de 1842. Agora não fazia nada e lia muito.”<sup>136</sup>

### 2.81 Capítulo dos chapéus<sup>137</sup>

Mariana é uma mulher de vontades monótonas: “Nem o gabinete do marido escapava às exigências monótonas da mulher, que mantinha sem alteração a desordem dos livros, e até chegava a restaurá-la”. Seus “hábitos mentais” seguem “a mesma uniformidade”:

<sup>133</sup> No conto *A segunda vida*, o maluco José Maria diz que vive “como Eurico, atado ao próprio cadáver”. *Questão de vaidade* é outro conto de Machado em que aparece a figura do Eurico atado ao próprio cadáver.

<sup>134</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1883; *Histórias sem data* (1884).

<sup>135</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1883; *Histórias sem data* (1884).

<sup>136</sup> O diário póstumo de Fidélis é considerado “um livro digno do prelo” pelos parentes; o sobrinho Benjamim dirá consigo sobre o diário: “estou lendo um coração, livro inédito”.

<sup>137</sup> Publicado em *A Estação*, em 1883; *Histórias sem data* (1884).

Mariana dispunha de mui poucas noções, e nunca lera senão os mesmos livros: – a *Moreninha* de Macedo, sete vezes; *Ivanhoe* e o *Pirata* de Walter Scott, dez vezes; o *Mot de l'énigme*<sup>138</sup>, de Madame Craven, onze vezes.

Mariana pede ao marido advogado que não vá mais ao centro da cidade usando um chapéu, um determinado chapéu baixo que ele usa *sempre* quando vai trabalhar. Nessa exigência, Mariana cede, sem dizê-lo ao marido, a uma reclamação do pai, um velho tão “aferrado aos hábitos” quanto a filha e que revela considerar “torpe” a visão de um chapéu baixo “na rua, de palestra com outros chapéus altos de homens públicos”. Conrado, o marido, recusa-se a obedecer ao pedido de Mariana expondo o “princípio metafísico” de que o chapéu é um “prolongamento da cabeça”. Na exposição desse princípio, citando Laplace e Darwin, Conrado trata sua esposa “de mui poucas noções” com “ironia e desdém”:

– [...] Os sábios têm estudado tudo desde o astro até o verme, ou, para exemplificar bibliograficamente, desde Laplace... Você nunca leu Laplace? desde Laplace e a *Mecânica celeste* até Darwin e o seu curioso livro das *Minhocas*<sup>139</sup>, e, entretanto, não se lembraram ainda de parar diante do chapéu e estudá-lo por todos os lados.

Sentindo-se humilhada e “tomada de ódio” pelo chapéu do marido, Mariana, desse ponto até o desfecho do conto, vai passear com uma amiga, encontra um ex-namorado e, pensando no sarcasmo de Conrado, promete mentalmente “tirar uma desforra”. Mas seu “espírito plácido e uniforme” se perturba no meio de muitas pessoas. Começando a parar de teimar com o diabo do chapéu, ela volta para casa. Aí ela *relê* superficialmente Walter Scott enquanto espera Conrado.

Eram cinco e meia; não tardaria muito. Mariana foi à sala da frente, espiou pela vidraça, prestou o ouvido ao bonde, e nada. Sentou-se ali mesmo com o *Ivanhoe* nas palmas, querendo ler e não lendo nada. Os olhos iam até o fim da página, e tornavam ao princípio, em primeiro lugar, porque não apanhavam o sentido, em segundo lugar, porque uma ou outra vez desviavam-se para saborear a correção das cortinas ou qualquer outra feição particular da sala. Santa monotonia, tu a acalentavas no teu regaço eterno.

Conrado chega em casa usando um chapéu alto (Mariana pedirá a ele que volte a usar o chapéu baixo de sempre). O imprevisto da visão do chapéu novo é comparável ao choque de uma leitura desconhecida:

<sup>138</sup> Romance francês de 1874 cuja protagonista é de certa forma impelida por circunstâncias à idéia de cometer adultério (mas não o comete).

<sup>139</sup> *The formation of vegetable mould, through the action of worms*, lançado por Darwin em 1881, dois anos depois, como aponta John Gledson em nota em sua coletânea de contos de Machado (editora Companhia das Letras, 1998), do dia em que se passa *Capítulo dos chapéus*, um dia de abril de 1879.

O espírito de Mariana recebeu um choque violento, igual ao que lhe dera o vaso do jardim trocado [o jardineiro “trocara de lugar” um vaso], – ou ao que lhe daria uma lauda de Voltaire entre as folhas da *Moreninha* ou de *Ivanhoe*... Era a nota desigual no meio da harmoniosa sonata da vida.

## 2.82 Anedota pecuniária<sup>140</sup>

Falcão, personagem movido pela “voracidade do lucro”, devotado a compras e vendas de ações, solteiro devido à convicção de que o casamento é “botar dinheiro fora”, adota sucessivamente duas sobrinhas suas, as duas órfãs. As duas sucessivamente se casarão e se afastarão do tio em circunstâncias ligadas ao amor dele pelo dinheiro, e a convivência de Falcão com as sobrinhas terá sido marcada pela leitura freqüente do romance *Saint-Clair das Ilhas*.

Quando perde a primeira sobrinha, Jacinta, Falcão lamenta “o fastio da solidão”:

Nunca mais lhe ouviria as cantigas de menina e moça; não seria ela quem lhe faria o chá, quem lhe traria, à noite, quando ele quisesse ler, o velho tomo ensebado do *Saint-Clair das Ilhas*, dádiva de 1850 [os acontecimentos de *Anedota pecuniária* se desenrolam ao longo da década de 1860 e no início da década de 1870].

A segunda sobrinha, Virgínia, lê “ela mesma” o velho tomo para o tio:

Às vezes, como a vista do tio começava a diminuir muito, lia-lhe ela mesma alguma página do *Saint-Clair das Ilhas*.  
[...]  
Ela sentava-se ao pé da cama [do tio enfermo], contando-lhe histórias, espia-va o relógio para dar-lhe os caldos ou a galinha, lia-lhe o sempiterno *Saint-Clair*.

## 2.83 Médico é remédio<sup>141</sup>

Em *Médico é remédio*, a moça Julieta enfeita cartas apaixonadas com frases lidas em romances:

<sup>140</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1883; *Histórias sem data* (1884).

<sup>141</sup> Publicado em *A Estação*, em 1883; avulso.

[...] Miranda e Julieta amaram-se algum tempo. Pode ser mesmo que ele não a amasse; ela é que com certeza morria por ele. Trocaram muitas cartas, as dele um pouco secas como um problema, as dela enfeitadas de todos os retalhos de frases que lhe lembravam dos romances.

## 2.84 Cantiga velha<sup>142</sup>

Para a viúva Beltrão, que hospeda o estudante de medicina Veríssimo, leitura excessiva e sociabilidade são coisas forçosamente incompatíveis. Conta Veríssimo:

Nos primeiros tempos [a viúva e suas filhas] mostraram-se muito reservadas comigo. Eu, que só fui alegre, no primeiro dia, por cálculo, tornei ao que costumava ser; e, depois do almoço ou do jantar, metia-me comigo mesmo e os livros, deixando à viúva e às filhas toda a liberdade. A mãe, que queria o meu respeito, mas não exigia a total abstenção, chamou-me um dia bicho-domato.

– Olhe que estudar é bom, e sua mãe quer isso mesmo, disse-me ela; mas parece que o senhor estuda demais. Venha conversar com a gente.

Fui conversar com elas algumas vezes. D. Cora era alegre, as filhas não tanto, mas em todo caso muito sociáveis.

## 2.85 A segunda vida<sup>143</sup>

Em *A segunda vida* há um elogio aos dons de poeta do padre Souza Caldas<sup>144</sup>. Quem faz o elogio, em conversa com um padre chamado Caldas, é o personagem José Maria, um “lunático” que, no fim do conto, vai falar de um sonho em que o Diabo lê-lhe o Evangelho.

– [...] Vossa Reverendíssima é Romualdo, não?

– Sim, senhor; Romualdo de Souza Caldas.

– Será parente do padre Souza Caldas?

– Não, senhor.

– Bom poeta o padre Caldas. Poesia é um dom; eu nunca pude compor uma décima.

<sup>142</sup> Publicado em *A Estação*, em 1883; avulso.

<sup>143</sup> Publicado na *Gazeta Literária*, em 1884; *Histórias sem data* (1884).

<sup>144</sup> O poeta e tradutor da Bíblia Antônio Pereira de Souza Caldas, citado no subcapítulo *Aurora sem dia*, p. 74.

## 2.86 Manuscrito de um sacristão<sup>145</sup>

O sacristão que narra *Manuscrito de um sacristão*, leitor do filósofo francês Helvétius, acredita que um homem pode ser avaliado pelos autores que lê.

Não sei se o leitor é da minha opinião; eu cuido que se pode avaliar um homem pelas suas simpatias históricas; tu serás mais ou menos da família dos personagens que amares deveras. Aplico assim aquela lei de Helvétius: “O grau de espírito que nos deleita dá a medida exata do grau de espírito que possuímos.” No nosso caso, ao menos, a regra não falhou. Teófilo amava S. Paulo, adorava-o, estudava-o dia e noite, parecia viver daquele converso que ia de cidade em cidade, à custa de um ofício mecânico, espalhando a boa nova aos homens. Nem tinha somente esse modelo, tinha mais dois: Hildebrando e Loyola. Daqui podeis concluir que nasceu com a fibra da peleja e do apostolado. Era um faminto de ideal e criação, olhando todas as coisas correntes por cima da cabeça do século. Na opinião de um cônego, que lá ia ao seminário, o amor dos dois modelos últimos temperava o que pudesse haver perigoso em relação ao primeiro.

## 2.87 Ex cathedra<sup>146</sup>

Fulgêncio lê tanto que, “pior que cego”, fica “aluado”.

- Padrinho, vosmecê assim fica cego.
- O quê?
- Vosmecê fica cego; lê que é um desespero. Não, senhor, dê cá o livro. Caetaninha tirou-lhe o livro das mãos. O padrinho deu uma volta e foi meter-se no gabinete, onde não faltavam livros; fechou-se por dentro e continuou a ler. Era o seu mal; lia com excesso, lia de manhã, de tarde e de noite, ao almoço e ao jantar, antes de dormir, depois do banho, lia andando, lia parado, lia em casa e na chácara, lia antes de ler e depois de ler, lia toda a casta de livros, mas especialmente direito (em que era graduado), matemáticas e filosofia; ultimamente dava-se também às ciências naturais.
- Pior que cego, ficou aluado. Foi pelos fins de 1873, na Tijuca, que ele começou a dar sinais de transtorno cerebral; mas, como eram leves e poucos, só em março ou abril de 1874 é que a afilhada lhe percebeu a alteração. Um dia, almoçando, interrompeu ele a leitura para lhe perguntar:
- Como é que eu me chamo?
- Como é que padrinho se chama? repetiu ela espantada. Chama-se Fulgêncio.
- De hoje em diante, chamar-me-ás Fulgencius.

<sup>145</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1884; *Histórias sem data* (1884).

<sup>146</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1884; *Histórias sem data* (1884).

E, enterrando a cara no livro, prosseguiu na leitura. Caetaninha referiu o caso às mucamas, que lhe declararam desconfiar desde algum tempo, que ele não andava bom. Imagine-se o medo da moça; mas o medo passou depressa para só deixar a piedade que lhe aumentou a afeição. Também a mania era restrita e mansa; não passava dos livros. Fulgêncio vivia do escrito, do impresso, do doutrinal, do abstrato, dos princípios e das fórmulas. Com o tempo chegou, não já à superstição, mas à alucinação da teoria. Uma de suas máximas era que a liberdade não morre onde restar uma folha de papel para decretá-la; e um dia, acordando com a idéia de melhorar a condição dos turcos, redigiu uma constituição, que mandou de presente ao ministro inglês, em Petrópolis. De outra ocasião, meteu-se a estudar nos livros a anatomia dos olhos, para verificar se realmente eles podiam ver, e concluiu que sim.

Entusiasmado pela idéia de que “dia virá em que se aprenda a amar como se aprende a ler”, Fulgêncio vai dar aulas à afilhada e ao sobrinho Raimundo com o fim de prepará-los para o casamento:<sup>147</sup>

Uma idéia traz outra. A idéia de os casar pegou por um lado com uma de suas opiniões recentes. Era esta que as calamidades ou os simples dissabores nas relações do coração provinham de que o amor era praticado de um modo empírico; faltava-lhe a base científica. Um homem e uma mulher, desde que conhecessem as razões físicas e metafísicas desse sentimento, estariam mais aptos a recebê-lo e nutri-lo com eficácia, do que outro homem e outra mulher que nada soubessem do fenômeno.

“Os meus pequenos estão verdes, dizia ele consigo: tenho três a quatro anos diante de mim, e posso começar desde já a prepará-los. Vamos com lógica; primeiro os alicerces, depois as paredes, depois o teto... em vez de começar pelo teto... Dia virá em que se aprenda a amar como se aprende a ler... Nesse dia...”

Estava atordoado, deslumbrado, delirante. Foi às estantes, desceu alguns tomos, astronomia, geologia, fisiologia, anatomia, jurisprudência, política, lingüística, abriu-os, folheou-os, comparou-os, extratou daqui e dali, até formular um programa de ensino. Compunha-se este de vinte capítulos, nos quais entravam as noções gerais do universo, uma definição da vida, demonstração da existência do homem e da mulher, organização das sociedades, definição e análise das paixões, definição e análise do amor, suas causas, necessidades e efeitos. Em verdade, as matérias eram crespas; ele entendeu torná-las dóceis, tratando-as em frase corriqueira e chã, dando-lhes um tom puramente familiar, como a astronomia de Fontenelle.

---

<sup>147</sup> As aulas se mostrarão desnecessárias no surgimento natural do amor entre os dois.



## 2.88 O enfermeiro<sup>148</sup>

O narrador de *O enfermeiro*, Procópio, faz um relato do período em que, em 1860, aos quarenta e poucos anos, depois de passar um tempo ganhando “casa, comida e abrigo” copiando estudos de teologia de um padre de Niterói, vai trabalhar numa vila do interior, em troca de bom ordenado, como enfermeiro do coronel Felisberto. Para matar o tempo, Procópio tira do bolso um romance do francês Charles-Victor Prévot, visconde d’Arlincourt. Lê uma página e meia.

Enquanto ele [o coronel] dormia, saquei um livro do bolso, um velho romance de d’Arlincourt, traduzido, que lá achei, e pus-me a lê-lo, no mesmo quarto, a pequena distância da cama; tinha de acordá-lo à meia-noite para lhe dar o remédio. Ou fosse de cansaço, ou do livro, antes de chegar ao fim da segunda página adormeci também.

## 2.89 Evolução<sup>149</sup>

O narrador de *Evolução*, Inácio, leitor de *Romeu e Julieta* e Spencer, fala sobre Benedito, um homem sem idéias próprias, um homem pouco original moralmente. O intelecto de Benedito é como “uma hospedaria bem afreguesada, aonde iam ter idéias de toda parte e de toda sorte”. Ao conhecer a casa de Benedito, Inácio nota a presença, numa mesa cercada de estantes cheias de livros, de um volume aberto, uma edição do guia anual *Almanak Laemmert*.

[Benedito] Mostrou-me as coleções de quadros, de moedas, de livros antigos, de selos, de armas; tinha espadas e floretes, mas confessou que não sabia esgrimir.

[...]

Em seguida, passamos ao gabinete. Era vasto, elegante, um pouco trivial, mas não lhe faltava nada. Tinha duas estantes, cheias de livros muito bem encadernados, um mapa-múndi, dois mapas do Brasil. A secretária era de ébano, obra fina; sobre ela, casualmente aberto, um Almanaque de Laemmert.

Um ano e meio depois, Benedito se elegeu deputado:

<sup>148</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1884, com o título *Coisas íntimas; Várias histórias* (1895).

<sup>149</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1884; *Relíquias de casa velha* (1906).

Fui visitá-lo; achei-o preparando o discurso de estréia. Mostrou-me alguns apontamentos, trechos de relatórios, livros de economia política, alguns com páginas marcadas, por meio de tiras de papel rubricadas assim: – *Câmbio, Taxa das terras, Questão dos cereais em Inglaterra, Opinião de Stuart Mill, Erro de Thiers sobre caminhos de ferro*, etc. Era sincero, minucioso e cálido. Falava-me daquelas coisas, como se acabasse de as descobrir, expondo-me tudo, *ab ovo*; tinha a peito mostrar aos homens práticos da Câmara que também ele era prático.

## 2.90 Vinte anos! Vinte anos!<sup>150</sup>

Estudante de vinte anos que se diz “radical”, Gonçalves vive de mesada, deve dinheiro e é “alegre como quem não deve nada”. Gonçalves e seus colegas passam o tempo falando da beleza das moças, de “uma questão de física”, de versos “deles e de outros”, de música e de “ciência moderna”.

Uma das belezas citadas passou justamente na rua, de braço com o pai, deputado. Daqui um prolongamento de debate, com desvio para a política. O pai estava prestes a ser ministro.

- E o Gonçalves genro do ministro!
- Deixa de graças, redargüiu rindo o Gonçalves.
- Que tinha?
- Não gosto de graças. Eu genro? Demais, vocês sabem as minhas opiniões políticas; há um abismo entre nós. Sou radical...
- Sim, mas os radicais também se casam, observou um.
- Com as radicais, emendou outro.
- Justo. Com as radicais...
- Mas você não sabe se ela é radical.
- Ora bolas, o café está frio! exclamou Gonçalves. Olhe lá; outro café. Tens um cigarro? Mas então parece a você que eu chegue a ser genro do \*\*\*. Ora que caçoadá! Vocês nunca leram Aristóteles?
- Não.
- Nem eu.
- Deve ser um bom autor.
- Excelente, insistiu Gonçalves. Ó Lamego, tu lembras-te daquele sujeito que uma vez quis ir ao baile de máscaras, e nós lhe pusemos um chapéu, dizendo que era de Aristóteles?

E contou a anedota, que na verdade era alegre e estúrdia; todos riram, começando por ele, que dava umas gargalhadas sacudidas e longas, muito longas. Veio o café, que era quente, mas pouco; pediu terceira xícara, e outro cigarro. Um dos colegas contou então um caso análogo, e, como falasse de passagem em Wagner, conversaram da revolução que o Wagner estava fazendo na Europa. Daí passaram naturalmente à ciência moderna; veio Darwin, veio Spencer, veio Büchner, veio Moleschott, veio tudo. Nota séria, nota gracioso.

<sup>150</sup> Publicado em *A Estação*, em 1884; avulso.

sa, uma grave, outra aguda, e café, cigarro, troça, alegria geral, até que um relógio os surpreendeu batendo cinco horas.

### 2.91 Conto de escola<sup>151</sup>

Em *Conto de escola*, numa história que se passa em 1840, alunos liam seus livros escolares sem risco previsível de sofrer “uma ou outra correção” com a palmatória – graças ao fato de que o professor, dominado por “paixões políticas”, lia atentamente “três ou quatro” jornais. Raimundo, filho do professor, “não conseguira reter nada do livro [uma lição de sintaxe], e estava com medo do pai”. Pilar, o narrador, explica a lição a Raimundo em troca de uma “moeda do tempo do rei”. Delatados nessa corrupção por um colega, os dois vão levar, cada um, doze golpes de palmatória nas mãos, pela “vilania”.

[...] o mestre fitava-nos. Como era mais severo para o filho, buscava-o muitas vezes com os olhos, para trazê-lo mais aperreado. Mas nós também éramos finos; metemos o nariz no livro, e continuamos a ler. Afinal cansou e tomou as folhas do dia, três ou quatro, que ele lia devagar, mastigando as idéias e as paixões. Não esqueçam que estávamos então no fim da Regência, e que era grande a agitação pública. Policarpo tinha decerto algum partido, mas nunca pude averiguar esse ponto. O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória. E essa lá estava, pendurada do portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, despendurá-la e brandi-la, com a força do costume, que não era pouca. E daí, pode ser que alguma vez as paixões políticas dominassem nele a ponto de poupar-nos uma ou outra correção. Naquele dia, ao menos, pareceu-me que lia as folhas com muito interesse; levantava os olhos de quando em quando, ou tomava uma pitada, mas tornava logo aos jornais, e lia a valer.

### 2.92 A cartomante<sup>152</sup>

Em *A cartomante*, Camilo (amigo de infância de Vilela) e Rita (mulher de Vilela) se apaixonam e começam a fazer tudo juntos. Passam a ir ao teatro juntos, a passear juntos e a ler os mesmos livros:

<sup>151</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1884; *Várias histórias* (1895).

<sup>152</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1884; *Várias histórias* (1895).

Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela, era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. *Odor di femmina*: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios.

### 2.93 Só!<sup>153</sup>

Pondo em prática uma idéia de “descansar da companhia dos outros” e inspirado pelo recluso amigo Tobias (“um esquisitão”), Bonifácio se isola numa chácara. “Viver só, duas semanas inteiras, no mesmo espaço, com as mesmas coisas, sem andar de casa em casa e de rua em rua, não seria um deleite novo e raro?”

Bonifácio pretende “recolher-se por alguns dias”, mas não conseguirá “ir além de dois”. No primeiro dia, ele lê “algumas páginas de uma novela”: “Às oito horas, indo dar corda ao relógio, resolveu deixá-lo parar, a fim de tornar mais completa a solidão; leu algumas páginas de uma novela, bocejou, fumou e dormiu”.

Depois de encontrar, dentro de uma gaveta, uma lembrança de um amor que “foi a grande data memorável da vida dele”, Bonifácio já não será capaz de ler sequer *uma* página de livro.

Quis ler e não pôde; foi reler as cartas e examinar as contas velhas. Estava impaciente, zangado, nervoso.

[...]

Bonifácio recompunha toda a vida exterior, figuras e incidentes, namoros de um, negócios de outro, diversões, brigas, anedotas, uma conversação, um enredo, um boato. Cansou, e tentou ler; a princípio, o espírito saltava fora da página, atrás de uma notícia qualquer, um projeto de casamento; depois caiu numa sonolência teimosa. Espertava, lia cinco ou seis linhas, e dormia. Afinal, levantou-se, deixou o livro e chegou à janela para ver a chuva, que era a mesma, sem parar nem crescer, nem diminuir, sempre a mesma cortina d’água despenhando-se de um céu amontoado de nuvens grossas e eternas.

<sup>153</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1885; avulso.

## 2.94 Casa Velha<sup>154</sup>

Em abril de 1839, motivado pela leitura, feita no ano anterior, do “medíocre” livro de memórias do cronista padre Perereca<sup>155</sup>, um “velho cônego da Capela Imperial” resolve escrever “a história do reinado de D. Pedro I”:

Tinha-me dado na cabeça escrever uma obra política, a história do reinado de D. Pedro I. Até então desperdiçara algum talento em décimas e sonetos, muitos artigos de periódicos, e alguns sermões, que cedia a outros, depois que reconheci que não tinha os dons indispensáveis ao púlpito. No mês de agosto de 1838 li as *Memórias* que outro padre, Luís Gonçalves dos Santos, o padre Perereca chamado, escreveu do tempo do rei [D. João VI], e foi esse livro que me meteu em bríos. Achei-o seguramente medíocre, e quis mostrar que um membro da igreja brasileira podia fazer coisa melhor. Comecei logo a recolher os materiais necessários, jornais, debates, documentos públicos, e a tomar notas de toda a parte e de tudo. No meado de fevereiro, disseram-me que, em certa casa da cidade, acharia, além de livros, que poderia consultar, muitos papéis manuscritos, alguns reservados, naturalmente importantes, porque o dono da casa, falecido desde muitos anos, havia sido ministro de Estado. Compreende-se que esta notícia me aguçasse a curiosidade.

O cônego passa a freqüentar a casa, que “tinha entre o povo o nome de Casa Velha, e era-o realmente: datava dos fins do outro século”. A “vasta” biblioteca da casa tem livros antigos, livros estrangeiros e livros sacrílegos. É uma biblioteca cuja “promiscuidade” aproxima livros crédulos de obras de Voltaire e Rousseau.

Era uma vasta sala, dando para a chácara, por meio de seis janelas de grade de ferro, abertas de um só lado. Todo o lado oposto estava forrado de estantes, peçadas de livros. Estes eram, pela maior parte, antigos, e muitos infólio; livros de história, de política, de teologia, alguns de letras e filosofia, não raros em latim e italiano. Eu via-os, tirava e abria um ou outro, dizia alguma palavra, que o Félix [filho da viúva do ministro, D. Antônia<sup>156</sup>], que ia comigo, ouvia com muito prazer, porque as minhas reflexões redundavam em elogio do pai, ao mesmo tempo que lhe davam de mim maior idéia. Esta idéia cresceu ainda, quando casualmente dei com os olhos na *Storia fiorentina* de [Benedetto] Varchi, edição de 1721. Confesso que nunca tinha lido esse livro, nem mesmo o li mais tarde; mas um padre italiano, que eu visitara no Hospício de Jerusalém, na antiga Rua dos Barbonos, possuía a obra e falara-me da última página, que, em alguns exemplares faltava, e tratava do modo descomunalmente sacrílego e brutal com que um dos Farneses tratara o bispo de Fano.

<sup>154</sup> Publicado em *A Estação*, em 1885; avulso.

<sup>155</sup> *Memórias para servir à história do Reino do Brasil* (1825), de Luís Gonçalves dos Santos, o padre Perereca.

<sup>156</sup> Interessado em revelações possíveis de uma viúva de ministro, o cônego diz a D. Antônia: “V. Excia. também há de ser um livro para mim, e o melhor livro, o mais íntimo...”.

- Será o exemplar truncado? disse eu.
- Truncado? repetiu Félix.
- Vamos ver, continuei eu, correndo ao fim. Não, cá está; é o cap. 16 do lv. XVI. Uma coisa indigna: *In quest’anno medesimo nacque un caso...* Não vale a pena ler; é imundo.

Pus o livro no lugar. Sem olhar para o Félix, senti-o subjugado. Nem confesso este incidente, que me envergonha, senão porque, além da resolução de dizer tudo, importa explicar o poder que desde logo exerci naquela casa, e especialmente no espírito do moço. Creram-me naturalmente um sábio, tanto mais digno de admiração, quanto que contava apenas trinta e dois anos. A verdade é que era tão-somente um homem lido e curioso. Entretanto, como era também discreto, deixei de manifestar um reparo que fiz comigo acerca de promiscuidade de coisas religiosas e incrédulas, alguns padres de Igreja não longe de Voltaire e Rousseau, e aqui não havia afetar nada, porque os conhecia, não integralmente, mas no principal que eles deixaram. Quanto à parte que imediatamente me interessava, achei muitas coisas, opúsculos, jornais, livros, relatórios, maços de papéis rotulados e postos por ordem, em pequenas estantes, e duas grandes caixas que o Félix me disse estarem cheias de manuscritos.

A horas tantas, o cônego apanha uma febre, e fica cinco dias de cama, em sua própria casa, e diz a Félix que é bom adoecer para refletir um pouco, diz que “doente, que não lê nem conversa, nem faz nada, pensa”, e Félix diz: “se, em vez de se meter na cama, aqui em casa, tivesse ido para a nossa Casa Velha, lá teria duas enfermeiras de truz, e um leitor, como eu, para lhe ler tudo o que quisesse”.

Hóspede da Casa Velha, uma baronesa pede para ler “a mesma novela que lera quando ali esteve um ano antes”.

- Sinhazinha, o livro? perguntou ela [a baronesa] à neta.
  - Está aqui, vovó.
  - É o mesmo da outra vez, Nhãtônia [D. Antônia]?
- Era a mesma novela que lera quando ali esteve um ano antes, e queria reler agora: era o *Saint Clair das Ilhas ou os Desterrados da Ilha da Barra*. Meteu a mão no bolso e tirou os óculos, depois a caixa de rapé, e pôs tudo no regaço.<sup>157</sup>

A personagem Lalau, que aos dezessete anos emite “toda a inocência e toda a alegria que há no céu” e que deslocará dos livros as atenções do cônego, admira como há quem tenha paciência de ler livros “grandes” e “velhos”. Para o cônego, a “realidade externa” é “antiquada e solene nos móveis e nos livros” e “recente e graciosa em Lalau”.

---

<sup>157</sup> A baronesa nem espera ficar sozinha para começar sua releitura do *Saint-Clair das Ilhas*: lê enquanto oito pessoas conversam ao seu redor.

[Lalau] Falou assim, a trancos, uns bons cinco minutos; eu deixei-a ir, olhando só, vivendo daquela vida que jorrava dela, cristalina e fresca. No fim, Lalau sentou-se, mas não se conservou sentada mais de dois minutos, levantou-se outra vez para ir à janela, e tornou dentro para mirar os livros. Achou-os grandes demais; admirava como havia quem tivesse a paciência de os ler. E depois alguns eram tão velhos!

– Que tem que sejam velhos? retorqui. Deus é velho, e é a melhor leitura que há.

Lalau olhou espantada para mim. Provavelmente era a primeira vez que ouvia uma figura daquelas, e fez-lhe impressão. Teimou depois que os livros velhos pareciam-se com o antigo capelão da casa, o antecessor do padre Mascarenhas, que andava sempre com a batina empoeirada, e tinha a cara feita de rugas.

Detendo-se “para mirar os livros, mas realmente pensando em Lalau”, fazendo descobertas num papelinho perdido dentro de um livro, recebendo a viúva do ministro ou Félix e Lalau para conferências reveladoras “na sala dos livros” – atormentado, para resumir, por ocorrências alheias à “paz” dos livros, o cônego terá de lidar com “as conseqüências de os haver deixado”.

Estava irritado, dava-me ímpeto de quebrar alguma coisa. Sentei-me, levantei-me, fui à janela e acabei passeando ao longo da sala, com os pensamentos dispersos e confusos. Os livros, arranjados nas estantes, olhavam para mim, e talvez comentavam a minha agitação com palavras de remoque, dizendo uns aos outros que eles eram a paz e a vida, e que eu padecia agora as conseqüências de os haver deixado, para entrar no conflito das coisas.

## 2.95 O dicionário<sup>158</sup>

Em um país não nomeado, o novo rei Bernardão despende esforços para atrair Estrelada, moça “bela, rica e ilustre” que cultivava “a música e a poesia”. Como prefere “secretamente um poeta”, Estrelada declara-se “pronta a casar” – mas apenas “com quem lhe fizesse o melhor madrigal, em concurso”. Para poder ser o autor do melhor madrigal, Bernardão anulará três edições do concurso, mandará recolher todos os dicionários do reino e decretará a adoção de um novo vocabulário. O melhor poema, no entanto, será sempre o do “poeta amado” de Estrelada, e Bernardão, assumindo a derrota, vai se encerrar por oito dias “na biblioteca” – onde passeia, medita e lê uma sátira do poeta português Pedro Antônio Correia Garção:

<sup>158</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1885, com o título *Os dicionários; Páginas recolhidas* (1899).

Concorreram ao certame, que foi anônimo e secreto, vinte pessoas. Um dos madrigais foi julgado superior aos outros todos: era justamente o do poeta amado. Bernardão anulou por um decreto o concurso, e mandou abrir outro; mas então, por uma inspiração de insigne maquiavelismo, ordenou que não se empregassem palavras que tivessem menos de trezentos anos de idade. Nenhum dos concorrentes estudara os clássicos: era o meio provável de os vencer.

Não venceu ainda assim, porque o poeta amado leu à pressa o que pôde, e o seu madrigal foi outra vez o melhor. Bernardão anulou esse segundo concurso; e, vendo que no madrigal vencedor as locuções antigas davam singular graça aos versos, decretou que só se empregassem as modernas e particularmente as da moda. Terceiro concurso, e terceira vitória do poeta amado.

Bernardão, furioso, abriu-se com os dois ministros [os dois ministros de seu reinado, Alfa e Ômega], pedindo-lhes um remédio pronto e enérgico, porque, se não ganhasse a mão de Estrelada, mandaria cortar trezentas mil cabeças. Os dois, tendo consultado algum tempo, voltaram com este alvitre:

– Nós, Alfa e Ômega, estamos designados pelos nossos nomes para as coisas que respeitam à linguagem. A nossa idéia é que Vossa Sublimidade mande recolher todos os dicionários e nos encarregue de compor um vocabulário novo que lhe dará a vitória.

Bernardão assim fez, e os dois meteram-se em casa durante três meses, findos os quais depositaram nas augustas mãos a obra acabada, um livro a que chamaram Dicionário de Babel, porque era realmente a confusão das letras. Nenhuma locução se parecia com a do idioma falado; as consoantes trepavam nas consoantes, as vogais diluíam-se nas vogais, palavras de duas sílabas tinham agora sete e oito, e vice-versa, tudo trocado, misturado, nenhuma energia, nenhuma graça, uma língua de cacos e trapos.

– Obrigue Vossa Sublimidade esta língua por um decreto, e está tudo feito.

Bernardão concedeu um abraço e uma pensão a ambos, decretou o vocabulário, e declarou que ia fazer-se o concurso definitivo para obter a mão da bela Estrelada. A confusão passou do dicionário aos espíritos; toda a gente andava atônita. Os farsolas cumprimentavam-se na rua pelas novas locuções: diziam, por exemplo, em vez de: *Bom dia, como passou? – Pflerrgpxx, roush, aa?* A própria dama, temendo que o poeta amado perdesse afinal a campanha, propôs-lhe que fugissem; ele, porém, respondeu que ia ver primeiro se podia fazer alguma coisa. Deram noventa dias para o novo concurso e recolheram-se vinte madrigais. O melhor deles, apesar da língua bárbara, foi o do poeta amado. Bernardão, alucinado, mandou cortar as mãos aos dois ministros, e foi a única vingança. Estrelada era tão admiravelmente bela, que ele não se atreveu a magoá-la, e cedeu.

Desgostoso, encerrou-se oito dias na biblioteca, lendo, passeando ou meditando. Parece que a última coisa que leu foi uma sátira do poeta Garção, e especialmente estes versos, que pareciam feitos de encomenda:

*O raro Apeles,*

*Rubens e Rafael, inimitáveis*

*Não se fizeram pela cor das tintas;*

*A mistura elegante os fez eternos.*



## 2.96 Viagem à roda de mim mesmo<sup>159</sup>

O advogado Plácido, vinte e cinco anos de idade em 1864, não tem oportunidade nem iniciativa de se declarar à viúva Henriqueta – que tem o “único defeito” de “não querer casar outra vez”. Antes de perder sua última chance de fazer a declaração, Plácido absorve de uma leitura de *Os três mosqueteiros* que “as mulheres pertencem ao mais atrevido”.

De noite é que fui à casa dela. Não digo que as horas andaram vagarosíssimas, nesse dia, porque é a regra delas quando as nossas esperanças abotoam. Batalhei de cabeça contra Henriqueta; e assim como por esse tempo, à espera que me fizessem deputado, desempenhei mentalmente um grande papel político, assim também subjuguiei a dama, que me entregou toda a sua vida e pessoa. Sobre o jantar, peguei casualmente nos *Três Mosqueteiros*, li cinco ou seis capítulos que me fizeram bem, e me abarrotaram de idéias petulantes, como outras tantas pedras preciosas em torno deste medalhão central: as mulheres pertencem ao mais atrevido. Respirei afoito, e marchei.

## 2.97 Uns braços<sup>160</sup>

Tendo “quinze anos feitos e bem feitos” em 1870, Inácio, sempre desatento e propenso a devaneios, mora desde cinco semanas, a pedido do pai – que quer encaminhá-lo profissionalmente (“com esperança de vê-lo no foro”) –, com o solicitador Borges e a mulher deste, D. Severina. Inácio é dono de uma sensibilidade que não se adapta aos serviços que o levam a audiências e cartórios. À noite, à mesa, o rapaz ouve os impropérios de Borges, que o chama de cabeça-de-vento, estúpido e maluco: “Confunde-me os papéis todos, erra as casas, vai a um escrivão em vez de ir a outro, troca os advogados: é o diabo!”.

Lendo (folhetos “comprados a tostão”) para aliviar os cansaços, Inácio projeta seu desejo nas heroínas das histórias, e o objeto de seu desejo vai surgir – primeiro em fantasia de sonho e depois fora dela – gerado de uma invocação da leitura.

Inácio passava-os todos [os domingos] ali no quarto ou na janela, ou relendo um dos três folhetos que trouxera consigo, contos de outros tempos, comprados a tostão, debaixo do passadiço do largo do Paço. Eram duas horas da

<sup>159</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1885; avulso.

<sup>160</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1885; *Várias histórias* (1895).

tarde. Estava cansado, dormira mal a noite, depois de haver andado muito na véspera; estirou-se na rede, pegou em um dos folhetos, a *Princesa Magalona*, e começou a ler. Nunca pôde entender por que é que todas as heroínas dessas velhas histórias tinham a mesma cara e talhe de D. Severina, mas a verdade é que os tinham. Ao cabo de meia hora, deixou cair o folheto e pôs os olhos na parede, donde, cinco minutos depois, viu sair a dama dos seus cuidados. O natural era que se espantasse; mas não se espantou. Embora com as pálpebras cerradas, viu-a desprender-se de todo, parar, sorrir e andar para a rede. Era ela mesma; eram os seus mesmos braços.

D. Severina vai entrar de fato no quarto e vai beijar Inácio na boca enquanto ele dorme. “Desde a madrugada que a figura do mocinho andava-lhe diante dos olhos como uma tentação diabólica”.

Aqui o sonho coincidiu com a realidade, e as mesmas bocas uniram-se na imaginação e fora dela. A diferença é que a visão não recuou, e a pessoa real tão depressa cumprira o gesto, como fugiu até a porta, vexada e medrosa.

No sábado seguinte, sem entender a mudança de comportamento de D. Severina – agora “calada e severa” –, sem reparar no xale que cobre os braços dela, e ainda conservando a sensação sonhada do beijo, Inácio é polidamente mandado embora por Borges.

## 2.98 O cônego ou metafísica do estilo<sup>161</sup>

Matias, “cônego honorário e pregador efetivo”, vive no meio de um monte de livros e entre memórias de leituras, com São Tomás de Aquino, Spinoza, Platão. Ele quase recusa o encargo de escrever um sermão (cuja composição expõe a “metafísica do estilo” de que trata o conto) por estar regalado na leitura de “uma grande obra espiritual”.

Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico. Tem quarenta anos de idade, e vive entre livros e livros para os lados da Gamboa. Vieram encomendar-lhe o sermão para certa festa próxima; ele que se regalava então com uma grande obra espiritual, chegada no último pacote, recusou o encargo; mas instaram tanto, que aceitou.

<sup>161</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1885; *Várias histórias* (1895).

## 2.99 Curta história<sup>162</sup>

Em *Curta história*, Cecília é uma leitora diligente de resumos de peças de teatro publicados nos jornais.

Cecília lia sempre os anúncios; e o resumo das peças que alguns jornais davam. Julieta e Romeu encantou-a, já pela notícia vaga que tinha da peça, já pelo resumo que leu em uma folha, e que a deixou curiosa e ansiosa. Pediu ao pai que comprasse bilhete, ele comprou-o e foram.

Três parágrafos depois, o fato de que Cecília tem apenas uma “notícia vaga” de *Romeu e Julieta* é contradito pela informação de que ela “lera uma tradução da peça cinco vezes”.

Subiu afinal o pano, e começou a peça [em italiano]. Cecília não sabia inglês nem italiano. Lera uma tradução da peça cinco vezes, e, apesar disso, levou-a para o teatro. Assistiu às primeiras cenas ansiosa. Entrou Romeu, elegante e belo, e toda ela comoveu-se; viu depois entrar a divina Julieta, mas as cenas eram diferentes, os dois não se falavam logo; ouviu-os, porém, falar no baile de máscaras, adivinhou o que sabia, bebeu de longe as palavras eternamente belas, que iam cair dos lábios de ambos.

No último dos treze parágrafos de *Curta história*, Cecília vai ler mais uma vez a peça:

E [Juvêncio, namorado de Cecília] veio, veio à tarde, sem as palavras de Romeu, sem as idéias, ao menos de toda a gente, vulgar, casmurro, quase sem maneiras;<sup>163</sup> veio, e Cecília, que almoçara e jantara com Romeu, lera a peça ainda uma vez durante o dia, para saborear a música da véspera. Cecília apertou-lhe a mão comovida, tão-somente porque o amava. Isto quer dizer que todo amado vale um Romeu. Casaram-se meses depois; têm agora dois filhos, parece que muito bonitos e inteligentes. Saem a ela.

## 2.100 Um dístico<sup>164</sup>

O narrador de *Um dístico* diz que “quando a memória da gente é boa, pululam as aproximações históricas ou poéticas, literárias ou políticas”. Mais ou menos “vinte anos, ou ainda vinte e dois” anos atrás, ele viu na rua um “pedinte de alguma irmandade” pedir trocados “pa-

<sup>162</sup> Publicado em *A Estação*, em 1886; avulso.

<sup>163</sup> Juvêncio não foi ver *Romeu e Julieta*, mas já tinha visto uma representação de *Hamlet*, e “a achou insuportável”.

<sup>164</sup> Publicado em *A Quinzena* (de Vassouras), em 1886; avulso.

ra alguma igreja”. Ao se dar conta de que o pedinte era “nada menos que o porteiro de um dos teatros dramáticos do tempo”, e antes de ver que o pedinte embolsava às escondidas os trocados da salva de esmolos, recordou “dois versos célebres”: o fim de um epigrama satírico que justapõe igreja e teatro, um epigrama do poeta Charles Remi, um ataque a um padre dramaturgo. Os dois versos são citados no poema *Apologie de la fable*, de Voltaire.

Ao vê-lo agora, na rua, de opa, a pedir para alguma igreja, assaltou-me a lembrança destes dois versos célebres:  
*Le matin catholique et le soir idolâtre,*  
*Il dîne de l'église et soupe du théâtre.*<sup>165</sup>

## 2.101 A desejada das gentes<sup>166</sup>

Quintília, uma “linda moça” de mais de trinta anos, “a mais bela da cidade” na década de 1850, é, em seu celibato e em sua “aversão puramente física” ao casamento, uma “fortaleza inexpugnável”. O advogado João Nóbrega, que, segundo o conselheiro que conta a história, “tinha a presunção de ser espírito prático, mas era principalmente um sonhador que vivia lendo e construindo aparelhos sociais e políticos”, literalmente morre de amor por ela: perde a vida “apaixonado como um simples Werther” (por veneno, não por pistola). Quintília, que só se casará (com o conselheiro) desenganada por uma moléstia da espinha e “à beira da morte”, acha incompreensíveis “os livros puramente amorosos”. Diz o conselheiro:

Pouco depois ela [Quintília] adoeceu; e foi então que a nossa intimidade cresceu de vulto. Ela, enquanto se tratava, resolveu não sair, e isso mesmo lhe disseram os médicos. Lá passava eu muitas horas diariamente. Ou elas [Quintília e a prima D. Ana] tocavam, ou jogávamos os três, ou então lia-se alguma coisa; a maior parte das vezes conversávamos somente. Foi então que a estudei muito; escutando as suas leituras vi que os livros puramente amorosos achava-os incompreensíveis, e, se as paixões aí eram violentas, largava-os com tédio.

---

<sup>165</sup> Alfredo Pujol, numa nota de seu *Machado de Assis* (1934), informa que os versos do epigrama de Remi são assim: “Il dînait de l’autel e soupait du théâtre, / Le matin catholique et le soir idolâtre.” Na única reprodução inteira do epigrama na internet ([www.mnemo.qc.ca/html/2002\(67\).html](http://www.mnemo.qc.ca/html/2002(67).html)), eles estão assim: “Le matin catholique et le soir idolâtre, / Il dînait de l’autel et soupait du théâtre.” No poema de Voltaire (<http://www.voltaire-integral.com/Html/09/06PETIT.htm>) eles estão assim: “Le matin catholique, et le soir idolâtre, / Déjeunant de l’autel, et soupant du théâtre.”

<sup>166</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1886; *Várias histórias* (1895).

### 2.102 Pobre cardeal!<sup>167</sup>

Uma das mentiras do personagem João da Cruz, que “nascera com o gênio da fraude e da duplicidade”, é a história de sua amizade com o cardeal Dom Lourenço Caleppi, o primeiro núncio do Brasil. Segundo essa história: em Lisboa, “ali por 1806”, antes da transferência da corte portuguesa para o Brasil, João da Cruz é denunciado por engano “como espião dos franceses” e preso. O cardeal Caleppi obtém sua soltura, diz João, “só porque soubera que eu ensinava italiano”. Em 1808, com a transferência da corte, João da Cruz se nega a acompanhar o cardeal na viagem ao Brasil e permanece em Portugal para lutar contra os franceses. Diz João:

– Sua Eminência [o cardeal], não podendo arrancar-me daquele propósito, despediu-se de mim com muitas lágrimas, e deu-me em lembrança um exemplar de um poema em italiano, anotado por suas sagradas mãos, livro que me foi roubado, tempos depois, por um soldado de Napoleão, um miserável... Para que o queria ele? Naturalmente ia vendê-lo. Que preço podia dar esse herege a um objeto de tanta valia?

### 2.103 Antes a rocha Tarpéia<sup>168</sup>

O narrador de *Antes a rocha Tarpéia* fala sobre dois sonhos sucessivos. O primeiro, em que ele quase cai de um telhado para “a morte certa”, é um pesadelo de “puro terror, vertigem e desespero”. “A certeza, porém, de que tinha sido sonho dava agora outro aspecto ao perigo, e trazia à alma o desejo vago de achar-me nele outra vez.” No sonho seguinte aparece um candidato a deputado com um livro nas mãos:

Falou-me do livro, trezentas páginas, com citações, notas, apêndices; referiu-me a doutrina, o método, o estilo, leu-me três capítulos. Gabei-os, leu-me mais quatro. Depois, enrolando o manuscrito, disse-me que previa as críticas e objeções; declarou quais eram e refutou-as uma por uma. Eu, sentado, afiava o ouvido, a ver se aparecia alguém; pedia a Deus um salteador ou a justiça, que arrombasse a porta. Ele, se falou em justiça, foi para contar-me a demanda, que era uma ladroeira do adversário, mas havia de vencê-lo a todo custo. Não me ocultou nada; ouvi o motivo, e todos os trâmites da causa, com anedotas pelo meio, uma do escrivão que estava vendido ao adversário, outra de um procurador, as conversações com os juízes, três

<sup>167</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1886; avulso.

<sup>168</sup> Publicado no *Almanaque da Gazeta de Notícias*, em 1887; avulso.

acórdãos e os respectivos fundamentos. À força de pleitear, o homem conhecia muito texto, decretos, leis, ordenações, citava os livros e os parágrafos, salpicava tudo de perdigotos latinos.

Depois desse “maçante” segundo sonho, o narrador vai *ler* para não voltar a dormir.

Era ainda noite alta; mas nem por isso tentei, como da primeira vez, conciliar o sono. Fui ler para não dormir. Por quê? Um homem, um livro, uma demanda, uma candidatura, por que é que temi reavê-los, se ia antes, de cara alegre, meter-me outra vez no telhado em que...?

Leitor, a razão é simples. Cuido que há na vida em perigo um sabor particular e atrativo; mas na paciência em perigo não há nada. A gente recorda-se de um abismo com prazer; não se pode recordar de um maçante sem pavor. Antes a rocha Tarpéia que um autor de má nota.

## 2.104 Identidade<sup>169</sup>

O faraó Pha-Nohr troca de identidade com um sócia (um “pobre escriba”) para viver “a vida e a liberdade”, convencido “de que não podia conhecer o caráter nem o coração dos homens, através da linguagem curial, ataviada naturalmente, e que lhe parecia oblíqua, dúbia, sem vida própria nem contrastes”.

Pha-Nohr vai começar a se arrepender da troca de identidade ao ter de ouvir uma leitura enfadonha que não acaba *nunca*.

Desde longos anos que este [um velho letrado] compunha um livro sobre as origens do Nilo; e, conquanto ninguém o tivesse lido, a opinião geral é que era admirável. Pha-Nohr [com a identidade do escriba] quis ter a glória de ouvir-lhe algum trecho; o letrado levou-o à casa dele, um dia, aos primeiros raios do sol. Abria o livro por uma longa dissertação sobre a origem da terra e do céu; depois vinha outra sobre a origem das estações e dos ventos; outra sobre a origem dos ritos, dos oráculos e do sacerdócio. No fim de três horas, pararam, comeram alguma coisa e entraram na segunda parte, que tratava da origem da vida e da morte, matéria de tanta ponderação, que não acabou mais, porque a noite os tomou em meio. Pha-Nohr levantou-se desesperado.

– Amanhã continuaremos, disse o letrado; acabada esta parte, trato logo da origem dos homens, da origem dos reinos, da origem do Egito, da origem dos faraós, da minha própria origem, da origem das origens, e entramos na matéria particular do livro, que são as origens do Nilo, antecedendo-as, porém, das origens de todos os rios do universo. Mas que lhe parece o que li?

<sup>169</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1887; avulso.

Pha-Nohr não pôde responder; saiu furioso. Na rua teve uma vertigem e caiu. Quando voltou a si, a lua clareava o caminho, ergueu-se a custo e foi para casa.

– Maroto! serpente! dizia ele. Se eu fosse rei, não me aborrecias mais de meia hora. Vã liberdade, que me condenas à escravidão!

### 2.105 Sales<sup>170</sup>

Sales, personagem que nasceu para fantasiar projetos que não levam a nada, surgidos de idéias “vastas, brilhantes, inopináveis ou só complicadas”, e que morrerá acometido por uma lesão cardíaca e por uma última idéia inopinável, adoece por “excesso de trabalho cerebral”:

Vivia no meio de mapas, cotações de preços, estatísticas, livros, cartas, muitas cartas. Ao cabo de quatro meses, adoeceu; o médico achou que a moléstia era filha do excesso de trabalho cerebral, e prescreveu-lhe grandes cautelas.

### 2.106 Como se inventaram os almanaques<sup>171</sup>

Em *Como se inventaram os almanaques*, “o Tempo”, apaixonado por uma menina de quinze anos, chamada Esperança, e rejeitado por ela por estar “carregado de anos”, inventa do nada os almanaques, para que “ela veja palpavelmente ir-se-lhe a mocidade”.

Não se usavam almanaques. Vivia-se sem eles; negociava-se, adoecia-se, morria-se, sem se consultar tais livros. Conhecia-se a marcha do sol e da lua; contavam-se os meses e os anos; era, ao cabo, a mesma coisa; mas não ficava escrito, não se numeravam anos e semanas, não se nomeavam dias nem meses, nada; tudo ia correndo, como passarada que não deixa vestígios no ar. [Diz o Tempo] – Se eu achar um modo de trazer presente aos olhos os dias e os meses, e o reproduzir todos os anos, para que ela veja palpavelmente ir-se-lhe a mocidade...

Raciocínio de velho, mas tudo se perdoa ao amor, ainda quando ele brota de ruínas. O Tempo inventou o almanaque; compôs um simples livro, seco, sem margens, sem nada; tão-somente os dias, as semanas, os meses e os anos. Um dia, ao amanhecer, toda a terra viu cair do céu uma chuva de folhetos; creram a princípio que era geada de nova espécie, depois, vendo que não, correram todos assustados; afinal, um mais animoso pegou de um dos folhetos, outros fizeram a mesma coisa, leram e entenderam. O almanaque trazia a língua das cidades e dos campos em que caía. Assim toda a terra possuiu, no

<sup>170</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1887; avulso.

<sup>171</sup> Publicado no *Almanaque das Fluminenses*, em 1890; avulso.

mesmo instante, os primeiros almanaques. Se muitos povos os não têm ainda hoje, se outros morreram sem os ler, é porque vieram depois dos acontecimentos que estou narrando. Naquela ocasião o dilúvio foi universal.

– Agora, sim, disse Esperança pegando no folheto que achou na horta; agora já me não engano nos dias das amigas. Irei jantar ou passar a noite com elas, marcando aqui nas folhas, com sinais de cor os dias escolhidos.

Todas tinham almanaques. Nem só elas, mas também as matronas, e os velhos e os rapazes, juízes, sacerdotes, comerciantes, governadores, fâmulos; era moda trazer o almanaque na algibeira. Um poeta compôs um poema atribuindo a invenção da obra às Estações, por ordem de seus pais, o Sol e a Lua; um astrônomo, ao contrário, provou que os almanaques eram destroços de um astro onde desde a origem dos séculos estavam escritas as línguas faladas na terra e provavelmente nos outros planetas. A explicação dos teólogos foi outra. Um grande físico entendeu que os almanaques eram obra da própria terra, cujas palavras, acumuladas no ar, formaram-se em ordem, imprimiram-se no próprio ar, convertido em folhas de papel, graças... Não continuou; tantas e tais eram as sentenças, que a de Esperança foi a mais aceita do povo.

– Eu creio que o almanaque é o almanaque, dizia ela rindo.

Quando chegou o fim do ano, toda a gente, que trazia o almanaque com mil cuidados, para consultá-lo no ano seguinte, ficou espantada de ver cair à noite outra chuva de almanaques. Toda a terra amanheceu alastrada deles; eram os do ano novo. Guardaram naturalmente os velhos. Ano findo, outro almanaque; assim foram eles vindo, até que Esperança contou vinte e cinco anos, ou, como então se dizia, vinte e cinco almanaques.

Anciã, com “um mapa de linhas” na cara, “um pico de neve” na cabeça e dezenas de almanaques de idade, Esperança aceitará casar-se com o Tempo.

Esperança, daí em diante [depois de casada com o Tempo], colaborou nos almanaques. Cada ano, em cada almanaque, atava Esperança uma fita verde. Então a tristeza dos almanaques era assim alegrada por ela; e nunca o Tempo dobrou uma semana que a esposa não pusesse um mistério na semana seguinte. Deste modo todas elas foram passando, vazias ou cheias, mas sempre acenando com alguma coisa que enchia a alma dos homens de paciência e de vida.

Assim as semanas, assim os meses, assim os anos. E choviam almanaques, muitos deles entremeados e adornados de figuras, de versos, de contos, de anedotas, de mil coisas recreativas. E choviam. E chovem. E hão de chover almanaques. O Tempo os imprime, Esperança os brocha; é toda a oficina da vida.



## 2.107 O caso Barreto<sup>172</sup>

Barreto era um rapaz “tão estróina” que “um dia acordou amanuense”. Pensando em casamento e em Julinha, ele recita sozinho, em voz alta, o poema *Olhos verdes*, de Gonçalves Dias:

– Realmente, um bom casamento. Não conhecia outra mais elegante... Mais bonita havia no baile; uma das Amarais, por exemplo, a Julinha, com os seus grandes olhos verdes – uns olhos que faziam lembrar os versos de Gonçalves Dias... Como eram mesmo? Uns olhos cor de esperança...

*Que, ai, nem sei qual fiquei sendo*

*Depois que os vi!*

Não se lembrando do princípio da estrofe, teimou por achá-lo, e acabou vencendo. Repetiu a estrofe, uma, duas, três vezes, até decorá-la inteiramente, para não esquecê-la mais. Bonitos versos! Ah! era um grande poeta! Tinha composições que haviam de ficar perpétuas na nossa língua, como o Ainda uma vez, adeus! E Barreto, em voz alta, recitou este começo:

*Enfim te vejo! Enfim, posso,*

*Curvado a teus pés, dizer-te*

*Que não cessei de querer-te*

*Pesar de quanto sofri!*

*Muito penei! Cruas ânsias,*

*De teus olhos apartado,*

*Houveram-me acabrunhado*

*A não lembrar-me de ti.*

– Realmente, é bonito! exclamou outra vez de barriga para o ar. E aquela outra estrofe – como é? –, aquela que acaba:

*Quis viver mais, e vivi!*

Desta vez, trabalho em vão; a memória não lhe acudiu com os versos do poeta; em compensação, trouxe-lhe uns do próprio Barreto, versos que ele sinceramente rejeitou do espírito, vexado da comparação. Para consolar o amor-próprio, disse que era tempo de tratar de negócios sérios. Versos de criança. Toda a criança faz versos. Vinte e oito anos; era tempo de seriedade.

## 2.108 Um sonho e outro sonho<sup>173</sup>

Em conversa com um dos “pretendentes de toda a espécie” de sua filha viúva, diz a mãe de Genoveva sobre o amor entre ela e o bacharel Marcondes:

Imagine uma união que apenas durou três anos. Nhonhô [o bacharel Marcondes], quando morreu, quase que a levou consigo. Viveram como dois

<sup>172</sup> Publicado em *A Estação*, em 1892; avulso.

<sup>173</sup> Publicado em *A Estação*, em 1892; avulso.

noivos; o casamento foi até romanesco. Tinham lido não sei que romance, e aconteceu que a mesma linha da mesma página os impressionou igualmente; ele soube disso lendo uma carta que ela escrevera a uma amiga. A amiga atestou a verdade, porque ouvira a confissão de Nhonhô, antes de lhe mostrar a carta. Não sei que palavras foram, nem que romance era. Nunca me dei a essas leituras. Mas naturalmente eram palavras ternas. Fosse o que fosse, apaixonaram-se um pelo outro, como raras vezes vi, e casaram-se para ser felizes por longos anos.

Marcondes escrevera aos vinte anos um livro sobre uma viúva que se nega a casar novamente, o livro “A bela do sepulcro”, um romance “ilegível” que Genoveva já leu “mais de vinte vezes”.

A mãe exagerava no ponto de dizer que foi a frase do romance que ligou a filha ao marido; eles tinham naturalmente inclinação. A frase não fez mais que falar por eles. Nem por isso tira o romanesco de Genoveva e do finado Marcondes, que fizera versos aos dezoito anos, e, aos vinte, um romance, *A bela do sepulcro*, cuja heroína era uma moça que, havendo perdido o esposo, ia passar os dias no cemitério, ao pé da sepultura dele. Um moço, que ia passar as tardes no mesmo cemitério, ao pé da sepultura da noiva, viu-a e admirou aquela constância póstuma, tão irmã da sua; ela o viu também, e a identidade da situação os fez amados um do outro. A viúva, porém, quando ele a pediu em casamento, negou-se e morreu oito dias depois.

Genoveva tinha presente este romance do marido. Havia-o lido mais de vinte vezes, e nada achava tão patético nem mais natural. Mandou fazer uma edição especial, e distribuiu exemplares a todos os amigos e conhecidos da família. A piedade conjugal desculpava esse obséquio pesado, ainda que gratuito. *A bela do sepulcro* era ilegível. Mas não se conclua daí que o autor, como homem espirituoso, era inferior às saudades da viúva. Inteligente e culto, cometera aquele pecado literário, que, nem por ser grande, o teria levado ao purgatório.

Genoveva só volta a se casar quando encontra um pretendente que, por estratégia de sedução, diz que nunca vai se casar: o bacharel Oliveira. No momento em que Oliveira pede Genoveva em casamento, ela está abrindo as folhas de um romance francês que ganhou dele.

Um dia [Oliveira] declarou francamente à viúva que a amava; era um sábado, em casa dela, antes de jantar, enquanto as duas mães os tinham deixado sós. Genoveva abria as folhas de um romance francês que Oliveira lhe trouxera. Ele fitava pela centésima vez uma aquarela, pendurada no trecho da parede que ficava entre duas janelas. Bem ouvia a faca de marfim rasgando as folhas espessas do livro, e o silêncio deixado pelas duas senhoras que tinham deixado a sala; mas não voltava a cabeça nem baixava os olhos. Baixou-os de repente, e voltou-os para a viúva. Ela sentia-os, e, para dizer alguma coisa:

– Sabe se é bonito o romance? perguntou, parando de rasgar as folhas.

– Dizem-me que sim.

Oliveira foi sentar-se em um *pouf*, que estava ao pé do sofá, e fitou as mãos de Genoveva, pousadas sobre o livro aberto, mas as mãos continuaram o seu

ofício para escapar à admiração do homem, como, se cortando as folhas, fossem menos admiráveis que paradas.

### 2.109 Uma partida<sup>174</sup>

D. Paula, vinte e seis anos de idade na década de 1850, esposa cercada de “olhos cobiosos” e “desejos mal sofridos”, gostaria muito de abandonar o marido “enfadonho” cuja “preocupação exclusiva” são partidas de cartas. Aparentemente D. Paula tem lido um romance francês.

Xavier [o marido] acabou de almoçar e foi ter com ela [Paula]. Achou-a atirada a um canapé, com os olhos meios cerrados, o ar abatido. Tinha dormido mal à noite, duas horas, quando muito, e interrompidamente. Não disse a causa da insônia; não referiu que a idéia de ser a última noite que passava sob o teto conjugal [Paula pretende se mudar para a casa do amante] é que a pusera nervosa, inquieta, meia delirante. Também ele não lhe perguntou nada, se teria tido febre, ou dor de cabeça, um resfriado; deu duas voltas e pegou em um livro que viu sobre uma cadeira, um romance francês; leu duas linhas e deixou-o.

### 2.110 Vênus! Divina Vênus!<sup>175</sup>

*Vênus! Divina Vênus!* se passa em 1859. Apaixonado por uma de suas musas inspiradoras, o poeta Ricardo se acalma lendo versos.

Ricardo almoçou, passou o dia agitado, felizmente lendo versos, que foram o seu calmante. Tinha um volume de Casimiro de Abreu,<sup>176</sup> outro de Soares de Passos, um de Lamartine, não contando os seus próprios manuscritos.

Virgínia, outra das musas inspiradoras de Ricardo, tem um pai que acha que poetas líricos não passam de patetas.

Choviam versos; as rimas buscavam rimas, cansadas de serem as mesmas; a poesia fortalecia o coração do moço. Nem todas as mulheres tiveram notícia

<sup>174</sup> Publicado em *A Estação*, em 1892; avulso.

<sup>175</sup> Publicado no *Almanaque da Gazeta de Notícias*, em 1893; avulso.

<sup>176</sup> Nesse ano de 1859, aos vinte anos, um ano antes de sua morte, Casimiro de Abreu ganha consagração nacional com a publicação de *Primaveras*.

do amor do poeta; mas bastava que existissem, que fossem belas, ou quase, para fasciná-lo e inspirá-lo. Uma dessas tinha apenas dezesseis anos, chamava-se Virgínia e era filha de um tabelião, com quem Ricardo se fez encontrado para mais facilmente penetrar-lhe em casa. Foi-lhe apresentado como poeta.

– Sim? Eu sempre gostei de versos, disse o tabelião; se não fosse o meu cargo, escreveria alguns sonetinhos. No meu tempo compus fábulas. O senhor gosta de fábulas?

– Como não? redargüiu Ricardo. A poesia lírica é melhor, mas a fábula...

– Melhor? Não compreendo. A fábula tem conceito, além da graça de fazer falar os animais...

– Justamente!

– Então, como é que disse que a poesia lírica era melhor?

– Num sentido.

– Que sentido?

– Quero dizer, cada forma tem a sua beleza; assim, por exemplo...

– Exemplos não faltam. A questão é que o senhor acha a poesia lírica melhor que a fábula. Só se não acha?

– Realmente, parece que não é melhor, confessou Ricardo.

– Diga logo inferior. Luar, névoas, virgens, lago, estrelas, olhos de anjo, são palavras vãs, boas para poetas apatetados. Eu, tirando-me a fábula e a sátira, não sei para que serve a poesia. Para encher a cabeça de caraminholas, e o papel de tolices...

Ricardo aturou toda essa rabugice do notário, para o fim de ser admitido em casa dele – coisa fácil, porque o pai de Virgínia tinha algumas fábulas antigas e outras inéditas e poucos ouvintes do ofício, ou verdadeiramente nenhum.

Como a adolescente do poema *Le premier regret*, de Lamartine, Virgínia é jovem demais para morrer.

Virgínia adoeceu de moléstia grave, que a pôs entre a vida e a morte. Ricardo padeceu deveras. Não se lembrou de compor versos, nem tinha inspiração para eles; mas a leitura casual daquela elegia de Lamartine, em que há estas palavras: *Elle avait seize ans; c'est bien tôt pour mourir*, deu-lhe idéia de escrever alguma coisa em que aquilo entrasse por epígrafe. E trabalhava, à noite, de manhã, na rua, tudo por causa da epígrafe.

– *Elle avait seize ans; c'est bien tôt pour mourir!* repetia ele andando.

Felizmente, a moça arribou, ao fim de quinze dias, e, logo que pôde, foi convalescer na Tijuca, em casa da madrinha. Não foi sem levar um soneto de Ricardo, com a famosa epígrafe, o qual principiava por estes dois versos:

Agora, que a mimosa flor caída

Ao terrífico vento da procela...

Virgínia convalesceu depressa; mas não voltou logo, ficou lá um mês, dois meses, e, como eles não se correspondiam, Ricardo vivia naturalmente ansioso. O tabelião dizia-lhe que os ares eram bons, que a filha andava fraca, e não desceria sem estar inteiramente restabelecida. Um dia leu-lhe uma fábula, composta na véspera, e dedicada ao bacharel Vieira, sobrinho da comadre.

– Compreendeu o sentido, não? perguntou-lhe no fim.

– Sim, senhor, entendi que o sol, disposto a restituir a vida à lua...

– E não atina?

- A moralidade é clara.
  - Creio; mas a ocasião...
  - A ocasião?
  - A ocasião é o casamento da minha pecurrucha com o bacharel Vieira, que chegou de S. Paulo; gostaram-se; foi pedida anteontem...
- Esta nova desilusão atordoou completamente o rapaz. Desenganado, jurou acabar com mulheres e musas. Que eram musas senão mulheres?

### 2.111 Um quarto de século<sup>177</sup>

Tomás acha que Raquel casou com ele sem entusiasmo:

Tudo o que pode definir bem a ausência de paixão parecia reunir-se nela. Quando a convicção desse estado entrou no ânimo do marido, houve uma tal ou qual sombra no céu conjugal. O pior é que ela não deu pelo fenômeno. Tomás encerrava-se longas horas no gabinete, a pretexto de trabalho, mas realmente para ler romances parisienses, comprados às dúzias.

Um dia, antes do jantar, Tomás e Raquel lêem no terraço, e ela pega no sono.

Ambos liam; ele, erguendo os olhos da página, viu que ela estava com o livro no regaço e as pálpebras caídas.

- É do livro ou do companheiro? perguntou ele.

Raquel sorriu constrangida, mas não disse nada.

Como ele insistisse:

- É do companheiro, respondeu.
- Talvez.
- Que idéia!
- Sim, a resposta é de gracejo, mas pode ser exata, sem que você dê por isso. Não me há de fazer crer que lhe dou a felicidade esperada, se é que esperou alguma. Não; você casou para fugir à importunação. A liberdade era melhor; podia ser até – quem sabe? – podia ser que a sorte... Não falemos nisto!

Raquel olhava espantada. Tomás atirara o livro para um sofá e erguera-se, metendo as mãos nas algibeiras das calças. Mordia o beijo, e olhava para fora. Raquel fechou tranqüilamente o livro.

Antes de morrer e, com isso, fornecer a Tomás a oportunidade de viajar à Europa “como um pássaro livre”, Raquel tentará, sem resultado, dar mais atenção ao marido: “Conseguia prendê-lo; lia até o fim, com os olhos abertos, todos os livros que ele lhe dava. [...] A solicitude teve o mesmo efeito da indiferença; tudo acabou no mesmo tédio.”

<sup>177</sup> Publicado em *A Estação*, em 1893; avulso.

## 2.112 Missa do galo<sup>178</sup>

O episódio narrado em *Missa do galo* ocorre numa noite de Natal “pelos anos de 1861 ou 1862”. Nogueira, o narrador, descreve um acontecimento de sua juventude, uma conversa que teve com uma senhora e que nunca pôde entender. D. Conceição é a senhora; “contava eu dezessete, ela trinta”.

Hospedado na casa do marido de Conceição, Nogueira espera a chegada da meia-noite. Ele quer ir à missa do galo com um vizinho. Ele lê para fazer com que os minutos de espera voem (na conversa, Conceição dirá sobre a espera de Nogueira: “Que paciência!”). “Mas, Sr. Nogueira, que fará você todo esse tempo?”, pergunta a mãe de Conceição. “Leio, D. Inácia”. Todo esse tempo, aqui, são menos de duas horas.

O encontro que o protagonista nunca vai entender é um encontro em que a mulher parece surgir de uma leitura, é um acontecimento *despertado* de uma leitura.

Tinha comigo um romance, os *Três mosqueteiros*, velha tradução creio do *Jornal do Commercio*. Sentei-me à mesa que havia no centro da sala, e à luz de um candeeiro de querosene, enquanto a casa dormia, trepei ainda uma vez ao cavalo magro de D’Artagnan e fui-me às aventuras. Dentro em pouco estava completamente ébrio de Dumas. Os minutos voavam, ao contrário do que costumam fazer, quando são de espera; ouvi bater onze horas, mas quase sem dar por elas, um acaso. Entretanto, um pequeno rumor que ouvi dentro veio acordar-me da leitura. Eram uns passos no corredor que ia da sala de visitas à de jantar; levantei a cabeça; logo depois vi assomar à porta da sala o vulto de Conceição.

Conceição entra na sala e impressiona Nogueira com uma certa aparência de heroína de folhetim. “Sendo magra, tinha um ar de visão romântica, não dispatada com o meu livro de aventuras”. Nogueira fecha o livro.

“Que é que estava lendo?”, pergunta Conceição. “Não diga, já sei, é o romance dos *Mosqueteiros*.” “Justamente: é muito bonito”, ele responde. Ela: “Gosta de romances?”. “Gosto”, ele diz. Conceição gosta de romances, e aparentemente estima *A Moreninha*, de Joaquim

<sup>178</sup> Publicado em *A Semana*, em 1894; *Páginas recolhidas* (1899).

Manuel de Macedo, mas não lê por falta de tempo.<sup>179</sup> “Já leu a *Moreninha*?”, ela pergunta. “Do Dr. Macedo? Tenho lá em Mangaratiba.” “Eu gosto muito de romances, mas leio pouco, por falta de tempo. Que romances é que você tem lido?” Nogueira começa a “dizer-lhe os nomes de alguns”, e Conceição fixa os olhos em Nogueira e não diz nada e, da perspectiva do narrador, parece ouvir passivamente.

A visão repentina dos braços de Conceição desperta uma agitação nova no espírito de Nogueira, e a presença dela se torna subitamente mais *despertadora* do que qualquer leitura.

Pouco a pouco, tinha-se inclinado; fincara os cotovelos no mármore da mesa e metera o rosto entre as mãos espalmadas. Não estando abotoadas, as mangas, caíram naturalmente, e eu vi-lhe metade dos braços, muito claros, e menos magros do que se poderiam supor. A vista não era nova para mim, posto também não fosse comum; naquele momento, porém, a impressão que tive foi grande. As veias eram tão azuis, que apesar da pouca claridade, podia contá-las do meu lugar. A presença de Conceição despertara-me ainda mais que o livro.

No dia seguinte, Conceição volta a ser a mesma senhora de sempre aos olhos de Nogueira, “natural, benigna, sem nada que fizesse lembrar a conversação da véspera”.

### 2.113 A inglesinha Barcelos<sup>180</sup>

Joaninha, a inglesinha Barcelos, namorou “a torto e a direito” mas nunca encontrou um marido. Em crise, e antes de se conformar com o celibato, ela extrai dos romances que lê “duas idéias extraordinárias”.

Deu-se então na alma da *inglesinha* uma crise. Os romances trouxeram-lhe duas idéias extraordinárias, atirar-se a um lago ou meter-se a freira. Freira não podia ser, estando suprimido o noviciado.<sup>181</sup> Agarrou-se ao lago; mas os lagos, que eram grandes, homicidas e secretos nos livros que lhe levavam as horas, não tinham água na cidade. Os de uma chácara que ela costumava visitar, não subiam de dois palmos d’água, Joaninha não viu morte física nem moral; não achou meio de fugir a este mundo, e contentou-se com ele. Da crise, porém, nasceu uma situação moral nova. Joaninha conformou-se com

<sup>179</sup> Conceição circula entre os objetos da sala e volta ao assunto da espera desperta de Nogueira; “Estreito era o círculo das suas idéias”.

<sup>180</sup> Publicado em *A Estação*, em 1894; avulso.

<sup>181</sup> Os noviciados de ordens religiosas, fechados por ordem imperial em 1855, só foram reabertos com a República, e o conto se passa entre 1874 e 1886.

o celibato, abriu mão de esperanças inúteis, compreendeu que estragara a vida por suas próprias mãos.

### 2.114 A cena do cemitério<sup>182</sup>

Tendo lido jornais e Shakespeare à noite, o narrador do conto tem um pesadelo estranho em torno da cena do cemitério de *Hamlet*. No sonho, o narrador é Hamlet, o criado do narrador é Horácio e os coveiros da cena negociam “ações da Companhia Promotora das Batatas Econômicas”.

Não mistureis alhos com bugalhos; é o melhor conselho que posso dar às pessoas que lêem de noite na cama. A noite passada, por infringir essa regra, tive um pesadelo horrível. Escutai; não perdereis os cinco minutos de audiência.

Foi o caso que, como não tinha acabado de ler os jornais de manhã, fi-lo à noite. Pouco já havia que ler, três notícias e a cotação da praça. Notícias da manhã, lidas à noite, produzem sempre o efeito de modas velhas, donde concludo que o melhor encanto das gazetas está na hora em que aparecem. [...] Afinal pus os jornais de lado, e, não sendo tarde, peguei de um livro, que acertou de ser Shakespeare. O drama era Hamlet. A página, aberta ao acaso, era a cena do cemitério, ato V. Não há que dizer ao livro nem à página; mas essa mistura de poesia e cotação de praça, de gente morta e dinheiro vivo, não podia gerar nada bom; eram alhos com bugalhos.

### 2.115 Um erradio<sup>183</sup>

Elisiário, segundo o relato do personagem Tosta, é, na década de 1860, um “poeta de improviso”: “não escrevia os versos, os outros é que os ouviam e trasladavam ao papel, dando-lhe cópias, muitas das quais perdia”. “Um erradio” que “ia a toda parte”, e cuja poesia, no futuro, quando ele já nem lê mais “obras de arte”, vai acabar “em nada”, Elisiário cita Virgílio e Camões para “grande espanto” dos criados de um botequim:

Ficamos [Tosta e Elisiário] até o fechar das portas. Tínhamos falado de viagens; eu contei-lhe a vida do sertão cearense, ele ouviu e projetou mil jornadas ao sertão do Brasil inteiro, por serras, campos e rios, de mula e de canoa. Colheria tudo, plantas, lendas, cantigas, locuções. Narrou a vida do caipira,

<sup>182</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1894; *Páginas recolhidas* (1899).

<sup>183</sup> Publicado em *A Estação*, em 1894; *Páginas recolhidas* (1899).



falou de Enéias, citou Virgílio e Camões, com grande espanto dos criados, que paravam boquiabertos.

Elisiário é “professor de latim e explicador de matemáticas” sem ser “formado em coisa nenhuma” (“posto estudasse engenharia, medicina e direito, deixando em todas as faculdades fama de grande talento sem aplicação”), e ensina latim à esposa Jacinta usando o manual *Novo método de gramática latina*, do padre português Antônio Pereira de Figueiredo. Tosta se assombra com a “escola de latim conjugal”:

Logo que ele entrou, a mulher deixou-nos para ir mandar fazer café, e voltou pouco depois, com um trabalho de agulha.

– Não, senhora, vamos primeiro ao latim, bradou o marido.

D. Jacinta corou extraordinariamente, mas obedeceu ao marido e foi buscar o livro, que estava lendo quando eu cheguei.

– Tosta é de confiança, continuou Elisiário, não vai dizer nada a ninguém.

E voltando-se para mim:

– Não pense que sou eu que lhe imponho isto; ela mesma é que quis aprender.

Não crendo o que ele me dizia, quis poupar à moça a lição de latim, mas foi ela própria que me dispensou o auxílio, indo buscar alegremente a gramática do Padre Pereira. Vencida a vergonha, deu a lição, como um simples aluno. Ouvia com atenção, articulava com prazer, e mostrava aprender com vontade. Acabado o latim, o marido quis passar à lição de história; mas foi ela, dessa vez, que recusou obedecer, para me não roubá-lo a mim. Eu, pasmado, desfiz-me em louvores; realmente achava tão fora de propósito aquela escola de latim conjugal, que não alcançava explicação, nem ousava pedi-la.

## 2.116 Orai por ele!<sup>184</sup>

Trocando lembranças sobre um comendador recém-falecido, Pedro e Paulo comentam uma pacholice literária do amigo:

Paulo tirou a conversação desse terreno, falando nas manias do comendador que eram muitas; depois contaram anedotas, ditos ridículos, erros de prosódia, pacholices. Paulo referiu que o finado, depois de ler um romance de Dumas, passado na corte de França, começou a beijar a mão à mulher, quando entrava ou saía de casa. A mulher é que não esteve pelos autos, e o costume durou cinco dias. Pedro piscou o olho e sorriu.

– Era um tolo, concordou.

---

<sup>184</sup> Publicado no *Almanaque da Gazeta de Notícias*, em 1895; avulso.

### 2.117 Idéias de canário<sup>185</sup>

Macedo, “homem dado a estudos de ornitologia”, adoece por demasia de leitura e pensamento enquanto estuda sua “extraordinária descoberta” de um canário falante:

Um sábado amanheci enfermo, a cabeça e a espinha doíam-me. O médico ordenou absoluto repouso; era excesso de estudo, não devia ler nem pensar, não devia saber sequer o que se passava na cidade e no mundo.

### 2.118 Uma noite<sup>186</sup>

Em conversa com o alferes Martinho, num acampamento na Guerra do Paraguai, o tenente Isidoro conta que, por amor a Camila, no passado, chegou “ao extremo de fazer versos”, versos escritos a partir da leitura de outros:

Não quero cansá-lo com as palavras que trocávamos [ele e Camila] e foram infinitas, menos ainda com os versos que lhe fiz; é verdade, Martinho, cheguei ao extremo de fazer versos; lia os de outros para compor os meus, e daí fiquei com tal ou qual soma de imagens e de expressões poéticas...

### 2.119 Uma por outra<sup>187</sup>

“Era por sessenta e tantos...”, quando Josino vivia num “pobre sótão de estudante” com seus livros e com seus versos. Poeta que se orgulha de ser reconhecido na rua como autor (“me lembro que, um dia, passando pela Rua do Ouvidor, ouvi a uma senhora dizer a outra: ‘Lá vai o autor das *Ondas*’”) e de ter seus versos comparados por uma admiradora aos de Gonçalves Dias<sup>188</sup> (“o que era pura exageração”), Josino admira, com os olhos de quem aca-

<sup>185</sup> Publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1895; *Páginas recolhidas* (1899).

<sup>186</sup> Publicado na *Revista Brasileira*, em 1895; avulso.

<sup>187</sup> Publicado em *A Estação*, em 1897; avulso.

<sup>188</sup> Josino é estudante de matemáticas, e seus colegas não são lá muito entusiastas de seus versos: “alguns gostavam dos versos, outros não lhes davam grande valor, mas eu lançava isto à conta da inveja ou da incapacidade estética”.

bou de ler um romance aristocrático de Octave Feuillet, “uma criaturinha bela e rica, toda seda e jóias”. Narra Josino:

Se estivesse com outros colegas, como costumava, é provável que não gastasse mais de dois minutos com a pequena; mas naquela noite estava só, entre pessoas estranhas, e inspirado. Ao jantar, fizera de cabeça um soneto. Demais, antes de subir à galeria quedara-me à porta do teatro a ver entrar famílias. A procissão de mulheres, a atmosfera de cheiros, a constelação de pedrarias entonteceram-me. Finalmente, acabava de ler um dos romances aristocráticos de Feuillet, exemplar comprado por um cruzado não sei em que belchior de livros. Foi nesse estado de alma que descobri aquela moça do quinto camarote, primeira ordem, à esquerda, Teatro Lírico. Antes de acabar o espetáculo, desci a escada, quatro a quatro, e vim colocar-me no corredor, defronte do camarote de Sílvia. Dei-lhe este nome, por ser doce, e por havê-lo lido não sei onde.

## 2.120 Maria Cora<sup>189</sup>

A carta em que Correia declara seu amor a Maria Cora, uma senhora casada, é guardada por ela, fechada, dentro de um livro. Correia narra:

Passaram-se alguns minutos, quinze ou vinte. Ao fim desse tempo, ela [Maria Cora] pretextou um livro, que estava em cima das músicas [ela está tocando piano], e pediu-me para dizer se o conhecia; fomos ali ambos, e ela abriu-mo; entre as duas folhas estava um papel.

– Na outra noite, quando aqui estive, deu-me esta carta; não podia dizer-me o que tem dentro?

– Não adivinha?

– Posso errar na adivinhação.

– É isso mesmo.

– Bem, mas eu sou uma senhora casada, e nem por estar separada do meu marido deixo de estar casada. O senhor ama-me, não é? Suponha, pelo melhor, que eu também o amo; nem por isso deixo de estar casada. Dizendo isto, entregou-me a carta; não fora aberta. Se estivéssemos sós, é possível que eu lha lesse, mas a presença de estranhos impedia-me este recurso. Demais, era desnecessário; a resposta de Maria Cora era definitiva ou me pareceu tal. Peguei na carta, e antes de a guardar comigo:

– Não quer então ler?

– Não.

– Nem para ver os termos?

– Não.

– Imagine que lhe proponho ir combater contra seu marido,<sup>190</sup> matá-lo e voltar, disse eu cada vez mais tonto.

<sup>189</sup> Publicado em *A Estação*, em 1898; *Relíquias de casa velha* (1906).

<sup>190</sup> O marido (adúltero) de Maria Cora, João da Fonseca, está lutando no Rio Grande do Sul, nos combates da Revolução de 1893.

- Propõe isto?
  - Imagine.
  - Não creio que ninguém me ame com tal força, concluiu sorrindo. Olhe, que estão reparando em nós [uma tia que mora com ela e um poeta que as visita].
- Dizendo isto, separou-se de mim, e foi ter com a tia e o poeta. Eu fiquei ainda alguns segundos com o livro na mão, como se devesse examiná-lo, e afinal deixei-o.

Em combate, antes de matar o marido de Maria Cora, Correia evocará a cena de abertura do romance *A cartuxa de Parma* (1839), de Stendhal.

Naquele combate achei-me um tanto como o herói de Stendhal na batalha de Waterloo; a diferença é que o espaço foi menor. Por isso, e também porque não me quero deter em coisas de recordação fácil, direi somente que tive ocasião de matar em pessoa a João da Fonseca. Verdade é que escapei de ser morto por ele. Ainda agora trago na testa a cicatriz que ele me deixou. O combate entre nós foi curto. Se não parecesse romanesco demais, eu diria que João da Fonseca adivinhara o motivo e previra o resultado da ação.

## 2.121 Píades e Orestes<sup>191</sup>

O abastado Quintanilha, “amigo do seu único amigo”, não deixava *nada* faltar a Gonçalves. Se Gonçalves, advogado, tivesse por exemplo algum trabalho para fazer à noite, Quintanilha “dava busca aos textos de lei, marcava-os, copiava-os, carregava os livros”.

- De si mesmo [Quintanilha] descobria-lhe [a Gonçalves] bons charutos, bons jantares, bons espetáculos. Gonçalves já não tinha liberdade de falar de um livro novo, ou somente caro, que não achasse um exemplar em casa.
- Você é um perdulário, dizia-lhe em tom repreensivo.
  - Então gastar com letras e ciências é botar fora? É boa! concluía o outro.

<sup>191</sup> Publicado no *Almanaque Brasileiro Garnier*, em 1903; *Relíquias de casa velha* (1906).

## 2.122 Um capitão de voluntários<sup>192</sup>

Simão de Castro vê no amigo X...<sup>193</sup> – por quem se sente dominado em tudo, a começar pela figura física<sup>194</sup> – a “fibra castelhana” das páginas de Calderón de la Barca e uma “atitude moral” de Dom Quixote:

Depois da figura, a idade; X... era homem de quarenta anos, eu não passava dos vinte e quatro. Depois da idade, a vida; ele vivera muito, em outro meio, de onde saíra a encafiar-se naquela casa, com aquela senhora; eu não vivera nada nem com pessoa alguma. Enfim – e este rasgo é capital –, havia nele uma fibra castelhana, uma gota do sangue que circula nas páginas de Calderón, uma atitude moral que posso comparar, sem depressão nem riso, à do herói de Cervantes.

## 2.123 Umas férias<sup>195</sup>

O garoto José Martins (“Tinha dez anos apenas”, ele narra) ganha dispensa da escola em função da morte do pai. Antes de saber da morte, e antes de, no fim do conto, passar a sentir “grandes saudades” da escola (“o livro lembrou-me a escola, e a imagem da escola consolou-me”), José pensa em “deitar à fogueira” seu livro escolar – pouco antes de quase deixá-lo cair num “regio de lama”. José gosta de desenhar gatos e porcos nas margens de seu livro de escola. A caminho de casa, José e a irmã pensam na hipótese de haver uma festa à espera deles.

A idéia da festa, qualquer que fosse, continuou a agitar-nos, mais a mim que a ela [a irmã, Felícia]. Imaginei trinta mil coisas, sem acabar nenhuma, tão precipitadas vinham, e tão confusas que não as distinguia; pode ser até que se repetissem. Felícia chamou a minha atenção para dois moleques de carapuça encarnada, que passavam carregando canas – o que nos lembrou as noites de Santo Antônio e S. João, já lá idas. Então falei-lhe das fogueiras do nosso quintal, das bichas que queimamos, das rodinhas, das pistolas e das danças com outros meninos. Se houvesse agora a mesma coisa... Ah! lembrou-me que era ocasião de deitar à fogueira o livro da escola, e o dela também, com os pontos de costura que estava aprendendo.

– Isso não, acudiu Felícia.

– Eu queimava o meu livro.

<sup>192</sup> Publicado apenas em *Relíquias de casa velha*, em 1906.

<sup>193</sup> O nome de X... será dito apenas na última frase do conto: “Emílio, o meigo, o forte, o simples Emílio”.

<sup>194</sup> Diz Simão: “a minha graça feminina, débil, desaparecia ao pé do garbo varonil dele”. Emílio, traído conjugalmente pela companheira, que se entrega a Simão, morrerá em combate na Guerra do Paraguai, tendo, antes de partir, pedido a Simão que “escolhesse uma prenda em lembrança, um livro, por exemplo”.

<sup>195</sup> Publicado apenas em *Relíquias de casa velha*, em 1906.

- Papai comprava outro.
- Enquanto comprasse, eu ficava brincando em casa; aprender é muito aborrecido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Machado de Assis é um gênio literário porque leu mais e melhor do que todos os outros, porque em sua vida os livros tiveram uma presença absorvida de forma única. A presença fora do comum dos livros na vida dos personagens de Machado está conectada de forma única a esse gênio literário que leu muito.

Nos 207 contos de Machado de Assis existem precisamente 690 personagens – personagens *de primeiro plano*, personagens sem os quais o conto seria outro, personagens que de alguma maneira, mesmo que superficialmente, impelem a história para uma direção qualquer. Desses 690 personagens, 198, quase um terço deles, são personagens-leitores. Cento e noventa e oito personagens dos contos de Machado lêem livros ou têm um ou outro hábito de leitura de livros atribuído.

E o que é que, quando suas histórias formam um panorama, os personagens-leitores dos contos de Machado de Assis lêem? Bem, eles lêem tudo que se possa imaginar, quase tudo que seja possível que eles leiam. Na soma de tudo isso, eles lêem 114 autores (reais) diferentes em todos os contos, e eles têm, verificados tanto os livros lidos no correr da ação do conto quanto as referências que indicam que um determinado livro ou autor *foi* lido pelo personagem no passado, exatamente 305 leituras diferentes identificáveis por assunto, título ou autor. 33% dos autores lidos por personagens nos contos constam da biblioteca de Machado de Assis (ou do que restava dela em seu primeiro levantamento, em 1960, e está registrado em *A biblioteca de Machado de Assis*<sup>196</sup>).

---

<sup>196</sup> JOBIM, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

De tudo que os personagens dos contos de Machado lêem, 60% é literatura em geral, romance, poesia, teatro. Depois da literatura francesa (16% de todas as leituras), o que eles mais lêem, em percentuais arredondados, são livros científicos (13%), livros de assuntos teológicos (12%), livros de filosofia (11%) e literatura inglesa (10%); a seguir vêm literatura latina, literatura portuguesa e literatura brasileira (5% cada), livros de história (4%), literaturas grega, italiana e alemã (3% cada), literatura espanhola (2%) e literatura norte-americana (1%); 7% cabem a leituras literárias não-identificáveis.

Se considerarmos só as leituras identificáveis de literatura, 30% são leituras de literatura francesa, 20% são de literatura inglesa, 10% de latina, 9% de portuguesa, 9% de brasileira, 7% de grega e 7% de italiana, 4,5% de alemã, 3% de espanhola e 0,5% de norte-americana.

Na relação dos 733 livros catalogados da biblioteca de Machado de Assis, excluídas as publicações periódicas, a ordem de assuntos dos volumes, com exceção das grandes diferenças proporcionais entre os índices dos livros de história e religião, não é muito diferente da distribuição de assuntos das leituras dos personagens nos contos: na biblioteca de Machado, em que metade dos livros são livros de literatura, o que mais se encontra é literatura francesa (22%), história (21%), filosofia ou crítica literária (17%), literatura inglesa (15%) e livros científicos (8%); depois vemos as literaturas alemã (4%), brasileira e portuguesa (3,5% cada), italiana (2,5%), latina e espanhola (1% cada), mais teologia, literatura grega e literatura norte-americana (0,5% cada).

No caso da literatura menos lida pelos personagens dos contos de Machado, as duas únicas menções de personagens à literatura norte-americana aparecem em contos publicados por Machado no ano de 1882: em *O anel de Polícrates*, Xavier jura que vai escrever um conto fantástico “à maneira de Edgar Poe, uma página fulgurante, pontuada de mistérios”; em *O espelho*, Jacobina recorda a leitura marcante de *The old clock on the stairs*, de Henry Wadsworth Longfellow: “Quando, muitos anos depois, li uma poesia americana, creio que de Longfellow, e topei com este famoso estribilho: *Never, for ever! – For ever, never!* confesso-lhes que tive um calafrio: recordei-me daqueles dias medonhos”.

No tocante à literatura espanhola, fora uma menção a Calderón de la Barca, todas as leituras são leituras de *Dom Quixote*. Na literatura alemã, temos Goethe (cinco leituras), Hoffmann (três leituras) e Schiller (duas leituras). Em literatura italiana, aparecem Dante



(quatro aparições), Petrarca (quatro aparições) e Torquato Tasso (duas aparições). Em literatura grega, Homero é lido em cinco contos.

Os autores portugueses lidos são nove: Camões, Bocage, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Rodrigues Lobo, Correia Garção, Soares de Passos, Antônio Dinis da Cruz e Silva e João Vicente Pimentel Maldonado. Camões é o mais lido: aparece como leitura em quatro contos. Dinis aparece em três.

De livros brasileiros, os autores lidos são sete: Gonçalves Dias (quatro contos), Tomás Antônio Gonzaga (três contos), Joaquim Manuel de Macedo (dois contos), Basílio da Gama, Casimiro de Abreu e os padres Luís Gonçalves dos Santos e (em dois contos) Antônio Pereira de Souza Caldas. Em só uma ocasião, nos contos de Machado, um personagem deprecia um autor real brasileiro: para Nicolau, a quem *tudo* na vida é insuportável em *Verba testamentária*, aplaudir a literatura em geral e Gonçalves Dias em particular é uma questão de mau gosto. Quanto às duas leituras de *A Moreninha*, de Macedo, são leituras de mulheres de inteligência (dita) restrita: de uma mulher marcada pela uniformidade de seus “hábitos mentais” (Mariana, segundo a narrativa de *Capítulo dos chapéus*) e de uma mulher marcada pela estreiteza do “círculo das suas idéias” (Conceição, segundo Nogueira, em *Missa do galo*).

De cada duas leituras de literatura latina nos contos, uma é de Virgílio. Virgílio é leitura de personagens em oito contos de Machado de Assis.

De cada duas leituras de literatura inglesa nos contos, uma é de Shakespeare. O autor mais lido e citado pelos personagens dos contos de Machado aparece como leitura em onze contos – publicados de 1864 a 1894. Shakespeare é leitura de doze personagens; só um desses personagens é mulher (Cecília, em *Curta história*); das quinze leituras de Shakespeare em todos os contos, doze são leituras especificadas, e dessas doze, seis são de *Romeu e Julieta* (também aparecem *Hamlet*, *Otelo*, *Macbeth* e *O mercador de Veneza*). Em dois contos de Machado, em especial, ocorre que absolutamente *tudo* se ramifica de uma leitura, e nos dois casos trata-se de uma leitura de Shakespeare: uma leitura de *Hamlet*, em *A cena do cemitério*, e as várias leituras de *Romeu e Julieta* em *Curta história*.

Os autores de língua francesa lidos, ninguém vai ficar espantado com isso, são muitos: François-René de Chateaubriand, Madame de Staël, Alfred de Vigny, Lamartine, André Ché-

nier, Charles-Hubert Millevoye, Fénelon, Victor Hugo, Ponson du Terrail, Molière, La Rochefoucauld, Alain René Lesage, Rabelais, Visconde d’Arlincourt, Stendhal, Octave Feuillet, George Sand, Balzac, Madame Craven. Os mais lidos são Voltaire (em cinco contos), Dumas (em quatro contos), Bernardin de Saint-Pierre (em três; sempre o romance *Paulo e Virgínia*) e Ernest Feydeau (em três).

Na filosofia, os autores mais lidos são Platão, Pascal e Cícero. Nos livros de assuntos científicos, a maior parte das leituras não é especificada: aqui é um “livro de leitura” da escola, ali é uma “gramática”, lá o sujeito lê “algumas páginas de matemáticas” ou “tratados de operações e de higiene”; Darwin aparece em três contos. Os livros de história não têm muito conteúdo exposto nos contos.

O conto de Machado que mais tem personagens-leitores é *A mulher de preto*: Meneses diz que sua família são seus livros de história, filosofia, poesia e política; o padre Luís lê Fénelon; Estêvão tem a cabeça sempre pendida “um pouco para a frente pelo longo hábito da leitura”; e Oliveira é um “janota” que resolve entrar “na literatura” e fica lendo para todo mundo seus trabalhos dramaturgicos.

Dos 690 personagens dos contos de Machado de Assis, 447 (65%) são homens e 243 (35%) são mulheres. Dos 198 personagens-leitores dos contos, 151 (76%) são homens e 47 (24%) são mulheres.

Entre os homens, aproximadamente cinco de cada dez leituras são leituras de literatura em geral. De tudo que os homens lêem, 15% é literatura francesa, 14% são livros científicos, 13% é filosofia, 12% são livros de assuntos religiosos e 9% é literatura inglesa.

Entre as mulheres, aproximadamente nove de cada dez leituras são leituras de literatura em geral. De tudo que as mulheres lêem, 40% é literatura não-identificada (*sempre* “um romance” sem nenhuma referência), 20% é literatura francesa e 17% é literatura inglesa. Do que as mulheres lêem, 8% é literatura brasileira, enquanto que esse índice é de 4% entre os homens.

Se deixarmos em separado a Bíblia que Fernanda lê em *Fernando e Fernanda*, a “história de Catarina de Médicis” que Sara lê em *Uma águia sem asas*, o livro de orações que a viu-

va Seixas lê em *O sainete*, o livro de lição que Madalena lê com o filho em *O passado, passado*, o livro de missa que Laura tem em mãos em *Antes da missa* e a gramática latina do padre Antônio Pereira de que Jacinta faz uso em *Um erradio*, tudo que as mulheres lêem, nos contos de Machado de Assis, é romance ou poesia.

As mulheres dos contos de Machado lêem, ao todo, 11 autores diferentes, e um terço desses autores são mulheres. As mulheres dos contos de Machado lêem sete autores (Bernardin de Saint-Pierre, Ernest Feydeau, Gonçalves Dias, Joaquim Manuel de Macedo, padre Antônio Pereira, Shakespeare e Walter Scott) e quatro autoras (Elizabeth Gaskell, George Sand, Madame Craven e a Elizabeth Helme do *Saint-Clair das Ilhas*). Os homens dos contos de Machado lêem ao todo 110 autores diferentes, e desses 110 autores apenas um é mulher: a Elizabeth Helme do *Saint-Clair das Ilhas*.

Os personagens-leitores mais jovens dos contos de Machado de Assis, Pilar e José Martins, têm dez anos de idade, e o que eles lêem são seus livros escolares, respectivamente em *Conto de escola* e *Umas férias*. Quanto aos leitores mais velhos, o Tobias de *A vida eterna* e a baronesa de *Casa Velha* devem ter uns 70 anos de idade, e eles lêem, respectivamente, os romances *Dom Quixote* e *Saint-Clair das Ilhas*. Os 151 homens que lêem livros nos contos de Machado de Assis têm, em média, 33 anos. As 47 mulheres que lêem livros nos contos de Machado têm em média 25 anos. Se somarmos as idades (mencionadas nos contos ou presumíveis) que todos esses homens e mulheres têm nos momentos em que fazem suas principais leituras, chegamos à informação de que o personagem-leitor dos contos de Machado tem na média 31 anos.

Dos 151 *homens-leitores* dos contos, 17 são advogados ou formados em direito, 14 são ou foram poetas, 11 são médicos ou formados em medicina e 11 são padres. No caso de cinco dos onze *padres-leitores* as leituras que aparecem são ao menos em parte leituras de livros religiosos. Dos catorze *poetas-leitores*, sete aparecem como leitores de poesia na ação do conto.

Os poetas-leitores dos contos de Machado de Assis são figuras como o Máximo dos pecados poéticos valorados a preço de banana em *A mulher pálida*, poetas que em regra não são lidos por público nenhum. Em *O país das Quimeras*, Tito, um poeta “sem dinheiro e sem bigode”, vende suas produções “não por meio de uma permuta legítima de livro e moeda, mas

por um meio desonroso e nada digno” (vende a autoria de seus versos): “As vendas que fazia eram absolutas, isto é, trocando por dinheiro os seus versos, o poeta perdia o direito da paternidade sobre essas produções”. Em *Felicidade pelo casamento*, vemos que, para a família do protagonista, ser poeta e ser idiota é a mesma coisa: “Até aos quinze anos fui tido por idiota; dos quinze aos vinte chamavam-me poeta; e, se as palavras eram diferentes, o sentido que a minha família lhes dava era o mesmo”. Em *A chave*, o major Caldas “cultivou as letras, desde 1821 até 1840 com um ardor verdadeiramente deplorável”, e “compunha versos com presteza, retumbantes, cheios de adjetivos, cada qual mais calvo do que ele tinha de ficar em 1861”. Em *Possível e impossível*, Teófilo, poeta por vocação, “nas horas vagas faz versos que ninguém lê”, e ganha a vida dando aulas de história e geografia em colégios particulares do Rio de Janeiro.

Enquanto não se tornam ex-poetas, os poetas dos contos de Machado recitam aos quatro ventos e publicam seus versos em jornais. Três desses poetas chegam a publicar seus poemas em livro no decorrer da ação do conto. Luís Tinoco, de *Aurora sem dia*, chega a publicar um livro de poesias; o livro não obtém nenhuma repercussão favorável e Luís Tinoco acaba ganhando a vida como agricultor e tendo reconhecido que foi um “ridículo poeta”. Em *O programa*, Romualdo chega a publicar um livro de poesias; o livro obtém “benevolência” da imprensa, mas Romualdo acaba ganhando a vida como “advogado da roça”. Elisiário, em *Um erradio*, publica um volume em Porto Alegre não por vontade própria, e sim por teima e insistência da esposa; o volume é “bem recebido”, e precisa de revisão para uma segunda edição, mas Elisiário não leva nada adiante.

Muitos dos personagens-leitores dos contos são pessoas pobres, ou pessoas que, mesmo que não pertençam à porção mais desfavorecida da sociedade, certamente não têm dinheiro para nada além do que seja essencial. A situação financeira do Tito de *O país das Quimeras* prende-lhe “a corda ao pescoço”. A Helena de *Frei Simão* ficou órfã de pai e mãe depois que pai e mãe perderam tudo e foram reduzidos “à última miséria”. A Helena de *Possível e impossível*, por sua vez, é uma órfã cujos pais “morreram pobríssimos”; o Teófilo de *Possível e impossível*, convidado para um sarau na casa de um comendador, faz a ressalva (antes de aceitar o convite) de que sua família “não pode ir por lhe faltarem os meios de ostentar o rigor que essas coisas requerem”; um tio de Teófilo, que é também um leitor no conto, “era pobre e mal concorria com o estritamente necessário para a sua subsistência”. O protagonista de *Valério* vive “pobrememente”, recebe um “mesquinho ordenado” e não tem “recurso certo para ocorrer

às necessidades da vida”. Em *Quem não quer ser lobo...*, Coelho tem “mais ambições que dinheiro”. Em *Um homem superior*, Clemente Soares não tem nem “dinheiro, nem esperanças de o ter”, e só consegue almoçar “no [café] Carceller” porque tem dois cartões de barca na algibeira e paga o almoço com os cartões. Em *To be or not to be*, André Soares encontra-se “numa situação pecuniária desagradável”, tem “um cartão de barca na algibeira” e só consegue almoçar “no Carceller” “graças ao crédito que obtivera de um amigo”.

Três padrões na relação entre os personagens dos contos de Machado e os livros se manifestam com uma frequência que merece observação. Um desses padrões corresponde à idéia de que – sempre na opinião de personagens – ler demais não é uma coisa muito boa para a saúde: em *Frei Simão*, a tia de Helena prescreve “abstenção da leitura e banhos de água de malvas” para olhos vermelhos de leitura; em *Sales*, Sales adoece depois de quatro meses a-fundado em “estatísticas, livros, cartas”, e o médico, achando que a moléstia é “filha do excesso de trabalho cerebral”, prescreve “grandes cautelas”; em *Idéias de canário*, Macedo amanhece enfermo, e o médico ordena “absoluto repouso” e prescreve não “ler nem pensar”; em *A última receita*, o médico Avelar proíbe a convalescente Paula de ler poesia porque o que resulta da poesia é “adoecerem osãos”; em *A mulher pálida*, o tio de Máximo diz que “isto de estudos não deve ir ao ponto de fazer adoecer a gente” e que “livro faz a cara amarela”; em *O alienista*, o padre Lopes diz que “isso de estudar sempre, sempre, não é bom, vira o juízo”; em *Ex cathedra*, há o temor de que Fulgêncio fique cego de tanto ler.

Outra recorrência notável são os personagens que tentam ler e não conseguem ler, ou que dão a impressão de que estão lendo mas na verdade não estão lendo: em *Felicidade pelo casamento*, Ângela tem “na mão um livro aberto” mas os olhos erram “do livro para o chão”, e o narrador abre um livro mas “não sei que ímã” o atrai “para fora”; em *Miss Dollar*, Mendonça faz todo o possível “para absorver o espírito” na leitura, mas lhe é impossível parar de pensar em Margarida; em *Dívida extinta*, Anacleto lê “duas ou três páginas”, mas só o que sai das folhas do livro é “a figura de Carlota”; em *Capítulo dos chapéus*, Mariana lê “querendo ler e não lendo nada”; em *Encher tempo*, os olhos de Pedro correm pelo papel e a mão volta regularmente a página, mas há “razões para crer que o espírito” está “distante do livro”; em *Só!*, Bonifácio tenta ler mas “o espírito” salta “fora da página”.

O terceiro padrão do modo como os leitores dos contos de Machado se relacionam com os livros diz respeito a um contraste entre o amor da vida real e aquele de que falam os livros.

*O anjo das donzelas*: “Cecília só conhecia o amor pelos livros”. *Questão de vaidade*: Sara não tem “nem o tato nem o contacto do mundo” e só conhece o amor pela leitura do romance *Paulo e Virgínia*, e sobre seu romance com Eduardo ela diz que “não é romance, é realidade”. *Confissões de uma viúva moça*: até certa altura Eugênia “não tinha visto amor senão nos livros”. *Muitos anos depois*: Flávio, dezoito anos, não conhecia “esta crise necessária da juventude chamada amor” “a não ser pelos livros” e “povoava a sua imaginação de Ofélias e Marílias”. *Linha reta e linha curva*: quando ouve de Emília que “desde que o amor entra no coração, tudo se transforma, tudo muda, a noite parece dia, a dor assemelha-se ao prazer...”, Tito diz, “Tenho lido isso nos livros”. *Fernando e Fernanda*: Fernando e Fernanda só liam os “textos sagrados” e isso contribuía “para que a idéia do amor dos sexos nunca se lhes apresentasse no espírito de um modo claro e positivo”. *Onda*: Aurora diz, “Ora, da leitura adquiri idéias talvez um pouco absurdas, mas enfim adquiri, e fora das quais não compreendo o amor”. *Dívida extinta*: “[Carlota] Tinha lido romances; gostava dos amores que saem do vulgar”. *A mulher de preto*: “em relação ao amor e à mulher”, Estêvão adquiriu alguns sentimentos da natureza, “mas em parte adquiriu-os ele nos livros”. *Antes que cases* (mais uma vez a natureza e os livros): lemos sobre Alfredo Tavares que “a viveza da imaginação e a leitura de certos livros lhe desenvolveram o germe que a natureza lhe pusera no coração”, e que ele “povoara o seu espírito de Julietas e Virgínias”. Todos esses contos do *amor de que falam os livros* são contos de antes de 1880, são todos contos publicados no *Jornal das Famílias*.

De todas as centenas de leituras dos personagens de todos os contos de Machado de Assis, apenas duas são leituras de um conto, e as duas são menções a contos fantásticos: “um conto fantástico de Hoffmann”, em *O capitão Mendonça*, e “um conto fantástico, à maneira de Edgar Poe”, em *O anel de Polícrates*.

Depois do *Saint-Clair das Ilhas*, os romances mais lidos pelos personagens dos contos são *Dom Quixote* (que aparece como leitura de quatro personagens em quatro contos) e *Paulo e Virgínia* (lido por quatro personagens em três contos).

Em 18 contos de Machado de Assis aparecem títulos de romances lidos por personagens – romances reais, que os leitores reais do conto poderiam ter lido ou vir a ler – e em 12 (66%) desses contos temos personagens-*leitoras* no enredo.

Os romances que os personagens lêem, aqui, sempre parecem querer dizer algo a respeito do que acontece no conto. Isso ocorre com as leituras do *Saint-Clair*, do *Dom Quixote*, da *Moreninha*, do *Fausto*. Em *Ponto de vista*, publicado em 1873, a única leitura do conto é *Ruth*, romance de 1853 da inglesa Elizabeth Gaskell. A Ruth do romance é uma costureira órfã. Depois de ser seduzida, engravidada e cruelmente abandonada por um jovem aristocrata, ela vive desgraçada perante a sociedade na condição de mãe solteira de um filho ilegítimo. Raquel, que menciona *Ruth* em *Ponto de vista*, é, como Ruth, um alvo fácil para sedutores de espírito curto. Raquel escreve a Luísa dizendo de si mesma que é “uma moça solteira, cheia de caraminholas, sonhos, ambições e poesia”, e que Luísa, de outro lado, “vê a coisa por outro prisma” e é “já uma dona de casa, esposa tranqüila e feliz, mãe de família dentro de pouco tempo”. Raquel escreve sobre Alberto: “é bonito e elegante, mas tem ar pretensioso e parece-me um espírito curto. Você sabe como eu sou exigente nesses assuntos. Se eu não achar marido como imagino, fico solteira toda a minha vida.” Luísa, compreendendo que Raquel será facilmente seduzida por Alberto, adverte: “Está-me parecendo mais poeta do que era, mais romanesca, mais cheia de caraminholas. [...] Raquel, não confunda o romance com a vida, ou viverá desgraçada...”.

*Paulo e Virgínia*, ao lado de *Fanny*, é o primeiro romance citado numa narrativa literária de Machado de Assis: isso ocorre no conto *O anjo das donzelas*, publicado em setembro e outubro de 1864 no *Jornal das Famílias*. A menção seguinte a um título de romance na obra de Machado é também uma menção a *Paulo e Virgínia*, no conto *Questão de vaidade*, publicado no *Jornal das Famílias* entre dezembro de 1864 e março de 1865.

Lançado em 1858, *Fanny: estudo*, de Ernest Feydeau, moveu tanto estardalhaço em Paris que chegou a vender mais que *Madame Bovary* – poucos meses depois de *Madame Bovary* ter rendido a Flaubert, amigo de Feydeau, um processo por ultraje à moral e à religião. *Fanny* oferecia uma inversão em matéria de romance de adultério: quem sofre é o amante, que sente inúmeros ciúmes do marido de Fanny.

Na primeira coleção de contos publicada por Machado, *Contos fluminenses*, de 1870, que é a única coletânea de Machado em que todos os contos têm personagens-leitores, um único romance lido por personagem é identificado por título: *Fanny*, em *O segredo de Augusta*. Augusta recebe *Fanny* em casa, por encomenda, e só o que o conto informa sobre o livro é seu título e seu autor. O marido de Augusta, Vasconcelos, é francamente adúltero: ele e dois

amigos “libertinos” formam “a trindade do prazer e da dissipação”. Augusta diz a ele: “conheço de nome as rivais que sucessivamente o senhor me deu”. E ela só não trai Vasconcelos, segundo a narrativa do conto, porque não é “feita para as paixões, a não ser as paixões ridículas que a vaidade impõe”.

Em *O anjo das donzelas*, lido por uma adolescente que tem medo do amor e que permanecerá solteira por toda a vida, *Fanny* (a única leitura identificada do conto, junto com *Paulo e Virgínia*) é um exemplo de romance “corruptor”. Em *O caminho de Damasco*, Jorge lê “um romance de Feydeau” (a única leitura explicitada do conto), e lemos que Jorge é um jovem “adiantado na carreira da libertinagem” e “calejado no vício”. Lemos que Jorge tem um “respeitável nome entre os mais tresloucados da terra fluminense” e que ele está muito longe, separado por um “profundo abismo”, de ser “uma freira”. Jorge circula por um “mundo de amores comprados” e, “picado de ciúme”, deseja “uma senhora casada”, sua prima, com a “intolerância das paixões criminosas”.

*Paulo e Virgínia*, lançado por Bernardin de Saint-Pierre em 1788 na França, best-seller na Europa por meio século, intensifica até as últimas conseqüências o valor das palavras *pureza* e *virgindade*. Paulo e Virgínia são criados pelas mães solteiras numa bucólica ilha de posseção francesa, e os dois se amam puramente, e Virgínia é enviada à França para estudar. Na França, Virgínia prefere ser deserdada a ter de casar por obrigação, e então ela volta à ilha, mas um furacão desmancha o navio nos recifes da ilha, e Virgínia, aos olhos de Paulo, que tenta nadar até ela, recusa a ajuda de um marinheiro nu e não só não se despe como prefere se afogar a se despir, e morre. O velho que narra a história diz a Paulo que, se Virgínia pudesse se comunicar com Paulo de onde está, entre os anjos, diria: “Eu sou pura e inalterável como uma partícula de luz”.

No conto *Questão de vaidade*, Eduardo descobre que Sara “estivera lendo a obra-prima de Saint-Pierre” e conclui por isso que ela é “uma pura” e que o coração dela é “completamente virgem” porque é “um coração que ainda podia ler *Paulo e Virgínia*” (a única leitura identificada da história). Sara, “um anjo foragido da habitação divina”, e possuidora, segundo o conto, de uma “beleza virginal e angélica” que inspira “idéias puramente do céu”, julga-se “uma Virgínia” e pensa “ter encontrado o seu Paulo”, e morre virgem aos dezessete anos. Em *O anjo das donzelas*, *Paulo e Virgínia*, por oposição a *Fanny*, é um exemplo de romance “edificante” nas leituras de Cecília (que será virgem por toda a vida). Em *O anjo Rafa-*



*el*, o médico Antero nunca tinha lido “o celeste romance” *Paulo e Virgínia*, porque “o seu ideal e a sua educação o afastavam daquela literatura”. Quando Antero lê o celeste romance, lê de uma só vez “metade da obra”, porque tem “o espírito preparado para apreciar páginas tais”: está apaixonado por uma moça de dezessete anos que se chama Celestina, filha de um velho delirante que pensa que é “o anjo Rafael”, moça “inocente” em cujo “rosto angélico” transluz “a virgindade do coração” e de cujas feições “Rafael podia copiar [...] uma das suas virgens”.

A leitura de livros por personagens é uma constante nos contos de Machado de Assis. A frequência da presença do livro na vida dos personagens dos primeiros contos de Machado não se altera nos contos de sua chamada fase madura, ao contrário do que acontece, por exemplo, com o casamento, que se torna algo bem menos presente na vida dos personagens durante a fase madura. Nos 94 contos que Machado publicou antes de 1880 (o período da *primeira fase*), a palavra casamento(s) aparece 532 vezes, na média quase seis vezes a cada conto, e a palavra livro(s) aparece 197 vezes, na média pouco mais de duas vezes por conto. Nos 113 contos seguintes (na *segunda fase*, a fase da obra madura), a palavra casamento(s) aparece apenas 186 vezes, na média bem menos de duas vezes a cada conto, e a palavra livro(s) aparece 212 vezes, na média um pouco menos de duas vezes por conto.

Dos 94 contos publicados por Machado antes de 1880, 66 (70%) têm personagens-leitores. Dos 113 contos publicados por Machado a partir de 1880, 65 (58%) têm personagens-leitores.

Chama a atenção, ainda, o fato de que os homens dos contos lêem proporcionalmente muito mais livros de teor científico nos contos da fase madura de Machado: nos contos da primeira fase, menos de um décimo (7%) do que eles lêem são livros científicos; nos contos da segunda fase, quase um quarto (23%) do que eles lêem são livros científicos.

Por fim, como último exemplo do quanto é digna de observação a recorrência da figura do personagem-leitor nos contos de Machado de Assis, fica aqui a anotação de que em 25 contos de Machado a leitura de livros por parte de personagens é um elemento essencial do conto, de que sem esse elemento fundamental esses 25 contos perderiam centro narrativo e razão de ser. Em *O país das Quimeras*, a excursão milagrosa de Tito é uma viagem ao *Hissope* de Antônio Dinis da Cruz e Silva. Em *O anjo das donzelas*, as dezenas de romances que

Cecília lê na adolescência determinam toda a sua vida. Em *Felicidade pelo casamento*, o protagonista do conto alcança sua libertação espiritual, a felicidade pelo casamento, depois de uma vida inteira de solidão, e toda essa solidão só foi suportada porque os livros eram o consolo escrito do que ele tinha “a falar no interior”. O desfecho amoroso central de *Possível e impossível*, a união de Helena e Teófilo, é originado e alimentado pela leitura dos versos dele por ela. O poeta de *Aurora sem dia* só deixará de fracassar na vida quando renunciar por completo a todo o seu passado de poeta. A idéia excêntrica que está na origem da interpretação incorreta sobre quem foi Pedro Antão, em *Os óculos de Pedro Antão*, é uma idéia extraída da leitura de “algumas obras de filosofia da história”. *A chinela turca* é um conto que decorre todo de um sonho ocorrido durante “a leitura de um mau livro”. *Uma visita de Alcibíades* decorre todo de uma leitura de “um tomo de Plutarco” em que “a página aberta acertou de ser a vida de Alcibíades”. Em *Silvestre*, tudo que o garoto Silvestre que ser tem a ver com o que ele lê, um “livro misterioso”, “uma história da pintura”. *Um cão de lata ao rabo* é escrito por autores-personagens e um deles não pára de citar autores. Em *Singular ocorrência*, Marocas aprende a ler, ensinada pelo amante, Andrade, em parte pelo “desejo de conhecer os romances” que Andrade lê, e Marocas e Andrade jamais teriam se relacionado se, no início da história, ela soubesse ler, porque é por não saber ler que ela pede informações a ele na rua, no início da história. Uma das frases mais importantes de *Capítulo dos chapéus* informa que “Mariana dispunha de mui poucas noções, e nunca lera senão os mesmos livros”. Em *O programa*, o programa de Romualdo consiste na ambição de ser ministro e poeta, e ele consegue ser ao menos “autor impresso”, mas ao fim não é nem poeta nem autor de nada, percebendo que pretendeu demais. O ponto de convergência do enredo de *O dicionário* é a criação de uma nova língua, propositalmente confusa, registrada em “um livro a que chamaram Dicionário de Babel”. Os conflitos de *Casa Velha* arrancam o narrador de sua idéia inicial, que é mergulhar em paz nos livros de uma biblioteca, e ele padece “as conseqüências de os haver deixado, para entrar no conflito das coisas”. *O cônego ou metafísica do estilo* é o “idílio psíquico” de um cérebro leitor. Tudo em *Curta história* e *A cena do cemitério*, como vimos antes, diz respeito a leituras de Shakespeare. Em *Antes a rocha Tarpéia*, o narrador lê para não dormir e não correr o risco de dar continuidade a um sonho em que um deputado, “autor de má nota”, lhe leu três capítulos de um livro. *Como se inventaram os almanaques* é uma fábula que conta que, por incrível que pareça, houve um tempo em que se vivia sem almanaques. A Genoveva de *Um sonho e outro sonho*, uma viúva que não quer voltar a casar, leu mais de vinte vezes um romance escrito pelo marido falecido, o livro “A bela do sepulcro”, “cuja heroína era uma moça que, havendo perdido o esposo, ia passar os dias no cemitério, ao pé da sepultura dele”.

*Vênus! Divina Vênus!* é o percurso de vida de um poeta até o momento em que, casado, “deixou de poetar, com grande mágoa dos seus admiradores” – alegando, enquanto acaricia “seus cinco filhos”, que “não se pode fazer tudo”. Em *Uns braços* e *Missa do galo*, os momentos *decisivos* dos dois contos são um encontro de sedução ambígua entre um adolescente e uma mulher duas vezes mais velha, e nos dois contos esse momento é marcado pelo fato de que a mulher mais velha surge para o encontro, com algum ar de heroína de folhetim, enquanto o adolescente lê um livro de aventuras. E o conto *Ex cathedra*, para encerrar, é o conto de Fulgêncio, que lê de manhã, de tarde, de noite, ao almoço, ao jantar, antes de dormir, depois do banho, lê andando, lê parado, lê em casa e na chácara, e lê antes de ler e depois de ler.

## REFERÊNCIAS

### Machado

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Casa Velha*. Introdução de John Gledson e prefácio de Lúcia Miguel-Pereira. Edição e notas de Adriano da Gama Kury. Rio de Janeiro: Garnier, 1999.

\_\_\_\_\_. *Contos avulsos*. Organização, prefácio e notas de Raymundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

\_\_\_\_\_. *Contos completos de Machado de Assis*. Organização e notas de Djalma Cavalcante. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003, v. 1, 2 t.

\_\_\_\_\_. *Contos e crônicas*. Organização, prefácio e notas de Raymundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

\_\_\_\_\_. *Contos esparsos*. Organização, prefácio e notas de Raymundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

\_\_\_\_\_. *Contos esquecidos*. Organização, prefácio e notas de Raymundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

\_\_\_\_\_. *Contos fluminenses*. Edições críticas da Comissão Machado de Assis. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

\_\_\_\_\_. *Contos recolhidos*. Organização, prefácio e notas de Raymundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

\_\_\_\_\_. *Contos sem data*. Organização, prefácio e notas de Raymundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Edições de ouro, 1966.

\_\_\_\_\_. *Contos: uma antologia*. Seleção, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, 2 v.

\_\_\_\_\_. *Histórias sem data*. Edição preparada por Marta de Senna. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Histórias da meia-noite*. Edição e notas de Adriano da Gama Kury. Rio de Janeiro: Garnier, 2003.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis: todos os contos*. Site organizado por Cláudio Weber Abramo. São Paulo, 1998-2002. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/machadodeassis>>. Acesso em: 10 mar. 2005.

\_\_\_\_\_. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, 3 v.

\_\_\_\_\_. *Páginas recolhidas*. Edição e notas de Adriano da Gama Kury. Rio de Janeiro: Garnier, 1990.

\_\_\_\_\_. *Papéis avulsos*. Edição preparada por Ivan Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Relíquias de casa velha*. Edições críticas da Comissão Machado de Assis. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

\_\_\_\_\_. *Várias histórias*. Edição preparada por Hélio de Seixas Guimarães. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

## Outros

ABRAMO, Cláudio Weber. Distorções perpétuas. *Folha de S. Paulo*, Mais!, São Paulo, 01 out. 2000. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0110200006.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2005.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 40. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil: 1900*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p. 15-32.

EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

\_\_\_\_\_. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FISCHER, Luís Augusto. Contos de Machado: da ética à estética. In: SECCHIN, A. C.; ALMEIDA, J. M. G. de; SOUZA, R. de M. e (Org.). *Machado de Assis: uma revisão*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998, p. 147-166.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Site da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.bn.br>>. Acesso em: 13 abr. 2006.

GASKELL, Elizabeth. *Ruth*. Arquivo eletrônico. Nagoya, 1996. Disponível em: <<http://www.lang.nagoya-u.ac.jp/~matsuoka/gaskell/e-texts.html>>. Acesso em: 09 ago. 2005.

GLEDSON, John. A história do Brasil em *Papéis avulsos* de Machado de Assis. In: CHALHOUB, S.; PEREIRA, L. A. de M. (Org). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 15-33.

\_\_\_\_\_. Entrevista a Adriano Schwartz. *Folha de S. Paulo*, Mais!, São Paulo, 22 nov. 1998. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs22119806.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2005.

\_\_\_\_\_. “O Mot de l’énigme, de Madame Craven, onze vezes”: leituras femininas (e não-leituras masculinas) em “Capítulo dos chapéus” de Machado de Assis. Conferência proferida no Instituto de Letras da UFRGS. 08 nov. 2005, Porto Alegre. 17 p.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Edusp, 2004.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2005.

JOBIM, José Luís (Org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

LAJOLO, M.; ZILBERMANN, R. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

MACHADO DE ASSIS. Site da Academia Brasileira de Letras sobre o autor. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.machadodeassis.org.br>>. Acesso em: 20 abr. 2006.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raymundo. *Ao redor de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis desconhecido*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PARDO BAZÁN, Emilia. El naturalismo psicológico: “Fanny”, de Feydeau. In: \_\_\_\_\_. *La literatura francesa moderna: el naturalismo*. Arquivo eletrônico. Alicante, 2001. Disponível em:  
<<http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01367396543436162965679/p0000001.htm>>. Acesso em: 05 out. 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel-. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

SAINT-PIERRE, Bernardin de. *Paul et Virginie*. Arquivo eletrônico. Brasília, 2004. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ga000027.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2005.

SCHWARZ, Roberto. A pulga no cachorro. *Folha de S. Paulo, Mais!*, São Paulo, 28 mar. 1999. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs28039915.htm>>. Acesso em: 16 mar. 2005.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Contos de Machado de Assis: leituras e leitores do Jornal das Famílias*. 211 f. Dissertação de mestrado em História Social. Arquivo eletrônico. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2005. Disponível em:  
<<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000343999>>. Acesso em: 15 dez. 2005.

SOUSA, José Galante de. *Fontes para o estudo de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.



## ANEXO

### Cento e noventa e oito personagens que lêem livros

**Alberta**, moça freqüentadora de lojas que diz que lê tudo, em *Pobre Finoca!*.

**Alberto**, contador de histórias, leitor do *Fausto* em *Um esqueleto*.

**Alfredo Tavares**, rapaz cujo espírito a leitura de certos livros povoou de Julietas e Virgínias, em *Antes que cases....*

**Amaral**, entusiasta do violoncelo e estudante de direito que é todo arte e literatura e tem a alma cheia de música alemã e poesia romântica, em *O machete*.

**Amaral**, freqüentador de teatro a quem ocorre, em sonho, um conto fantástico de Hoffmann, em *O capitão Mendonça*.

**Anacleto Monteiro**, funcionário público que lê duas ou três páginas do *Carlos Magno* em *Dívida extinta*.

**Anastácio**, velho aposentado que liga à idéia de poeta a idéia de mendicância, em *Aurora sem dia*.

**Andrade**, falso ambicioso que, antes de casar, parecia destinado a mudar a face do globo, e agora só lê uns romances e uns versos e nada mais, em *Uma águia sem asas*.

**Andrade**, meio advogado, meio político, ensina a amante a ler e conversa com ela sobre romances, em *Singular ocorrência*.

**André Soares**, pinga que acha que um pinga só é poético nos livros, em *To be or not to be*.

**Ângela**, moça um tanto gárrula, tem um livro aberto na mão, mas vê-se bem que não lê, em *Felicidade pelo casamento*.

**Antero da Silva**, médico, lê a Bíblia, Walter Scott e *Paulo e Virgínia* em *O anjo Rafael*.

**Arsênio Caldas**, guarda-livros leitor de Bocage em *A inglesa Barcelos*.

**Augusta**, vaidosa profunda, leitora de *Fanny* em *O segredo de Augusta*.

**Aurora**, donzela que adquiriu da leitura idéias talvez absurdas, fora das quais não compreende o amor, em *Onda*.

**Autor de texto de estilo ab ovo**, aluno que cita diversos autores em seu texto escolar sobre o costume de atar uma lata no rabo de um cachorro, em *Um cão de lata ao rabo*.

**Azevedo**, marido inteiramente feliz que lê *Marília de Dirceu* em *Linha reta e linha curva*.

**B...**, oficial da marinha inglesa, ganha emprestados no hospital inglês do Rio de Janeiro o *Times* e livros de história e de religião, em *Um incêndio*.

**Baronesa**, leitora do *Saint-Clair das Ilhas* em *Casa Velha*.

**Barreto**, amanuense leitor de Gonçalves Dias em *O caso Barreto*.

**Batista**, dono de um armarinho, leu uns livros de ciência, em *Um dia de entrudo*.

**Benedito**, leitor do *Almanak Laemmert* em *Evolução*.

**Benjamim**, advogado que considera o diário póstumo de seu tio um livro digno do prelo, em *Galeria póstuma*.

**Bernardão**, rei que decreta a adoção de um novo vocabulário em *O dicionário*.

**Bonifácio**, sujeito que se isola numa chácara em busca de sossego e não consegue sossego interior nem para iniciar uma leitura, em *Só!*.

**Brotero**, deputado que relê cartas velhas como quem relê livros antigos, em *Papéis velhos*.

**C.**, cicerone inteligente, leitor de La Rochefoucauld em *Tempo de crise*.

**Camilo**, homem apaixonado por Rita, lê os mesmos livros que Rita lê, em *A cartomante*.

**Camilo Seabra**, médico que nunca viu, nem no martirologio cristão, nem nos trágicos gregos, nem no Livro de Jó, alguém que sofra como ele, em *A parasita azul*.

**Caminhante**, caminhante assaltado pela lembrança de dois versos célebres em *Um dístico*.

**Candidato a deputado**, sujeito maçante que lê três capítulos de um livro no sonho do narrador de *Antes a rocha Tarpéia*.

**Capitão Mendonça**, químico que descobre num livro árabe o meio de criar gênios, em *O capitão Mendonça*.

**Carlota**, leitora do *Saint-Clair das Ilhas* em *Ayres e Vergueiro*.

**Carlota**, volúvel criatura que tinha lido romances e gostava dos amores que saem do vulgar, em *Dívida extinta*.

**Castrioto**, romancista que faz leitura pública de seu romance *Os primeiros amores de um rapaz* ou *Os destinos escritos*, em *Nem uma nem outra*.

**Cecília**, adolescente que leu cem romances em questão de meses, em *O anjo das donzelas*.

**Cecília**, leitora e espectadora de *Romeu e Julieta* em *Curta história*.

**César**, leitor que distingue transformações morais na escrita de um ex-poeta, em *Francisca*.

**Clara**, moça que lê uma carta às escondidas, dentro de um livro, em *Nem uma nem outra*.

**Clarinha**, esposa bonita, tem os olhos num romance, apenas os olhos, porque o pensamento não se sabe, em *O relógio de ouro*.

**Clemente Soares**, desempregado que lê um volume encadernado em Paris, em *Um homem superior*.

**Coelho**, sujeito que lê o título de um capítulo de folhetim enquanto come, em *Quem não quer ser lobo....*

**Comendador finado**, comendador que, depois de ler um romance de Dumas, passado na corte de França, começou a beijar a mão à mulher quando entrava ou saía de casa, em *Orai por ele!*.

**Comendador Nunes**, oficial da Ordem do Rosa que, para não ter a digestão perturbada, nunca lê depois do jantar, em *Uma loureira*.

**Conceição**, senhora que gosta muito de romances, mas lê pouco, por falta de tempo, em *Missa do galo*.

**Cônego Matias**, cônego que vive entre livros e livros em *O cônego ou metafísica do estilo*.

**Cônego Vargas**, conferencista que muito leu Darwin, Ludwig Büchner e Plínio, o Velho, em *A Sereníssima República*.

**Conrado**, marido que leu Laplace e Darwin, em *Capítulo dos chapéus*.

**Coronel Borges**, ex-quase-ministro que revela não entender de estilos de escrita em *Valério*.

**Correia**, combatente que em combate acha-se um tanto como o herói de Stendhal na batalha de Waterloo, em *Maria Cora*.

**Cruz**, desembargador que cita Pascal e Shakespeare em *Sem olhos*.

**Damasceno**, velho médico que lê de pé em *Sem olhos*.

**Daniel**, velho de trinta anos que lia algumas vezes e meditava quase sempre, em *História de uma lágrima*.

**Daniel**, homem formado em direito, lê à noite para chamar o sono, mas jamais conclui a leitura de um livro e nem sabe os títulos dos livros que lê, em *Qual dos dois?*.

**Davi**, poeta velho que só tem dois livros, a Bíblia e Tasso, em *O pai*.

**D. Beatriz**, dama que conversa sobre um livro de missa muito lindo em *Antes da missa*.

**D. Benedita**, senhora que lê três romances ao mesmo tempo, em *D. Benedita*.

**Diabo**, proponente da fundação de uma igreja, recorre a razões de ordem literária em *A igreja do Diabo*.

**D. Laura**, dama que conversa sobre um livro de missa muito lindo em *Antes da missa*.

**D. Paula**, esposa que quer abandonar o marido e tem lido um romance francês, em *Uma partida*.

**Doutor formado em matemáticas**, rapaz que tenta fazer a corte a Cecília, fracassa na tentativa e então volta aos cálculos e aos livros, em *O anjo das donzelas*.

**Dr. Belém**, homem extremamente singular que manifesta a singular pretensão de se parecer com Mefistófeles e lê o *Fausto*, em *Um esqueleto*.

**Dr. Lemos**, doutor que lê a produção literária de Luís Tinoco por insistência pertinaz de Luís Tinoco, em *Aurora sem dia*.

**Dr. \*\*\***, advogado a quem os autos não tiraram o gosto pelas novelas, em *Virginius*.

**Eduardo**, alma egoísta que lê *Paulo e Virgínia* em *Questão de vaidade*.

**Elisa**, coração angélico que derrama uma lágrima em cima de uns versos, em *História de uma lágrima*.

**Elisiário**, poeta que cita Virgílio e Camões para grande espanto dos criados de um botequim, em *Um erradio*.

**Emílio**, médico frívolo que lê romances franceses na cama, antes de dormir, em *A herança*.

**Ernesto**, rapaz que lê poesia para fins de incubação intelectual em *Onda*.

**Esperança**, uma das primeiras leitoras de almanaques, em *Como se inventaram os almanaques*.

**Estela**, moça apreciadora de versos em *Uma por outra*.

**Estêvão Soares**, médico cuja cabeça pende um pouco para frente pelo longo hábito da leitura, em *A mulher de preto*.

**Eugênia**, viúva moça que nunca tinha visto o amor senão nos livros, em *Confissões de uma viúva moça*.

**Eulália Seixas**, viúva moça elegante em sua religiosidade, lê um livro de orações em *O saine-te*.

**Eusébio**, militar, leitor do romance *Eurico, o presbítero*, em *Troca de datas*.

**F.**, leitor profundo e movido por instintos de isolamento em *Felicidade pelo casamento*.

**Falcão**, leitor do *Saint-Clair das Ilhas* em *Anedota pecuniária*.

**Felícia**, menina que não quer perder seu livro de escola, com os pontos de costura que está aprendendo, em *Umas férias*.

**Félix**, rapaz que gosta de caçar e de ler, em *Casa Velha*.

**Fernanda**, coração de quinze anos que lê uma Bíblia censurada, em *Fernando e Fernanda*.

**Fernando**, coração de quinze anos que lê uma Bíblia censurada, em *Fernando e Fernanda*.

**Francisca**, leitora que distingue transformações morais na escrita de um ex-poeta, em *Francisca*.

**Fulgêncio**, leitor de toda a casta de livros em *Ex cathedra*.

**Genoveva**, viúva que leu mais de vinte vezes o romance escrito pelo falecido marido, em *Um sonho e outro sonho*.

**Gonçalves**, estudante inconseqüente que conversa com seus colegas sobre Darwin, sobre Spencer, sobre Büchner e sobre Moleschott, em *Vinte anos! Vinte anos!*.

**Gonçalves**, amigo que ganha livros do abastado Quintanilha, em *Pílades e Orestes*.

**Gustavo**, namorado aflito que não pode ler nem fazer nada porque perdeu uma fita azul que ganhou da namorada, em *História de uma fita azul*.

**Helena**, órfã pobre, adolescente que chora uma noite inteira e, para dissimular, diz que seus olhos estão vermelhos porque leu uma noite inteira, em *Frei Simão*.

**Helena**, órfã pobre, agregada de Teófilo e única leitora dos versos de Teófilo, em *Possível e impossível*.

**Inácio**, engenheiro leitor de Platão em *Evolução*.

**Inácio**, adolescente sonhador que lê a *Princesa Magalona* em *Uns braços*.

**Inácio Ramos**, músico que leu a história da música e dos grandes mestres, em *O machete*.

**Isidoro**, autor de versos que lia os de outros para compor os seus, em *Uma noite*.

**Jacinta**, leitora do *Saint-Clair das Ilhas* em *Anedota pecuniária*.

**Jacinta**, leitora do *Novo Método de Gramática Latina* do padre Pereira em *Um erradio*.

**Jacobina**, capitalista astuto e cáustico, leitor de Gonzaga, Camões, Longfellow e Shakespeare, em *O espelho*.

**Jaime**, velho doido que exalta as páginas de Plutarco e dorme com Virgílio, em *Decadência de dois grandes homens*.

**Joaninha**, solteirona que extrai idéias extraordinárias dos romances que lê, em *A inglesinha Barcelos*.

**João da Cruz**, mentiroso que diz que ganhou do cardeal Dom Lourenço Caleppi um exemplar de um poema em italiano, em *Pobre cardeal!*.

**João Nóbrega**, sonhador que vivia lendo e construindo aparelhos sociais e políticos, em *A desejada das gentes*.

**Joaquim Fidélis**, ex-deputado que não fazia nada e lia muito, em *Galeria póstuma*.

**Jorge**, libertino que lê um romance de Feydeau em *O caminho de Damasco*.

**Jorge**, jovem advogado, dá largas a um entusiasmo poético mais ou menos real, mas pode-se dizer que ele não é grande conhecedor em matéria literária, em *Uma águia sem asas*.

**José de Meneses**, marido infiel que metaforiza uma intenção de infidelidade inventando o enredo de uma novela interessantíssima, em *Casada e viúva*.

**José Maria**, velho lunático, leitor dos poemas do padre Souza Caldas, em *A segunda vida*.

**José Martins**, menino que quer botar fogo em seu livro de escola, em *Umas férias*.

**Josino**, poeta que recém leu um dos romances aristocráticos de Feuillet, em *Uma por outra*.

**Julieta**, moça que enfeita cartas apaixonadas com frases lidas em romances, em *Médico é remédio*.

**Leonardo**, desafortunado que funda uma gazeta literária sem ter gosto por leitura, em *O oráculo*.

**Lopo Alves**, major que lê seu mau livro ao bacharel Duarte em *A chinela turca*.

**Luís Bastinhos**, rapaz que folheia ao mesmo tempo um livro e as mãos de Marcelina, em *A chave*.

**Luísa**, amiga a quem Raquel envia romances por portador, em *Ponto de vista*.

**Luís Soares**, homem inútil que acha que jornais e poesias são coisas inúteis e que lê no máximo, antes de dormir, uma página de algum romance, em *Luís Soares*.

**Luís Tinoco**, poeta que não lê poetas em *Aurora sem dia*.

**Lulu**, moça convalescente para quem são lidos alguns livros morais em *Encher tempo*.

**Macedo**, autor do comentário de que poucos lêem, mas todos se vestem, em *Mariana*.

**Macedo**, homem dado a estudos de ornitologia que adocece por demasia de leitura e pensamento, em *Idéias de canário*.

**Madalena**, mãe que, com o livro sobre os joelhos, ensina a lição ao filho em *O passado, passado*.

**Magalhães**, dono de uma biblioteca das mais escolhidas em *Felicidade pelo casamento*.

**Magalhães**, funcionário público que lê um romance tranqüilamente depois de ter sido demitido de seu cargo no Arsenal de Guerra, em *Almas agradecidas*.

**Major Caldas**, poeta calvo que tem como cabeleira do espírito a certeza de que nunca houve poesia que pudesse competir com as dos árcades portugueses Dinis e Pimentel Maldonado, em *A chave*.

**Marcelina**, moça normalmente ágil e volúvel, lê as páginas de um romance quieta e sombria, em *A chave*.

**Margarida**, viúva moça que gostava da boa música e lia romances, em *Miss Dollar*.

**Maria Cora**, senhora que esconde uma carta dentro de um livro em *Maria Cora*.

**Mariana**, esposa que não lê senão os mesmos livros, em *Capítulo dos chapéus*.

**Marocas**, ex-prostituta que aprende a ler para ler os romances de que o amante lhe fala, em *Singular ocorrência*.

**Matias**, caipora que determina em seu testamento que a venda de seus poucos bens e poucos livros seja empregada em sapatos e botas novas, em *Último capítulo*.

**Máximo**, estudante que ouve que livro faz a cara amarela, em *A mulher pálida*.

**Mendonça**, médico que sabe de cor uns versos célebres de Gonçalves Dias, em *Miss Dollar*.

**Meneses**, jovem advogado que lê até alta noite para formar-se completamente na difícil ciência que abraçou, em *Não é mel para a boca do asno*.

**Meneses**, deputado que tem por família seus livros de história, filosofia, poesia e política, em *A mulher de preto*.

**Mestre-escola residente em Chapéu d’Uvas**, mestre-escola que estimula opulências de linguagem e atrevimentos de idéia entre seus alunos, em *Um cão de lata ao rabo*.

**Narrador que sonha**, narrador que lê para não voltar a um sonho maçante, em *Antes a rocha Tarpéia*.

**Narrador que tem pesadelo**, narrador que sonha com a cena do cemitério de *Hamlet*, em *A cena do cemitério*.

**Neves**, sujeito que gosta de ler romances e de ir ao teatro, em *A idéia do Ezequiel Maia*.

**Nicolau B. de C.**, sujeito que despreza os aplausos às ocupações literárias e ao Gonçalves Dias, em *Verba testamentária*.

**Nogueira**, rapaz que lê *Os três mosqueteiros* em *Missa do galo*.

**Oliveira**, janota que escreve uma comédia e lê a comédia a todos que encontra, em *A mulher de preto*.

**Oliveira**, advogado que foi uma criança rechonchuda e vermelha e hoje admite que está quase tão magro como Dom Quixote, em *Almas agradecidas*.

**Oliveira**, bacharel que dá de presente um romance francês que lhe disseram que era bonito, em *Um sonho e outro sonho*.

**Padre Barroso**, bom velho que lê um volume in-fólio com atenção e recolhimento, em *O caminho de Damasco*.

**Padre Flávio**, padre ao mesmo tempo cristão e pagão, dono de uma biblioteca cristã e pagã, em *Muitos anos depois*.

**Padre Lopes**, vigário que cultivava o Dante, em *O alienista*.

**Padre Luís**, rapaz de trinta anos, da escola de Fénelon, em *A mulher de preto*.

**Padre Sá**, dono de vários livros de boa doutrina e muita piedade em *Encher tempo*.

**Padre Teófilo**, padre que quando seminarista sabia muito de teologia, filosofia, latim e história sagrada, mas a retórica lhe não entrava no cérebro, em *Manuscrito de um sacristão*.

**Padre Vilela**, padre cujos maiores bens são seus hábitos intelectuais e seu discípulo e, em *Muitos anos depois*.

**Pai**, pai cujos conselhos valem, segundo ele diz, guardadas as proporções, o *Príncipe* de Maquiavel, em *Teoria do medalhão*.

**Paula**, viúva moça que lê um livro de poeta, ou livro para namorados, em *A última receita*.

**Pedro**, médico, detetive amador, leitor de La Rochefoucauld, Montesquieu, Victor Hugo, Shakespeare, Rodrigues Lobo, Garrett e Hoffmann, em *Os óculos de Pedro Antão*.

**Pedro**, adolescente que lê *Gil Blas de Santillana* e outros livros pouco piedosos, em *Encher tempo*.

**Pedro Antão**, homem singular que viveu recluso a vida inteira e teve uma idéia excêntrica lendo algumas obras de filosofia da história, em *Os óculos de Pedro Antão*.

**Pedro Ayres**, leitor do *Saint-Clair das Ilhas* em *Ayres e Vergueiro*.

**Pilar**, aluno que retém tudo de seu livro escolar em *Conto de escola*.

**Pítias**, sábio que furta livros da Biblioteca de Alexandria em *Conto alexandrino*.

**Plácido**, advogado que absorve de uma leitura de *Os três mosqueteiros* a lição de que as mulheres pertencem ao mais atrevido, em *Viagem à roda de mim mesmo*.

**Poeta que se gaba de possuir muitos manuscritos de homens célebres**, jovem que empenha um manuscrito de Voltaire numa aposta, em *Onda*.

**Poeta sem nome**, jovem que deseja perder a vida e lê os Salmos de Davi para se preparar para a eternidade, em *O último dia de um poeta*.

**Policarpo**, professor dominado por paixões políticas que lê jornais enquanto seus alunos lêem o livro escolar, em *Conto de escola*.

**Procópio**, enfermeiro que lê um velho romance de d'Arincourt em *O enfermeiro*.

**Provinciano que não conhece bem a capital**, leitor de Virgílio em *Tempo de crise*.

**Quintanilha**, abastado que compra livros ao amigo Gonçalves, em *Pílades e Orestes*.

**Quintília**, moça de trinta anos que acha incompreensíveis os livros puramente amorosos, em *A desejada das gentes*.

**Raimundo**, aluno que não consegue reter nada de seu livro escolar em *Conto de escola*.

**Raquel**, moça solteira cheia de caraminholas, leitora de *Ruth* em *Ponto de vista*.

**Raquel**, esposa que lê com o marido no terraço em *Um quarto de século*.

**Ricardo**, poeta que tem um volume de Casimiro de Abreu, um de Soares de Passos e um de Lamartine, não contando os seus próprios manuscritos, em *Vênus! Divina Vênus!*.



**Rita**, mulher apaixonada por Camilo, lê os mesmos livros que Camilo lê, em *A cartomante*.

**Romualdo**, poeta para quem o texto impresso é como um edifício levantado para desafiar os tempos, em *O programa*.

**Ruy de Leão**, imortal que, por sobra de tempo, torna-se a expressão mais alta da ciência humana, em *Ruy de Leão* e *O imortal*.

**Sacristão filósofo**, sacristão que acredita que um homem pode ser avaliado pelos autores que lê, em *Manuscrito de um sacristão*.

**Sales**, sujeito afundado no meio de mapas, cotações de preços, estatísticas e livros, adocece por suposto excesso de trabalho cerebral, em *Sales*.

**Sara**, coração virgem que lê *Paulo e Virgínia* em *Questão de vaidade*.

**Sara**, moça entusiasta dos grandes nomes literários da época, em *Uma águia sem asas*.

**Severiano**, sujeito que, lendo, andando e mordendo o bigode, espera o tempo passar em *Trina e una*.

**Silvestre**, garoto que lê uma história da pintura com a alma toda, em *Silvestre*.

**Simão Bacamarte**, alienista que relê todos os escritores árabes e outros, em *O alienista*.

**Simão de Castro**, bancário leitor de Calderón de la Barca e Cervantes em *Um capitão de voluntários*.

**Sr. Mateus**, negociante que consulta um dicionário emprestado em *Um ambicioso*.

**Sr. Veloso**, juiz de fora que diz que as coisas no paraíso terrestre passaram-se de modo diferente do que está contado no primeiro livro do Pentateuco, em *Adão e Eva*.

**Stroibus**, sábio que furta livros da Biblioteca de Alexandria em *Conto alexandrino*.

**Tabelião**, leitor de fábulas em *Vênus! Divina Vênus!*.

**Teófilo**, poeta que até onde sabe é o único leitor da própria obra, em *Possível e impossível*.

**Tio padre**, padre que sabe entremear as orações do breviário com os cantos de Virgílio e Petrarca, em *Possível e impossível*.

**Tito**, jovem poeta que não tem nem dinheiro nem bigode e tem por patrimônio intelectual a leitura do poema português *O hissope*, em *O país das Quimeras* e *Uma excursão milagrosa*.

**Tito**, viajante jovial e folgazão que sempre lê durante duas horas depois do almoço, em *Linha reta e linha curva*.

**Tobias**, matemático canibal que lê *Dom Quixote* em *A vida eterna*.

**Tomás**, marido que lê com a esposa no terraço em *Um quarto de século*.

**Tosta**, leitor do amigo poeta Elisiário em *Um erradio*.

**Valentim Barbosa**, rapaz que segue o *Tratado de paz com os homens*, de Pierre Nicole, não se opondo às paixões e não contrariando as opiniões, em *Astúcias de marido*.

**Valério**, escrevente de cartório e revisor de provas de tipografia, entendedor de estilos de escrita em *Valério*.

**Velho cônego da Capela Imperial**, padre que pretende mergulhar nos livros para escrever a história do reinado de D. Pedro I, em *Casa Velha*.

**Velho letrado**, velho que lê seu livro sobre as origens do Nilo ao protagonista de *Identidade*.

**Veríssimo**, estudante de medicina que se mete consigo mesmo e os livros em *Cantiga velha*.

**Vicente**, rapaz que pega em dois livros para ler mas não os lê, enquanto fuma três charutos, em *Nem uma nem outra*.

**Virgínia**, leitora do *Saint-Clair das Ilhas* em *Anedota pecuniária*.

**X...**, desembargador, lê uma página de Plutarco que acerta de ser a vida de Alcibíades, em *Uma visita de Alcibíades*.

**Xavier**, semeador de idéias, leitor de Milton, Rabelais e Edgar Allan Poe, em *O anel de Polícrates*.

**RODRIGO DE AVELAR BREUNIG**

**VOSMECÊ ASSIM FICA CEGO:  
O PERSONAGEM-LEITOR NOS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS**

**PORTO ALEGRE**

**2006**